



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Faculdade de Engenharia

# **Eco-parque Côa Rupestre** **Coletividade turística autossustentável**

**Ana Carina Pinto Pires**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientador: Prof. Doutor Luís Manuel Ferreira Gomes  
Coorientador: Doutor José Barros Gomes

**Covilhã, Abril de 2016**



# Dedicatória

Aos meus pais, ao meu irmão e aos meus avós



# Agradecimentos

Aos meus pais, irmão e primos pelo carinho, ajuda e compreensão.

Aos meus avós, pelas memórias que me deixaram.

Aos meus amigos de sempre e aos meus amigos encontrados na UBI, por todo o companheirismo e apoio.

À biblioteca Eduardo Lourenço, pelo espaço fornecido

À UBI pelas memórias.

A todos os professores, pelos ensinamentos que me proporcionaram.

Ao meu orientador Luís Ferreira Gomes, pela competência, disponibilidade e bondade.

E ao meu coorientador, que gostei de conhecer e também pela bondade e disponibilidade.



# Resumo

Característica global a humanidade sempre apelou ao conhecimento das raízes humanas bem como á salvaguarda destas, e após o desenvolvimento da movimentação turística o cuidado e a valorização do património cresceram.

Nesta dissertação a arqueologia será uma temática examinada, sendo considerada uma atividade económica, social, geradora de conhecimentos úteis e de serviços fundamentais na sociedade do conhecimento; a arqueologia é também uma disciplina de domínio científico e também impulsionadora e fundamental na criação de serviços que protejam o património.

A apresentação do passado ao público permite um serviço importantíssimo, efetivando para além de um turismo responsável, que tendencialmente estabelece 6% dos postos de trabalho no mundo, um turismo cultural que permite a sobrevivência e o desenvolvimento da história local.

Ao longo do tempo a arqueologia permitiu e fez naturalmente germinar o turismo cultural. O turismo para além do lugar, parte das riquezas inseridas nele e por isso interliga-se com a arqueologia.

Mas para além do turismo ser uma atividade extremamente marcante, atualmente há que ter em conta a falta de planeamento e controlo, pois estes impõem graves impactos ambientais. Por vezes consequências infelizes, devido ao maior risco de estragos, deterioração e até terrorismo perante as massas turísticas.

No entanto nos anos 80 começaram as primeiras análises à conscientização ambiental, e desenvolveu-se o turismo sustentável. Este procura garantir que as políticas turísticas não se concentrem unicamente em necessidades económicas e técnicas, mas que também considerem a preservação do ambiente e as necessidades das populações locais.

Neste caso um parque em Quintãs vai ser o espaço escolhido para a criação de um eco-parque Cõa rupestre. O objetivo é desenvolver o parque de forma a contagiar e a intensificar a valorização do património cultural e paisagístico local.

Culturalmente Quintãs situa-se perto de uma das zonas mais estimulantes do turismo rupestre em Portugal, o Parque Arqueológico do Vale do Cõa. Este tem vindo ao longo do tempo desenvolvendo atividades e infraestruturas que elevam o carisma do conhecimento do período pré-histórico.

Devido ao encontro, de vestígios de um povoado Neolítico no local do parque em Quintãs, este estima vir a fazer parceria com o Parque Arqueológico do Vale do Cõa.

A valorização do património, na proposta desta dissertação é potenciar a zona a ser visitada, a ser explorada e vivida, invocando toda a região para uma intensa comunicação e incentivo à descoberta da história.

## **Palavras-chave**

Arqueologia; Pré-história; Turismo sustentável, Ecoturismo, Eco-parque Rupestre.

# Abstract

The caution and appreciation of patrimony grew after the development of tourist movement.

Global characteristic the humanity always calls by the knowledge of the human roots, as well as the protection these.

In this dissertation the principal of archeology will be analyzed, not such as a scientific dominium, but also as a economic activity with social relevance, it generates useful knowledge and fundamental services in the knowledge society, which is in need to be understood in it's all complexity, while intensive service of knowledge in the cultural and creative industry sector, it is considered fundamental for the creation of a national service that protects the patrimony and that allows the formation of specialist and defense of an interest of public domain.

The presentation of the past to the public allows a very important service, in addition to responsible tourism, which establishes 6% of word wild jobs, allows a cultural tourism that allows the survival and development of local history.

Over time the archeology made germinate naturally the cultural tourism. Tourism combines with archeology.

Besides that the tourism it's an activity extremely important, currently there is to take into account unfortunate consequences, bigger risk of damage, deterioration, and sometimes even terrorism due to the touristic masses in those areas.

However in the 80s they started the first reviews of ambient awareness, and developed sustainable tourism. This seeks to ensure that tourism politics do not focus solely on economic and technical needs, but also consider the preservation of the environment and the needs of local populations.

In this case Quintās will be the space chosen for the creation of a rural Côa eco-park. The objective is to develop the park and elevate the appreciation of cultural and natural patrimony place.

Culturally Quintās is located near one of the most exciting areas of the tourism in Portugal, the Archaeological Park of the Côa Valley. This has been for a long time developing activities and infrastructures that elevate the charisma of knowledge of the pre-historic period.

Due to the meeting, of traces of a Neolithic village in the local park in Quintās, it's estimated make a partnership with the Archaeological Park of the Côa Valley.

The appreciation of the patrimony, in this proposal of this dissertation is to boost the area to be visited, to be explored and lived, relating the entire region inviting to an intense communication and incentive to the discovery of history.

## **Keywords**

Archeology, Pre-historic, Tourism Sustainable, Ecouturism, Eco-park Rural.





# Índice

CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO .....	1
1.1 Objetivos.....	1
1.2 Metodologia .....	2
1.3 Estrutura .....	2
CAPÍTULO 2 -ELEMENTOS DE ARQUEOLOGIA .....	5
2.1.Princípio da Arqueologia .....	6
2.1.1. A origem e o Desenvolvimento da Arqueologia.....	7
2.1.2. Génese do Tempo .....	10
2.1.3. Desempenho da Arqueologia.....	14
2.1.4. Especificidade da Vida Humana Passada .....	16
2.1.5. Intelectualidade da Vida Humana Passada .....	18
2.1.6. Tipo de Sociedades.....	22
2.1.7. Metamorfose da História Humana.....	23
2.1.8. Apresentar o Passado ao Futuro .....	25
2.1.9. O Futuro do Passado .....	27
2.2 Ensaio sobre a arqueologia e Pré-história .....	28
2.2.1 Introdução.....	28
2.2.2. A Formação da Disciplina, desde os precursores até à atualidade. ....	30
2.2.3 Aspetos Gerais .....	32
2.2.4. Idade da Pedra .....	34
2.2.5. Progresso Tecnológico .....	41
2.2.5.1 Evolução dos Utensílios .....	41
2.2.5.2 Da Construção Primitiva à Arquitetura .....	47
CAPÍTULO 3 - ELEMENTOS DE TURISMO.....	55
3.1 Introdução .....	56
3.2 História do Turismo .....	56
3.2.1 Tipos de Turismo .....	58
3.2.2 História do turismo em Portugal.....	59
3.2.3 Benefícios e efeitos negativos do turismo .....	69
3.2.4 Tendências do Turismo Internacional .....	72
3.2.5. Turismo Sustentável.....	74

3.3 Elementos do Ecoturismo .....	76
3.3.1 Introdução .....	76
3.3.2 História do Ecoturismo .....	77
3.3.3. Ecoturismo .....	78
3.3.3.1.Princípios do Ecoturismo .....	79
3.3.3.2.Benefícios e Efeitos Negativos do Ecoturismo .....	80
3.3.3.3.O Ecoturista .....	81
3.3.3.4.O Ecoturismo e Turismo Alternativo .....	82
3.3.4. O Ecoturismo em Portugal .....	83
3.3.4.1 Enquadramento do Turismo Sustentável e Ecoturismo em Portugal .....	83
 CAPITULO 4 – CASO DE ESTUDO ECO.PARQUE CÔA RUPESTRE .....	 87
4.1 Local e Sua Caraterização .....	88
4.1.1 Enquadramento Geográfico .....	88
4.1.2 Elementos Geomorfológicos e Geológicos .....	90
4.1.2.1 Depressão da Vilarica .....	90
4.1.2.2 Depressão de Longroiva .....	93
4.1.3 Zonamento de Condicionantes .....	94
4.1.4 Zonamento de Aplicações .....	95
4.1.5 Rede Viária .....	96
4.1.6 Elementos Climatéricos .....	96
4.1.7 Recursos Naturais.....	100
4.1.7.1 Rios .....	100
4.1.7.2 Fauna .....	101
4.1.7.3 Flora.....	102
4.1.8 Elementos Arqueológicos.....	103
4.1.8.1 Gravuras do Vale do Côa.....	103
4.1.8.2 Outros Elementos.....	104
4.1.9 Aspetos Culturais e Etnográficos .....	104
4.1.9.1 Gastronomia.....	104
4.1.9.2 Região Vinhateira do Alto Douro .....	105
4.1.9.3 Artesanato .....	107
4.1.9.4 Monumentos e Roteiros Turísticos .....	108
4.1.9.5 Pontos de Referência .....	109
4.2 Proposta de Intervenção .....	110
4.2.1 Análise.....	112
4.2.2 Estratégias.....	112
4.2.3. Estratégia programática para a criação das infraestruturas do Eco-parque Côa Rupestre. ....	115
4.2.4 Criação de um sistema para o desenvolvimento das propostas .....	119
 CAPITULO 5 . CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 87

ANEXO DESTACÁVEL - Proposta de intervenção

1.1. Memória Descritiva e Justificativa

1.2. Projeto prático

1.3. Peças de desenho

- 1.3.1.1. Planta de Implantação do Eco-parque - escala 1/1000
- 1.3.1.2. Planta de Implantação do Acampamento rupestre- Bungalows - escala 1/500
- 1.3.1.3. Plantas, Alçados e Cortes do Bungalow - escala 1/100
- 1.3.1.4. Planta Cotada e Acessibilidades do Bungalow - escala 1/100
- 1.3.1.5. Planta Rés-do-Chão do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.6. Planta da Cobertura do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.7. Planta cotada e Acessibilidades do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.8. Alçado Frontal e Lateral Direito do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.9. Alçado Posterior e Lateral Esquerdo do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.10. Cortes do Monumental Menir - escala 1/100
- 1.3.1.11. Pormenores Construtivos escala 1/50 e 1/20



## Lista de Figuras

**Figura 1\_** The Sweet Track, Somerset (um supremo exemplo da engenharia Neolítica com 6000 anos de idade), *in* Burnham, *Megalithic Mysteries* (2007).

Fonte\_ Megalithic M. (2007) "The Sweet Track". Andy Burnham. Site: <http://www.megalithic.co.uk/mm/eng/sweet.htm>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 2\_** Réplica de Smith Woodward do crânio Piltdown (com a adição do fragmento frontal direito), foto de autor anônimo, *in* Mats (2014).

Fonte\_ Mats (2014), "Entre o que tem causas naturais e o que tem causas inteligentes?". Darwinismo. Site: <https://darwinismo.wordpress.com/2014/10/12/pode-a-ciencia-distinguir-entre-o-que-tem-causas-naturais-e-o-que-tem-causas-inteligentes/>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 3\_** "Piltdown Gang" pintura de John Cooke, 1915 (O paleontólogo Arthur Smith Woodward e o arqueólogo Charles Dawson estão em pé, à direita, foram eles que expuseram a fraude do Homem de Piltdown), Nils Jorgensen *in* Mckie (2012).

Fonte\_ Mckie, R. (2012), "Piltdown Man: British archaeology's greatest hoax". The Guardian. Site: <http://www.theguardian.com/science/2012/feb/05/piltdown-man-archaeology-greatest-hoax>, visitado em Julho de 2015.

**Figura. 4\_** Gruta de Lascaux, França. (esta gruta, foi descoberta por um grupo de adolescentes em 1940. Contêm cerca de 600 pinturas de arte Paleolítica, produzidas há mais de 17.000 anos atrás.), Sisse Brimberg, *in* Ferro (2011).

Fonte\_ Ferro A. (2011), "Pinturas rupestres de Lascaux." Geoalverca, site: <http://www.megalithic.co.uk/mm/eng/sweet.htm>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 5\_** Exemplos de fotografias aéreas de "Geoglifos" amazônicos, fotografias por Sergio Valle, *in* Maziero (2009).

Fonte\_ Maziero, D. D. (2009), "Geoglifos do Acre". Arqueologia Americana, site: [http://arqueologiamericana.blogspot.pt/2009\\_11\\_01\\_archive.html](http://arqueologiamericana.blogspot.pt/2009_11_01_archive.html), visitado em Julho de 2015.

**Figura 6\_** O "homem de gelo" (descoberto em 1991 nos Alpes Italianos por uma dupla de alpinistas) *in* Overkamp (2013).

Fonte\_ Overkamp, M (2013), "Otzi - the iceman". South Tyrol Museum of Archaeology, site <http://www.archaeologiemuseum.it/en/node/245>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 7\_** A forma feminina, foi realizada pela mão humana há pelo menos 230 000 anos (Seixo de rocha vulcânica encontrado nos anos 80 em Berekhat Ram, Colinas de Golan, Israel). H. Jensen, *in* Amos (2009).

Fonte\_ Amos J. (2009). "German Venus may be oldest yet" Cookies on the BBC, Site: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/8047319.stm>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 8\_** A forma megalítica de um "menir" europeu. Situado em Portugal, Reguengos de Monsaraz, na reserva Dark Sky em Alqueve (foi descoberto em 1969 por Henrique Pina e José Gonçalves. Tem cerca de 5,6m de altura), *in* CMRM (2015).

Fonte\_ CMRM (2015), "Menir do Outeiro". CMRM, site: <http://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/pt/site-visitatar/concelho/monumentos/Paginas/Menir-Outeiro.aspx>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 9\_** "Stonehenge" - Representa a forma megalítica circular. Situado em Inglaterra, na planície de Salisbury (Stonehenge provém do inglês arcaico, Stone = pedra e henge = eixo, os círculos concêntricos chegam a ter 5m de altura e a pesar 50 toneladas e consta-se que tenha sido contruído em 2600 a.C.), Ken Geiger, *in* Photozine (2015).

Fonte\_ Photozine (2015) "Ken Geiger interview Hipa Winner 2014-2015", Photozine, site: <https://www.ephotozine.com/article/ken-geiger-interview-hipa-winner-2014-2015-27174>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 10\_** Exército do 1º Imperador Qin (Estátuas em terracota, criadas para acompanhar o 1º imperador da China, na sua vida após a morte. Foram descobertas em 1974 por agricultores locais em Xi'na, Shaanxi, construídas entre 210-209 a.C. Consta-se que contem 8000 soldados, 130 carruagens, 520 cavalos entre outros), *in* National Geographic (2010).

Fonte\_ National Geographic (2010) "Foto do dia: Exército de Terracota", Último segundo/Ciência, site: <http://ultimossegundo.ig.com.br/ciencia/foto+do+dia+exercito+de+terracota/n1237883245364.html>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 11\_** Representação (a), e detalhe (b) do Centro Jorvick em lorque, autor anónimo (2012).

Fonte\_ Viagem ao Reino Unido (2012), "Dica de roteiro: York". site:  
<https://viagemreinounido.wordpress.com/tag/jorvik/>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 12\_** "Arte degenerada" (Hitler e as obras confiscadas), ANAREUA, in Gómez (2013).

Fonte\_ Gómez, J. (2013), "Un anciano escondía en Múnich 1.500 obras de grandes maestros". Cultura El País, site:  
[http://cultura.elpais.com/cultura/2013/11/03/actualidad/1383505840\\_170909.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2013/11/03/actualidad/1383505840_170909.html), visitado em Julho de 2015

**Figura13\_** "Pegada humana" (tem cerca de 25 000 anos, foi encontrada na Serra Tarahumara, México), in Castro (2011).

Fonte\_ Castro C. (2011), "Pegadas de 25 mil anos são encontradas no México". Arquivos Insólitos, site:  
<http://arquivosdoinsolito.blogspot.pt/2011/09/pegadas-de-25-mil-anos-sao-encontradas.html>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 14\_** Cronologia da Pré-histórica, (a partir de Arruda,1993).

Fonte\_ autor (2015) in Arruda J. J. A. (1993), História antiga e medieval, 16ª ed. São Paulo, Editora Ática, 528 p.

**Figura 15\_** Evolução Humana durante o período paleolítico (a partir de Arsuaga (2001).

Fonte\_ autor (2015) in Arsuaga (2001) *El enigma de la esfinge: las causas, el curso y el propósito de la evolución*. Barcelona, Plaza & Janés Editores, S. A. Col. Areté, 470 p.

**Figura 16\_** Representação esquemática sobre a emigração humana no período Paleolítico, in National Geographic (2013).

Fonte\_ NG (2013), "The human Journey: Migration Routs." NG, site:  
<https://genographic.nationalgeographic.com/human-journey/>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 17\_** Jericó, a cidade existente mais antiga do mundo. (Iniciada no período Neolítico), in Caravanas Terra Santa (2014).

Fonte\_ Caravanas de Terra Santa (2014), "Jericó: a cidade mais antiga do mundo". Site:  
<http://caravanaterrasanta.sendtur.com.br/jerico-a-cidade-mais-antiga-do-mundo/>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 18 e 19\_** Cidade Çatal Hüyük (Iniciada no período Neolítico), in Genealogy of Religion (2011).

Fonte\_ Genealogy of Religion (2011), "Community & Kinship at Catalhoyuk", site:  
<http://genealogyreligion.net/tag/catalhoyuk>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 20\_** Cidade de Palagan, Irã, Iraque (esta figura demonstra a morfologia da cidade), fotografia de Amos Chapple, in National Geographic (2012).

Fonte\_ NG (2012), "Photo Contest 2012" NG, site: <http://ngm.nationalgeographic.com/ngm/photo-contest/2012/entries/gallery/places-week-12/>, visitado em Julho de 2015.

**Figura 21\_** Primeira tentativa de se estabelecer uma sequência de eras baseadas nos materiais, in Navarro (2006).

Fonte\_ Jorge. V. (1987), "Projetar o passado", Editorial Presença, Lda.,

**Figura 22\_** Distribuição cronológica atualmente mais aceita das eras da humanidade, in Navarro (2006).

Fonte\_ Jorge. V. (1987), "Projetar o passado", Editorial Presença, Lda.,

**Figura 23\_.** Bifaces Primitivos "Coup-de-ping" (Picos de mão, instrumentos do Paleolítico Inferior, estes foram encontrados em Chelles, França, a dimensão normalmente varia entre os 10 e 15cm de comprimento), in Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972), "História da Arte", Portugal - Brasil, Lisboa

**Figura 24\_** Bifaces Primitivos (Instrumentos pertencentes ao Paleolítico Intermédio e Superior, revelam uma maior variedade de formas conscientes e simétricas. A figura 1 e 2 são raspadeiras, a 3,4,5 são lâminas, a 6 ponta de osso, a 7 buril, a 8 e 9 são furadores.), in Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 25\_** Pontas de seta (Instrumentos Neolíticos, com pontas em forma foliáceas ou geométricas, as figuras de 1,2,3,4,5,6,7 e 8 foram encontradas no Egípto, as figuras,9,10,11,12,13 e14 foram encontradas no Sul da Europa), in Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 26\_** Punhais (A e B) e Machados Primitivos (C e D) (Instrumentos Neolíticos, encontrados na Escandinávia), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 27\_** Vasos de cerâmica (Vasos neolítico, modelos encontrados no Sul da França), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 28\_** Esculturas do período Paleolítico (encontradas em França), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 29\_** Representações do período paleolítico (Encontradas em Madalense - Altemira), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 30\_** “ *La Cueva de la Aranã*” (Uma das raras apresentações “ narrativas” pré-históricas da arte espanhola. Uma história contada por imagens, neste caso retrata a última fase de uma espera às cabras acoçadas por batedores), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 31\_** Cerâmica incisa do período Neolítico (estes modelos foram encontrados nas ilhas Cíclades e no mar Egeu), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 32\_** Cerâmicas trabalhadas do período Neolítico (Pratos encontrados em Samarra (A/B) e Arpalchiya (C/D)), *in* Almeida (1972).

Fonte\_ Almeida J. (1972) "História da Arte", Portugal- Brasil, Lisboa

**Figura 33\_** Forma megalítica de um “Dólmen/Anta” (situado na Pera-do-Moço, na cidade de Guarda, Portugal), *in* Lopes (2010).

Fonte\_ Lopes S. (2010), “*A Anta da Pêra do Moço*”. Os meus Trilhos, site:

<http://www.osmeustrilhos.pt/2010/08/07/anta-de-pera-do-moco-guarda/>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 34\_** Construção de um dólmen/anta de forma megalítica, *in* Candeán (2010).

Fonte\_ Candeán (2010), “*Áreas Etnoarqueológicas*”, site:

<http://areasetnoarqueologicas.vigo.org/candean#infografias>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 35\_** Construção de um “menir” de forma megalítica, *in* Candeán (2010).

Fonte\_ Candeán (2010), “*Áreas Etnoarqueológicas*” site:

<http://areasetnoarqueologicas.vigo.org/candean#infografias>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 36\_** Casa subterrânea nas ilhas Aleutas, *in* Weimer (2014).

**Figura 37\_** Casa Anuvialiut (esquimó), Alasca, EUA, *in* Weimer (2014).

**Figura 38\_** Casa subterrânea Pauni, Kansas, EUA e Casa subterrânea Muioc, Califórnia EUA, *in* Weimer (2014).

**Figura 39\_** Casa subterrânea Miuoc, Califórnia, EUA e Antiga casa subterrânea Aimara, Bolívia, *in* Weimer (2014).

**Figura 40\_** Tenda Tunguso, na Sibéria, Tenda Sioux, Estados Unidos. Tenda Jagão, Terra do Fogo, Chile, *in* Weimer (2014).

**Figura 41\_** Estrutura de tenda lacuto, Sibéria. Construção de um iglu, no Canadá. Estrutura de casa Xavante, Mato Grosso, *in* Weimer (2014).

**Figura 42\_** Acampamento lacuto, Sibéria. Aldeia Coriaco, Sibéria Oriental, *in* Weimer (2014).

**Figura 43\_** Casa subterrânea Nanai, com cobertura de casca de árvore, Sibéria. Casa Gauto, com cobertura de palha, Mato Grosso. Aldeamento Ricbactsa orientado para favorecer a ventilação, Mato Grosso, *in* Weimer (2014).

**Figura 44\_** Tenda Evenqui, Sibéria. Tendões Blackfeet, Mississipi, EUA. Tenda expandida dos Nez Perce, Oregon, EUA, *in* Weimer (2014).

**Figura 45\_** Tenda Chukchi, Sibéria oriental. Tenda Ojibua ou Chpeva, Saskatchewan, Canadá. Casa Kikapo, Califórnia, EUA, *in* Weimer (2014).

**Figura 46\_** Casa Pomo, Coahuila, México. Casa Calapalo, Parque Nacional do Xingu, Mato Grosso. Estrutura de uma casa Carajá, Tocantins, *in* Weimer (2014).

Fonte\_ Weimer G. (2014), “Evolução da Arquitetura Indígena”, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 19 p.

**Figura 47\_** *Mappa Excursionista de Portugal*, sociedade portuguesa de Portugal, 1911 (a). Primeiro cartaz português de Turismo de Portugal (b), in Lousada (2010).

Fonte\_ Lousada, P. (2010), "*Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*", Lisboa, Comissão nacional para as comemorações do centenário da república de Portugal.

**Figura 48\_** Cartaz do IV Congresso Internacional do Turismo em Lisboa, Raúl Lino, 1911, in *Exposições* (2010).

Fonte\_ Exposições (2010), "*Viajar por um centenário mal tratado*", Alexandre Pomar, site: [http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre\\_pomar/2010/07/viajar.html](http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2010/07/viajar.html), visitado em Agosto de 2015.

**Figura 49\_** O Congresso do turismo (Congressistas no Monte de Estoril e em Cascais, durante visita a 15 de Maio e congressistas no Palácio da Pena em Sintra no dia 16 de Maio) fonte de Joshua Benuliel, 1911, in *Ilustrações portuguesas* (1911).

Fonte\_ (1911) "*Ilustrações portuguesas*", Lisboa, nº 275, 29 Maio 1911, visitado em Agosto 2015

**Figura 50\_** A Formosa Lusitana (folheto de divulgação turística da autoria de Alberto Forjaz, 1916 (a)). "Sunny Portugal" (primeiro folheto oficial português da autoria de Henrique Mendonça, 1913 (b)), in *Biblioteca Nacional de Portugal* (2010)

Fonte\_ Biblioteca Nacional de Portugal (2010), "*Viajar*". Site: <http://viajar.centenariorepublica.pt/expo/index.php?start=3>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 51\_** Cartaz da nova rede de caminhos-de-ferro que liga Paris a Lisboa, com passagem pela Beira Alta e Figueira da foz, 1920, in *Biblioteca Nacional de Portugal* (2010).

Fonte\_ Biblioteca Nacional de Portugal (2010), "*Viajar*". Site: <http://viajar.centenariorepublica.pt/expo/index.php?start=3>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 52\_** Barómetro de Conjunturas do turismo para o ano 2015, gráfico 1\_ Europa 2015, gráfico 2\_ Verão de Portugal, gráfico 3\_ Inverno Portugal, in TP (2014).

Fonte\_ TP (2014), "*Barómetro de Conjunturas do turismo para o ano 2015*" Site: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/apoioavenda/visitportugal/Pages/Visitportugalcom.aspx>, visitado em Agosto de 2015.

**Figura 53\_** Introdução do Ecoturismo, proveniente de um conceito de turismo sustentável, introduzido na natureza, Manual de melhores práticas para o ecoturismo, in Mourão (2004).

Fonte\_ Mourão R. (2004), "*Manual de melhores práticas para o Ecoturismo*", Rio de Janeiro, Instituto EcoBrasil

**Figura 54\_** Parcerias necessárias para o sucesso do Ecoturismo, in Drumm & Moore (2002)

Fonte\_ Drumm A. & Moore A. (2002), "*Desenvolvimento do Ecoturismo -Introdução ao Planeamento de Ecoturismo*", The nature Conservancy. Arlington USA.

**Figura 55\_** Localização do Parque Côa Rupestre, em relação a em Portugal (a), e em relação ao IP2 -Nó de Longroiva (b), (a partir de Google Earth 2015).

Fonte\_ Goggle Earth (2015), site: <https://www.google.com/earth/>, visitado em Setembro de 2015

**Figura 56\_** Principais zonas geotectónicas do Maciço Hercínico Ibérico (a). Modelo digital de terreno (b), in GEOTIC (2010).

Fonte\_ GEOTIC (2010), site: [https://www.researchgate.net/profile/Paula\\_Marques\\_Figueiredo/publication/258517847\\_Quaternary\\_seismic\\_activity\\_of\\_the\\_Vilarica\\_fault\\_NE\\_Portugal\\_Preliminary\\_results\\_of\\_a\\_paleoseismological\\_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Paula_Marques_Figueiredo/publication/258517847_Quaternary_seismic_activity_of_the_Vilarica_fault_NE_Portugal_Preliminary_results_of_a_paleoseismological_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf), visitado em Setembro de 2015

**Figura 57\_** Localização da trincheira da Qta. do Vale Meão em imagem do Google Earth (a). Trincheira (b). Estrutura de colapso observada na parede (c). Falha observada na parede da trincheira (d), in GEOTIC (2010).

Fonte\_ GEOTIC (2010), site: [https://www.researchgate.net/profile/Paula\\_Marques\\_Figueiredo/publication/258517847\\_Quaternary\\_seismic\\_activity\\_of\\_the\\_Vilarica\\_fault\\_NE\\_Portugal\\_Preliminary\\_results\\_of\\_a\\_paleoseismological\\_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Paula_Marques_Figueiredo/publication/258517847_Quaternary_seismic_activity_of_the_Vilarica_fault_NE_Portugal_Preliminary_results_of_a_paleoseismological_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf), visitado em Setembro de 2015.

**Figura 58\_** Vista geral da Depressão de Longroiva, in Proença Cunha *et al.* (2000)

Fonte\_ Proença Cunha P. & Insua Pereira D. (2000), "*Evolução cenezóica da área de Longroiva - Vilarica (NE Portugal)*", Grupo de estudos dos ambientes sedimentares; Centro de Geociências da Univ. Coimbra; Departamento de Ciências da Terra, Univ. Coimbra; Centro de Ciências do Ambiente/Ciências da Terra, Univ. do Minho. Campus de Gualtar, Braga. pp.89-98 (1º foto).

**Figura 59\_** Planta de Condicionantes (a partir de CR, 2015)

**Figura 60\_** Planta de zonamento de aplicações (a partir de CR, 2015)

**Figura 61\_** Planta de Rede Viária (a partir de CR, 2015)

Fonte\_ CR (2015), *Projeto Eco-parque Cõa Rupestre*, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Cõa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., prof. Luís Ferreira Gomes, UBI.

**Figura 62\_** Temperatura do ar na Guarda entre 1971 e 2000, *in* IPMA (2011)

**Figura 63\_** Temperaturas máximas nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011, *in* IPMA (2011)

**Figura 64\_** Temperaturas mínimas nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011, *in* IPMA (2011)

**Figura 65\_** Insolação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011, *in* IPMA (2011)

**Figura 66\_** Precipitação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011, *in* IPMA (2011)

Fonte\_ IPMA (2011), *Junta Autónoma das estradas de Portugal*, Instituto Português do Mar e da Atmosfera, Ministério da Agricultura e do Mar, Lisboa, site:

<http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.localidade/?localID=9&cidadeID=10>, visitado em Setembro de 2015.

**Figura 67\_** Vista do rio Douro (de uma das muitas quintas que compõem a zona-Quinta do Tedo) e Rio Cõa (ponte do Pocinho) respetivamente da esquerda para a direita, *in* autor (2015) e Nuno Rocha (2008).

Fonte\_ autor (2015), e Rocha N. (2008), site: [https://www.flickr.com/photos/nunorocha/2305318961\\_](https://www.flickr.com/photos/nunorocha/2305318961_), visitado em Setembro de 2015.

**Figura 68\_** Galactites tomentosa; Digitalis purpúrea; Echium plantagineum e Papaver rhoeas (a partir de CR,2015).

Fonte\_ CR (2015), *Projeto Eco-parque Cõa Rupestre*, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Cõa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., prof. Luís Ferreira Gomes, UBI.

**Figura 69\_** Representação de locais com interesse rupestre no PAVC, *in* IGESPAR (2010).

Fonte\_ IGESPAR (2010), site: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/323273/>, visitado em Setembro de 2015.

**Figura 70\_** Gravuras do PAVC, fotografia noturna, *in* Sabor Douro e Aventura (2010).

Fonte\_ Sabor Douro e Aventura (2010), site: <http://www.sabordouro.com/Actividades/ver/21>, visitado em Setembro de 2015.

**Figura 71\_** Pombal exterior e interior (1/2), Mina (3), Arrumo antigo (4), Forno antigo (5), Moinho de água (6), vestígios Neolíticos (7/8), local do antigo “possível” povoado pré-histórico (9) (a partir CR,2015).

Fonte\_ CR (2015), *Projeto Eco-parque Cõa Rupestre*, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Cõa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., prof. Luís Ferreira Gomes, UBI.

**Figura 72\_** Vistas da Região Vinhateira do Alto Douro, *in* diário de Trás-os-Montes (2001).

Fonte\_ Diário de Trás- os- Montes (2001), site:

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/323273/>, visitado em Setembro de 2015.

**Figura 73\_** Tecelagem; Olaria; Latoaria; Cestaria (da esquerda para a direita), *in* MM (2015).

Fonte\_ Município de Mêda (2015), site: <http://www.cm-meda.pt/municipio/Paginas/default.aspx>, visitado em Setembro de 2015

**Figura 74 -** Relação da estrutura do trabalho com os objetivos da presente dissertação

Fonte\_ autor. Setembro 2015.

**Figura 75\_**Esquema dos elementos e zonas de interesse - A (zona adjacente à entrada principal do parque), B (mina e tanque), C (arrumos), D (ruínas e antigo forno), E (edifício principal), F (Pombal), G (Mina de água), H (zona de vestígios neolíticos), I (zona para planeamento de habitações), J (ribeira), K (zona alagada), L (lagoa), (Ver Fig. 71) (a partir de Google Earth, 2015).

Fonte\_ Goggle Earth (2015), Zona de Quintãs, Longroiva, Portugal. site: <https://www.google.com/earth/>, visitado em Setembro de 2015

**Figura 76\_**Esquema dos percursos do Eco.parque. (a partir de Google Earth, 2015).

Fonte\_ Goggle Earth (2015), Zona de Quintãs, Longroiva, Portugal. site: <https://www.google.com/earth/>, visitado em Setembro de 2015

**Figura 77**\_Vista parcial do Eco-parque.

Fonte\_ autor. Setembro 2015.

**Figura 78**\_Implantação da proposta do Eco-parque Cõa Rupestre.

Fonte\_ autor. Setembro 2015.

**Figura 79**\_Vista parcial da paisagem do local onde será implantado o acampamento rupestre.

Fonte\_ autor. Setembro 2015.

**Figura 80**\_Vista do local onde será implantado o Monumental menir

Fonte\_ autor. Setembro 2015.

**Figura 81**\_ Impressão digital, vista aérea de uma vinha vinícola do Douro, *in* IGESPAR, (2010).

Fonte\_ IGESPAR (2010), site: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/323273/>, visitado em Setembro de 2015.

**Figura 82**\_ Síntese do esquema conceptual dos edifícios a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor, 2015).

Fonte\_ autor. Setembro de 2015

**Figura 83**\_ Síntese do esquema conceptual do alojamento do acampamento rupestre, a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor, 2015).

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

**Figura 84**\_ Implantação do acampamento rupestre no Eco-parque Cõa Rupestre.

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

**Figura 85**\_ Implantação de um dos bungalows no acampamento rupestre, *in* anexos (autor, 2015).

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

**Figura 86**\_ Alçado de um dos bungalows no acampamento rupestre, *in* anexos (autor, 2015).

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

**Figura 87**\_ Síntese do esquema conceptual do Monumental Menir, a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor, 2015).

Fonte\_ autor. Setembro de 2015

**Figura 88**\_ O auroque, e cabras de montanha, e a cabra montesa no centro (a partir CR,2015).

Fonte\_ CR (2015), *Projeto Eco-parque Cõa Rupestre*, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Cõa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., (s/n).

**Figura 89**\_ Alçado Frontal do monumental menir, *in* anexos (autor, 2015).

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

**Figura 90**\_ Implantação do monumental menir, *in* anexos (autor, 2015).

Fonte\_ própria. Setembro de 2015

## Lista de Tabelas

**Tabela 1** - Principais pontos de referência e úteis a um projeto de turismo na esfera do Parque Cõa rupestre, *in* MM (2015).

Fonte\_ Município de Mêda (2015), site: <http://www.cm-meda.pt/municipio/Paginas/default.aspx>, visitado em Setembro de 2015.





# Lista de Acrónimos

a.C. - Antes de Cristo

AGNU - Assembleia Geral das Nações Unidas

AIEST - *Association Internationale des Experts Scientifique di Tourism* (Associação Internacional de Especialistas Científicos em Turismo)

ANAREUA - Administração Nacional de Arquivos e Registos dos Estados Unidos

ARHNorte - Adversting Robot by Hugo Norte

BBC - British Broadcasting Corporation

C<sub>14</sub> - carbono 14 radioativo

CIAM - Congresso Internacional da Arquitetura Moderna.

CMRM - Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz

d.C. - Depois de Cristo

E.N. - Estrada Nacional

IHGRGS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IM - Instituto de Meteorologia

IP - Itinerário Principal

IPA - Instituto Português da Arqueologia

IST - Instituto Superior Técnico

IUCN - *International Union for Conservation of Nature* (União Mundial para a conservação da Natureza)

PDM - Plano Diretor Municipal

MM - Município de Mêda

NG - National Geographic

NU - Nações Unidas

OCDE - Organização para a cooperação e Desenvolvimento Económico.

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONGs - Organizações não-governamentais

ONU - Organização da Nações Unidas

PAVC - Parque Arqueológico do Vale do Côa

PNTN - Programa Nacional de Turismo de Natureza

PNUA - Programa das nações Unidas para o Ambiente

RAN - Reserva Agrícola Nacional

REN - Reserva Ecológica Nacional

SPP - Sociedade de Propaganda de Portugal

TP - Turismo de Portugal

UBI - Universidade da Beira Interior

UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e cultura.



# CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO

## 1.1 Objetivos

Esta dissertação tem como principais objetivos:

- Compreender e aprofundar o conhecimento sobre o papel da cultura, da história, e do turismo sustentável nas sociedades.
- Compreender as infraestruturas e os espaços rurais culturais e inovadores que potenciem o turismo sustentável/ecoturismo de áreas de baixa densidade populacional.
- Traçar um conjunto de estratégias que sejam capazes de contribuir para uma riqueza rural, que estimule as práticas eco-sustentáveis, e envolvimento dos visitantes e cidadãos na prática da arqueologia.

Com este trabalho propõe-se fazer uma reflexão sobre o princípio da arqueologia como política científica, renovadora e como geradora de um conhecimento útil; potencializando as atividades económicas, sustentáveis, ecoturistas e prestando serviços que protejam o património local.

Um dos objetivos desta dissertação é potenciar a história local, a educação ambiental e explicitar e especificar métodos de infraestruturas, que respondam às necessidades e valorização do local.

De forma a desenvolver e dinamizar a história de zonas de despovoamento humano, é essencial propor neste futuro Eco-parque, em Quintãs na freguesia de Longroiva, um conjunto de estratégias. Possibilitando que soluções arquitetónicas tornem a história e a paisagem envolvente impulsionadoras da transformação social, económica e educação de futuros especialistas.

Devido ao encontro, em Quintãs, de vestígios de um antigo povoado pré-histórico, as soluções serão uma oferta criativa de equipamentos culturais, habitacionais e de lazer que colaboram com o conhecimento do período histórico “Idade da Pedra”. Considerando também que o espaço de Quintãs se situa próximo de uma das zonas do país com uma das mais importantes pegadas pré-históricas, como as gravuras rupestres em Vila de Foz Côa, é também ambição conjugar toda a história desta zona e impulsionar a uma afirmação mais forte de toda a história envolvente.

Quintãs fica também adjacente a uma rica beleza natural e cultural, desde vales profundos serpenteados por socalcos de vinhas formosas, aos parques naturais como o Douro, Alvão e Montesinho.

Embora, por vezes, a zona “centro-norte interior” do país seja pouco valorizada, ambiciona-se gerar atratividade por esta zona, tanto pelo lazer, como pela curiosidade em querer saber mais sobre a “grande pegada” pré-histórica do homem. Uma pegada com mais de 98% da existência humana, com grandes “capítulos” perdidos à procura de serem reencontrados.

## **1.2 Metodologia**

A metodologia de trabalho desenvolve-se em várias fases, como se apresenta de seguida.

A primeira fase metodológica consistiu na recolha de informação sobre o local, nomeadamente em Quintãs na Longroiva do concelho de Mêda e distrito da Guarda; para isso exerceu-se a visita ao local, discussão das potencialidades locais com habitantes da zona, arqueólogos, e reflexão desta visita e das opiniões facultadas.

A segunda fase, consistiu na recolha e tratamento de informação para a realização de todo o enquadramento teórico da temática, com análises servindo também como fundamento às metas projetuais posteriormente usadas no projeto. Esta informação foi retirada e pesquisada em livros, teses, artigos científicos, internet e revistas relevantes para a temática tratada. Com principal relevância o papel da arqueologia, a sua importância, o desempenho da arqueologia na história, na vida humana, na intelectualidade da vida humana, os tipos de sociedades, a metamorfose ao longo dos anos da abordagem ao passado, as formas de apresentar o passado ao futuro, a importância do período pré-histórico na humanidade, a evolução tecnológica presente neste período bem como o nascimento da arquitetura/construção. Assim como o entendimento do conceito Turismo, a sua performance no mundo e em Portugal, a sua história, a sua caracterização, os benefícios e efeitos negativos do turismo, o surgimento da consciência ambiental, a nascerça do turismo sustentável, do ecoturismo, e o papel deste nas sociedades.

Numa terceira fase consolidaram-se os principais objetivos e ideias geradoras concetuais ao lugar. Este serviu de mote ao processo criativo e deu suporte às decisões tomadas na proposta arquitetónica, que foi construída. A estratégia da construção do Eco-parque rural, envolveu o cariz cultural e a apreciação dos recursos naturais do local.

Uma quarta fase e última, foi dedicada à criação e realização do projeto arquitetónico com aplicação dos vários conceitos em estudo e elaborou-se a presente dissertação.

## **1.3 Estrutura**

A dissertação está estruturada em duas partes principais.

A primeira parte constitui todo o enquadramento teórico e é composta por cinco capítulos. O Capítulo 1 - Introdução, é essencialmente dedicado à apresentação dos objetivos e aspetos metodológicos. O Capítulo 2 - dedica-se a elementos de Arqueologia, contextualizando o

papel da Arqueologia e o período histórico da Pré-história, bem como o princípio da Arquitetura/Construção. O Capítulo 3 - que contextualiza os elementos do Turismo, dá forma ao surgimento do Turismo e à importância de uma prática Eco, bem como o esclarecimento do conceito Turismo sustentável e Ecoturismo. No Capítulo 4, apresenta-se o desenvolvimento de aspetos conceptuais e de criação que levaram ao desenvolvimento efetivo do projeto prático, salientando a análise do lugar, bem como as estratégias aplicadas à conceção das soluções arquitetónicas atingidas. Por fim, o Capítulo 5, em jeito de conclusões apresentam-se algumas considerações finais.

A segunda parte constitui os elementos projectuais propriamente ditos, integrando essencialmente peças desenhadas a várias escalas, associando-se ainda uma parte de texto sucinta designada por memória descritiva; todos estes elementos se integram no presente trabalho no designado Anexo Destacável.



## CAPÍTULO 2 -ELEMENTOS DE ARQUEOLOGIA



Arqueologia experimental em Foz Côa, *in* Fundação Côa Parque (2010)

## 2.1.Princípio da Arqueologia

*“Há poucos passatempos que possam tornar alguém tão saudável e filosófico como a arqueologia pré-histórica.”*

In The Times (Bahn,1996)<sup>1</sup>

A palavra “Arqueologia” tem origem na palavra grega “Archaiologia”, em que “Archaio” significa passado/antigo e “Logia” que vem de “Logos” significa ciência/estudo. Somando-se essas duas palavras, a Arqueologia define-se como uma “curiosidade de olhar para trás” ou seja uma ciência que estuda o passado, como elucida William Camden o primeiro grande antiquário inglês. A Arqueologia começa após o surgimento dos primeiros “artefactos” humanos reconhecíveis, que de acordo com os dados históricos isso terá acontecido na África oriental há cerca de 2,5 milhões de anos. Sendo a arqueologia uma disciplina que abrange a nossa história e que varia por uma variável gama de matérias, desde fósseis humanos, estudo de utensílios de pedras naturais, até à análise de fotografias de satélite em selvas, cavernas ou montanhas, arqueologia é uma disciplina que inevitavelmente nunca se conclui totalmente, pois ao longo do tempo haverá sempre assuntos arqueológicos por investigar (Bahn,1996).

Ao longo do tempo, não só os instituídos em cursos universitários de arqueologia contribuíram para o desenvolvimento da arqueologia, como também os “amadores” foram um importante apoio a esse desenvolvimento. De facto, muitos “ amadores” podem ser muito mais conhecedores do que os “profissionais” - “e a maior parte das vezes são mais dedicados do que aqueles que vêm a arqueologia somente como uma carreira, em vez de algo que inflama as suas paixões e consome os seus fins-de-semana e qualquer pedacinho de tempo livre”. Mas, apesar de ao mesmo tempo, ser um assunto que a maior parte do público acha cativante, e que contribui consideravelmente para o turismo mundial, a arqueologia é, inegavelmente, um assunto de “luxo”, que necessita constantemente de justificar a sua existência (Mcintosh,1986).

*“ Uma grande parte da ciência funciona contando histórias - no bom sentido, mas histórias apesar de tudo. Considerem os cenários tradicionais da evolução humana - contos de caçadas, de fogueiras, de cavernas escuras, de rituais, de fabrico de utensílios, de chegada à maturidade, de luta e morte. Quanto disso tudo se baseia em ossos e artefactos e quanto nas normas da literatura?*

In The Times (Gould,1999)<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Paul Bahn, um arqueólogo e escritor britânico.

<sup>2</sup>Stephen Jay Gould. Foi um dos maiores paleontologistas e ensinou geologia em Harvard durante muitos anos.

Arqueologia é também uma disciplina em cujo, trabalho, se pode experimentar um imenso “prazer” e que permite conhecer, e teorizar pensamentos interessantes. A maioria das pessoas tem a particularidade de sentir curiosidade pelo passado e uma vez que ninguém “sabe” o que aconteceu em todo o passado, a pesquisa arqueológica nunca chegará ao fim. As teorias irão aparecer e desaparecer e novos dados ou descobertas irão alterar a ficção aceite, que constitui a visão ortodoxa do passado. “Tal origina uma busca perpétua, e nunca realmente uma descoberta; gera uma viagem eterna, sem nenhum autêntico ponto de chegada. É um conjunto de tentativas, onde nada é definitivo, mas que fornece uma forte gratificação por cada pequeno passo pela busca do conhecimento” (Mcintosh,1986).

*“ Uma verdade científica não triunfa porque convence os seus opositores e os faz ver a luz, mas porque os seus opositores morrem e uma nova geração, familiarizada com ela, atinge a maturidade”*

In Max Planck (Weir,2009)<sup>3</sup>

### **2.1.1. A origem e o Desenvolvimento da Arqueologia**

A maior parte dos seres humanos tem algum interesse pelo passado, na verdade esta deve ser uma das características da humanidade. Parece provável que os seres humanos, sintam curiosidade a propósito dos vestígios deixados pelos seus antecessores e há muitos casos de antigas culturas que parecem ter colecionado ou mesmo estimado objetos antigos. Por exemplo, uma princesa trácia do século V, nos Balcãs, tinha uma coleção de machados da idade da pedra no seu túmulo e é sabido que o mais antigo arqueólogo conhecido foi Nabonidus, rei da Babilónia (Bahn,1996).

Isto não significa que os arqueólogos tenham tido sempre a mesma atitude. De facto, na Grécia, nos primeiros séculos da era cristã, o termo definia uma categoria de atores que recriavam lendas antigas. O termo “arqueologia”, tal como hoje é conhecido, foi reinventado pelo médico Jacques Spon (Bahn,1996).

Para além da disparidade do termo, o interesse pelo passado já no período romano levou os soldados de Júlio César, ao descobrirem muitos túmulos de grande antiguidade quando estavam a fundar as colónias na Itália e na Grécia, a saquearam-nos à procura de vasos de cerâmica e objetos em bronze, que seriam depois vendidos em Roma por preços elevados, um exemplo de pilhagem de túmulos e de comércio de antiguidades. O próprio imperador Augusto, colecionava enormes esqueletos marinhos e terrestres extintos, conhecido popularmente como “ossos de gigantes” e armas de antigos heróis. Nos tempos medievais, as pessoas de Europa andavam intrigadas com os “ vasos mágicos”, potes (provavelmente urnas crematórias) que emergiam misteriosamente do chão por causa da erosão ou da ação de

---

<sup>3</sup> Max Planck, considerado o “pai” da física quântica e um dos físicos mais importantes do séc. XX.

animais que escavavam tocas. Ao mesmo tempo, sílices<sup>4</sup> trabalhados por seres humanos e machados de pedra polida apareciam constantemente a agricultores que lavravam os terrenos. Estes artefactos eram muitas vezes usados como amuletos. Mas mais tarde, apercebendo-se que estes artefactos eram de facto relíquias de origem humana, produzidas por povos antigos, nasceu a vontade de colecionar. Tal como a descoberta de esculturas gregas e romanas que suscitou os artistas contemporâneos ao estudo das formas clássicas, enquanto as famílias abastadas começavam a colecionar e a ostentar antiguidades clássicas (Dark,1995).

No entanto foi somente no século XVI que, na Europa, alguns estudiosos começaram a pôr em causa a importância do verdadeiro significado da palavra “arqueologia”. Francis Bacon, citava que “ os tempos mais antigos (exceto o que deles está preservado nas escrituras) estão enterrados em silêncio e esquecimento”<sup>5</sup>. Todavia os estudiosos reconheceram que a informação acerca do passado antigo poderia ser obtida através do estudo dos monumentos dispersos no território e não só dos dados escritos (Fagan,1996).

Nos séculos XVII e XVIII o interesse por esta atividade, começou a ser cada vez mais constante, sendo acompanhado por um aumento do número de escavações. Enquanto a maior parte, destas intervenções tinha como objetivo retirar objetos do solo, alguns pioneiros começaram a entender o trabalho como uma análise delicada, e observaram as relações dos artefactos com as diferentes camadas (os objetos das camadas superiores tendiam a ser mais recentes do que os objetos nas camadas inferiores). Esta nova forma de leitura do solo e da paisagem, como se de um documento se tratasse, levou a uma “febre” de escavações (Fagan, 1996).

No século XIX a arqueologia começou a olhar os vestígios do passado de forma ainda mais científica e sistemática. Esta forma, levou a arqueologia, pelo final do século XIX, a ser vista como um empreendimento com muitos dos “grandes” a trabalhar arduamente, desde Petrie<sup>6</sup> no Egipto, a Koldewey<sup>7</sup> na Babilónia, Schiliemann<sup>8</sup> no Egeu, e Pitt-Rivers<sup>9</sup> na Grã-Bretanha.

---

<sup>4</sup> Sílices, são rochas (que mostram uma dureza extraordinária) normalmente utilizadas para ferramentas pré-históricas.

<sup>5</sup> Francis Bacon, foi um político, filósofo e ensaísta inglês, barão de Verulam (ou Verulamo ou ainda Verulâmio), visconde de Saint Alban. É considerado o fundador da ciência moderna.

<sup>6</sup> William Matthen Flinders Petrie, foi um arqueólogo e egiptologista britânico que nasceu em 1853. Um pioneiro em arqueologia que inventou um método para reconstituir a sequência histórica.

<sup>7</sup> Robert Johann Koldewey, foi um arqueólogo alemão que nasceu em 1855. Ficou famoso pela profunda investigação da antiga cidade de Babilónia e desenvolveu várias técnicas modernas arqueológicas.

<sup>8</sup> Heinrich Schiliemann, nasceu em Nápoles em 1890, foi um arqueólogo defensor das obras de Homero e descobridor de sítios como Troia e Micenas.

Para a maior parte dos pioneiros a arqueologia não se tratava já de uma caça ao tesouro, mas da busca de informação e de um meio de obter respostas para perguntas específicas (Fagan, 1996).

Ao longo do século XX graças aos esforços de uma série de grandes figuras ,como Wheeler<sup>10</sup>, na Grã-Bretanha e na Índia, Reisner e Wooley<sup>11</sup> no Próximo Oriente, Uhle e Kidder<sup>12</sup> na América, e Bordes e Leroi-Gourhan<sup>13</sup> em França, a arqueologia transformou-se num empreendimento, utilizando conhecimentos especializados e recorrendo a investigadores de variadíssimas áreas - desde geofísicos, fotógrafos, zoólogos, botânicos, químicos, geneticistas a uma gama de cientistas que conseguem produzir datas a partir de material arqueológico ou dos sedimentos que os envolvem (Fagan, 1996).

A arqueologia foi desenvolvendo principalmente duas tendências. Primeiro a escavação que se tornou num processo lento e árduo. Ao invés da escavação com picaretas e explosivos como no passado, cada camada é agora cuidadosamente removida com uma pá, um colherim ou um pincel, e toda a terra é peneirada. Por exemplo, o fundo do Poço dos Ossos em Atapuerca, Espanha, uma câmara no interior de uma gruta que contém esqueletos de uma grande quantidade de indivíduos desde há pelo menos 200 000 anos. Neste poço são extraídos apenas cerca de 65 cm de terra em cada mês de Julho, isto permite retirar cerca de 300 ossos humanos, e depois cada um é limpo, consolidado e conservado. O trabalho é incrivelmente meticuloso e os sedimentos restantes são lavados e peneirados de forma muito cuidadosa para que até os minúsculos ossos do ouvido interno sejam recuperados (Fagan, 1996).

A segunda tendência principal, devido ao desenvolvimento de novas técnicas e análises científicas, é a aquisição de diversas quantidades de material distribuídos em vários “tipos”. Por exemplo, “no passado, um caco teria simplesmente sido classificado como um tipo, com base na sua forma, no material de que era feito e na sua decoração, caso tivesse alguma.

---

<sup>9</sup> Augustus Henry Pitt Rivers, foi um britânico nascido em 1900, para além de arqueólogo foi graças à sua coleção de 22.000 objetos que se inaugurou o Museu Pitt Rivers em Oxford.

<sup>10</sup> Mortimer Wheeler, nasceu na Escócia em 1890, foi um pioneiro no uso da estratigrafia nos estudos arqueológicos.

<sup>11</sup> George Andrew Reisner, nasceu nos EUA em 1867, e Leonard Wooley, nasceu em Londres em 1856, foram grandes impulsionadores arqueólogos e descobridores de sítios arqueológicos no Egipto, Palestina e Gilgamesh.

<sup>12</sup> Max Uhle, nasceu na Alemanha em 1856, e Alfred Kidder, nasceu nos EUA em 1863. Uhle foi o iniciante da arqueologia no Peru e descobriu a cultura “ Moche”. Kidder foi um modernizador da arqueologia na América do Norte.

<sup>13</sup> François Bordes, nasceu em França em 1919, e André Leroi-Gourhan nasceu em França em 1911. Bordes contribuiu imenso para a história do Paleolítico inferior e médio. E Gourhan contribuiu para a reestruturação da arqueologia.

Agora, no entanto, podemos obter uma discriminação detalhada dos seus materiais constituintes básicos, o que nos permite detetar a sua origem, saber a que temperatura foi cozido e com que materiais a argila foi misturada; o próprio vaso pode ser datado através da técnica da termoluminescência”<sup>14</sup> (Fagan, 1996).

A partir dos anos 60, os arqueólogos passaram a ter uma maior confiança na capacidade da sua disciplina contribuir de forma única para o estudo do comportamento humano, e isto foi especialmente importante, dadas as relações dos arqueólogos com as outras disciplinas irmãs, como é o caso da Antropologia (Bahn,1996).

A Antropologia divide-se em antropologia social, que estuda a cultura e as sociedades humanas, e antropologia física estuda as características físicas dos seres humanos e a sua evolução. A arqueologia é considerada uma parte integrante da antropologia, considerada o “pretérito perfeito da antropologia cultural”. Uma evidente diferença fundamental entre a antropologia e arqueologia são os antropólogos, que na maior parte trabalham no presente, estudando o comportamento humano. Já os arqueólogos têm de reconstituir comportamentos. Para isso precisam de partir do pressuposto que o comportamento humano se tem mantido inalterado desde, pelo menos, o aparecimento de “seres humanos anatomicamente modernos”. As mesmas presunções têm de ser feitas também acerca dos animais e plantas, supondo que o seu comportamento, gosto, tolerância climática, ambiente ou solo e humidade foram sempre os mesmos. Isto significa partir de pressupostos ilimitados, especialmente porque nunca podemos ter a certeza de que serão comprovados, mas são no entanto cruciais, já que, sem eles, a arqueologia não poderia simplesmente funcionar e avançar (Bahn,1996).

Existe também a história, esta poderia ser descrita como a ponta do iceberg da arqueologia, já que esta é a única fonte real que fornece à história mais de 99% de informação acerca do passado humano. Os registos escritos começaram, apenas, por volta de 3000 a.C. na Ásia ocidental e mais tarde no resto do mundo. Mas mesmo nos períodos históricos após a invenção da escrita, a informação derivada dos dados da arqueologia são um valioso complemento daquilo que é conhecido através de textos. (Bahn,1996).

### **2.1.2. Génese do Tempo**

Existir uma cronologia por onde os arqueólogos se possam orientar é essencial. Recentemente havia apenas duas maneiras de datar cronologicamente: a “datação relativa” e a “datação histórica”. Quanto à “datação relativa”, esta cuida de colocar coisas, objetos, depósitos, acontecimentos e culturas numa sequência. Ou seja o estudo da forma como as

---

<sup>14</sup> Termoluminescência, “datação termoluminescência”, usada normalmente para datar cerâmica e sílices.

camadas se sobrepõe umas às outras (estratigrafia). De modo geral, o nível subjacente foi depositado primeiro, e por isso tem uma data anterior à camada que se lhe sobrepôs, e o mesmo se aplica aos objetos encontrados nestas camadas, a não ser que tenha ocorrido alguma perturbação pela parte de animais, escavações, erosão e redes-posição de sedimentos. Outra característica da “datação relativa” é a tipologia, que consiste no agrupamento de objetos em tipos, que partilham as mesmas aparências em termos de matéria-prima, forma ou decoração (Aitken,1990).

A “datação histórica” deriva dos períodos onde existem testemunhos escritos, como os tempos medievais ou romanos. (Na pré-história no entanto esta não pode ser tomada em conta pois raros são os vestígios escritos desta altura (Aitken,1990).

No entanto, as “datas absolutas” sempre foram o que os arqueólogos desejaram ter. Até ao presente século as únicas datas disponíveis eram as obtidas por cronologias e calendários estabelecidos por povos antigos (como o dos Romanos, Egípcios, e Chineses que se baseavam nos anos de governação de imperadores, cônsules, reis ou dinastias. Ou como os Maias da América Central que tinham um calendário extremamente elaborado, baseado, não em governantes e dinastias, mas em ciclos de 260 e 365 dias, e uma longa contagem que começa em Agosto de 3113 a. C.). Tudo isto dá aos arqueólogos a oportunidade de datarem certos objetos, mas para lá destes tempos históricos e sem calendário, a arqueologia estava completamente “perdida”. Até que a ciência ofereceu uma série de meios para obter “datas absolutas” a partir de diferentes materiais (Aitken,1990).

*“There’s no time like the present.”<sup>15</sup>*

*(Bahn, 1996)*

Antes da segunda Guerra mundial existiam apenas duas técnicas. As “Varvas” da Escandinávia e os anéis das árvores do Sudoeste americano. “Varvas” é um termo sueco para designar os resíduos de argila que se produzem anualmente. Medindo as sucessivas espessuras de uma sequência, podemos juntar longas sequências que se estendem até há milhares de anos. No crescimento dos anéis das árvores, podemos também construir uma sequência, através dos anéis mais espessos e mais finos (Aitken,1990). Existem sequências que recuam 8000 anos a.C. na Alemanha. Por exemplo, a análise da madeira de um caminho de tábuas que atravessa um pântano, conhecido como o “Sweet Track” (Fig.1) em Somerset, este através do estudo aos anéis que compõem as tábuas, sugere que terá sido construído durante o Inverno de 3807/3806 a.C..

---

<sup>15</sup> Expressão inglesa “Não existe tempo como o presente” (tradução livre do autor).



Figura 1\_The Sweet Track, Somerset (um supremo exemplo da engenharia Neolítica com 6000 anos de idade), *in* Burnham, *Megalithic Mysteries* (2007).

Entretanto presentemente outras tecnologias já atuam. A “datação química”, por exemplo, que permitiu estabelecer a idade dos ossos e comparar esta com a idade da camada onde foram encontrados. Ao longo do tempo, um osso enterrado vai perdendo o seu nitrogénio e absorvendo gradualmente flúor e urânio. Assim, a medição destes elementos indicará se vários ossos encontrados juntos são recentes ou se pertencem a diferentes períodos. Este foi por exemplo o método utilizado no princípio dos anos 50 para expor a fraude do Piltdown, de um suposto “elo perdido” entre macacos e seres humanos “encontrado” no Sussex em 1912, mas que se provou ser um incrível embuste (Fig. 2 e 3). A “datação química” demonstrou que o crânio era recente e que o maxilar pertencia a um orangotango. Concluindo que os ossos tinham sido artificialmente patinados e os dentes limados, para os fazer parecer convincentes e antigos (Aitken, 1990).

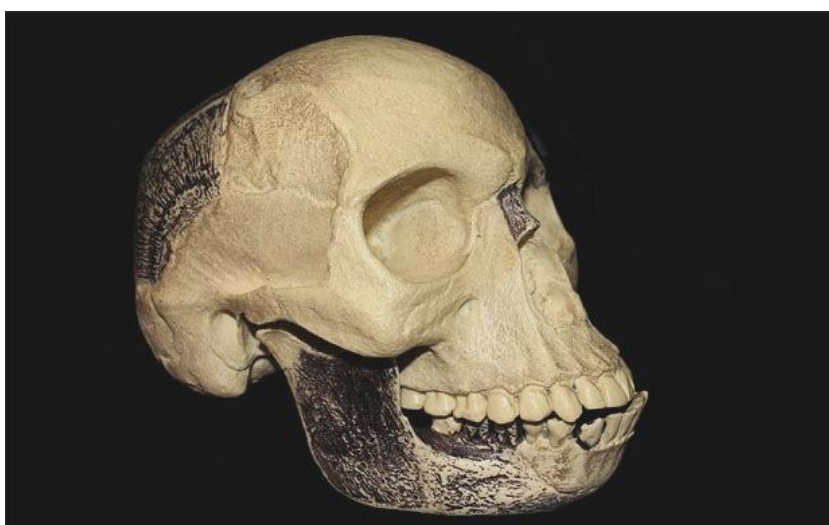


Figura 2\_Réplica de Smith Woodward do crânio Piltdown (com a adição do fragmento frontal direito), *in* Mats (2014).



Figura 3\_“Piltown Gang” pintura de John Cooke, 1915 (O paleontólogo Arthur Smith Woodward e o arqueólogo Charles Dawson estão em pé, à direita, foram eles que expuseram a fraude do Homem de Piltown), Nils Jorgensen *in* Mckie (2012).

Outra forma de datação é a do “radiocarbono”, o método que revolucionou a arqueologia, pela possibilidade de medir a quantidade de isótopo carbono 14 radioativo ( $C_{14}$ ), ainda existente nas substâncias orgânicas encontradas. Sabendo que qualquer uma das substâncias absorve  $C_{14}$  ao longo da vida, após o falecimento destas o ( $C_{14}$ ) vai-se gradualmente perdendo e pode-se calcular a “datação”. No entanto este método por vezes é duvidoso devido à inconstância de  $C_{14}$  na atmosfera, proveniente sobretudo das alterações no campo magnético da Terra. Mas, apesar de todas estas incertezas e dos perigos, a datação através do “radiocarbono” tornou-se uma das ferramentas mais úteis da arqueologia, estabelecendo cronologias para áreas que anteriormente não tinham escalas de tempo de qualquer género (Aitken, 1990).

Outros exemplos de métodos de datação são: a “datação de potássio”, que permite datar rochas em áreas vulcânicas; a “datação de urânio”, aplicada a rochas ricas em carbono de cálcio, como as estalagmites; a “datação termoluminescência”, que pode ser usada na cerâmica e sílices; a “datação por luminescência opticamente estimulada”, usada em certos sedimentos que contêm material arqueológico, como depósitos em abrigos; a “datação por ressonância eletrónica do spin”, utilizada em dentes humanos e animais; e ainda muitos outros métodos de datação secundários (Aitken, 1990).

### 2.1.3. Desempenho da Arqueologia

Os artefactos humanos do “paleolítico ou idade da pedra”<sup>16</sup>, abarcam mais de 99% do registo arqueológico, estendendo-se desde o primeiro utensílio identificado, que assinala cerca de 2,5 milhões de anos, até cerca de 10 000 anos antes do presente. Os utensílios em pedra são os utensílios mais predominantes, porque infelizmente provavelmente todos os materiais orgânicos degeneraram devido às circunstâncias climatéricas. Por isso a informação “paleolítica” é muito escassa, e poucos foram os materiais para além da pedra que sobreviveram. Um dos poucos exemplos foi o aparecimento de restos de tábuas, lanças e cordas na gruta de Lascaux (Fig.4) em França, que são dos poucos vestígios, sem serem pedra, que foram encontrados (Bahn,1996).

Os utensílios no passado eram classificados de acordo com a forma, a técnica de manufatura ou a função que supostamente teriam. Hoje por exemplo, graças aos estudos de micro - desgaste, do pioneiro Sergei Semenov nos anos 50, desenvolveu-se o começo da “análise microscópica” e estabeleceu-se uma nova fase mais detalhada e próxima da realidade possível. Os utensílios eram normalmente objetos de madeira, pedra, fibras e têxteis, cerâmica, vidro e diferentes tipos de metalurgia, levando esta nova fase à “arqueologia experimental”, um dos ramos principais da disciplina da arqueologia, com a criação de “aldeias fictícias” instaladas em diversos países, para explorar diferentes técnicas, desde construção de casas, à agricultura, ao abate de animais, ao armazenamento, até à produção de cerâmica e utensílios de pedra ou artigos metálicos (Coles,1979).



Figura. 4\_ Gruta de Lascaux, França. (esta gruta, foi descoberta por um grupo de adolescentes em 1940. Contêm cerca de 600 pinturas de arte Paleolítica, produzidas há mais de 17.000 anos atrás.), Sisse Brimberg, *in* Ferro (2011).

---

<sup>16</sup> Paleolítico ou Idade da Pedra. O termo paleolítico foi empregado pela primeira vez pelo historiador John Lubbock. O Paleolítico ou Idade da pedra, refere-se ao período da pré-história que aconteceu cerca de 3/4 milhões a.C., até cerca de 10000 a.C. Foi precedido pelo período Neolítico.

Estas experiências, ainda que durem décadas, são naturalmente muito efêmeras se comparadas com a habilidade e a sabedoria acumuladas, transmitidas ao longo dos séculos e milênios no passado remoto. As observações presentes não podem provar com absoluta certeza seja o que for acerca do passado. Mas, as informações limitadas que estas experiências nos fornecem são, ainda assim, estimulantes e úteis. Outros progressos que a arqueologia forneceu foram no progresso em diversas aplicações práticas; como por exemplo na “arqueologia sísmica”, onde inscrições e documentos registam tremores de terra passados; restos humanos, que podem fornecer informações úteis sobre a história de algumas doenças e patologias; e até na agricultura (Coles,1979).

Um exemplo é revelado nos planaltos de altitude do Peru e da Bolívia, após efetuadas análises de fotografias aéreas e escavações. Estas revelaram que, por volta de 1000 a. C., a zona que envolvia o lago Titicaca tinha pelo menos 80 000 hectares baseados em “ campos elevados” e superfícies de plantação elevadas feitas com a terra proveniente de canais cavados entre elas (Fig.5). Este sistema estava especialmente bem adaptado, principalmente devido às condições locais e às tradicionais culturas de tubérculos. No entanto, foi abandonado depois da conquista dos Incas, há 500 anos; e os modernos métodos agrícolas, que envolvem maquinaria pesada, fertilizantes químicos, irrigação e culturas importadas, mostraram-se particularmente ineficazes neste clima. Mas após os arqueólogos interpretarem e reconstruírem os antigos métodos dos campos elevados usados em outrora, estes trouxeram resultados positivos nas colheitas e conseguiram consideração pelos métodos antigos (Coles,1979).



Figura 5\_ Exemplos de fotografias aéreas de “Geoglifos” amazônicos, fotografias por Sergio Valle, *in* Maziero (2009).

Mas para além de ressuscitarem sabedorias passadas, os arqueólogos, podem também mostrar desastres ecológicos do passado, como o súbito colapso no ano 900 d.C. da antiga cidade bizantina de Petra. Infelizmente, como afirma um ditado, “a única coisa que aprendemos com a história é a nossa incapacidade de aprender com a história”. Cabe ao ser humano reverter esta tendência e decidir dar oportunidade aos ensinamentos do passado com o auxílio da arqueologia (Coles,1979).

#### 2.1.4. Especificidade da Vida Humana Passada

Algo em que a arqueologia se dedica é ao estudo dos estilos de vida dos antepassados, tentando determinar que aspeto tinham as pessoas, se eram saudáveis, o que comiam e de que morriam.

A subsistência é uma necessidade da vida humana. Estudar os vestígios deixados relativos aos “restos” daquilo que as pessoas comiam é uma técnica usada na arqueologia, principalmente “restos” de animais e de plantas que podem ser encontrados em locais de ocupação humana e que são estudados, respetivamente, por zooarqueólogos e arqueobotânicos<sup>17</sup>. No entanto, sabe-se que os “restos” nem sempre estão ligados à alimentação das pessoas. As plantas podem ser usadas para muitos propósitos, como matérias-primas ou até para medicamentos; e os animais nem sempre são fontes alimentares, podem fornecer outras substâncias úteis, como armações, marfins, gorduras, nervos, peles, e pêlo. Além disso, muitos restos orgânicos, especialmente de animais terrestres, podem ter sido trazidos para o local por outros animais que não o homem, ou até terem sido animais de estimação. (Fagan,1995).

É difícil determinar com exatidão as plantas e animais que fizeram parte da dieta dos humanos, e por isso na arqueologia é necessário fazer presunção e fazer inferência a partir do contexto ou condição dos achados, para avançar na investigação. Mas, há ainda outros desafios a enfrentar, as plantas normalmente estão mal preservadas e poucos são os restos que resistem. Para além disso é preciso determinar se as plantas são realmente representativas do regime alimentar dos ocupantes, o que pode envolver a determinação do sítio, a duração da sua ocupação e se foi habitado irregularmente, sazonalmente ou de forma permanente. Contudo graças à análise e investigação arqueológica, já foi possível descobrir modos de vida de várias povoações passadas, como é o caso da análise de um resíduo nuns vasos sumérios, provenientes de uma estação chamada Godin Tepe, no Oeste do Irão, datados de cerca de 3500 a.C., que veio a revelar dados que apontam para a presença de vinho e cevada (Fagan,1995).

Um assunto ainda complexo é o que diz respeito ao canibalismo, apesar de em algumas zonas haver testemunhos, como ossos desarticulados, fraturados ou com marcas de golpes, como acontece no Sudoeste americano em Anasazi de cerca de 1100 d.C. e de haver pressupostos de canibalismo nas práticas de ritos funerários ou violência, na verdade, e apesar de ser uma suposição válida, não existe certeza absoluta. Geralmente o canibalismo pode surgir em casos extremos de luta pela sobrevivência, como aconteceu entre os sobreviventes num acidente de

---

<sup>17</sup> “zooarqueólogos e arqueobotânicos” - Conceitos provenientes das disciplinas Zooarqueologia (entendida como a disciplina ligada à arqueologia, que se dedica ao estudo de vestígios faunísticos encontrados em zonas arqueológicas), e Arqueobotânica (que se dedica ao estudo de vestígios botânicos recolhidos de estações arqueológicas).

avião nos Andes, mas como parte normal ou ritual de vida, tem sido ainda debatido nos últimos anos (Fagan,1995).

Os alimentos vegetais tal como os animais, são usualmente representados na arte e escritos. No entanto apesar da quantidade de informação que se pode retirar das obras de arte e dos textos, estes oferecem uma visão limitada das formas de subsistência, demonstrando que as escavações podem por vezes permitir descobertas extraordinárias, como o caso das refeições encontradas intactas, devido ao soterramento por uma erupção vulcânica no ano de 79 d.C. da cidade de Pompeia, ou do caso do homem de Tollund, um corpo da idade do ferro encontrado numa região pantanosa da Dinamarca que resistiu à deterioração e onde foram encontrados ainda dentro do seu estômago cereais provenientes de uma refeição antes de falecer. Um outro método de descobrir o regime alimentar efetuado por antigos povos é o estudo do desgaste dos dentes e química dos ossos. Os dentes são compostos por dois dos mais duros tecidos que existem no corpo, e por isso sobrevivem geralmente em boas condições de preservação. O exame microscópico das suas superfícies revela raspagens e riscos que podem ser relacionados com a carne ou com a vegetação que integra o regime alimentar. Os restos humanos podem revelar igualmente a idade e o sexo dos indivíduos, a sua aparência, o seu estado de saúde, e por vezes a causa da sua morte (Fagan,1995).

O corpo intacto mais antigo que se conhece é o corpo do homem do gelo, encontrado nos Alpes Italianos em 1991 (Fig.6). Após identificado como genuinamente antigo, a análise da radioatividade revelou que se tratava de um homem entre os 25 e 40 anos de idade e que datava de 3300<sup>a</sup> a.C., foi também revelado fumo de fogueiras nos pulmões que se encontravam enegrecidos, um endurecimento das artérias, vasos sanguíneos, vestígios de frieiras crónicas no pé, e oito costelas fraturadas, em fase de cura quando ele morreu. No entanto a informação mais extraordinária foi obtida a partir de uma das unhas que compunham o corpo. As linhas da unha, mostraram que ele passou por períodos de doença grave (alturas em que o crescimento das unhas é mais reduzido). O facto de estar sujeito a uma doença que o deixava inválido poderá explicar a origem por qual este homem cedeu ao tempo adverso e morreu congelado. Assim, mesmo num corpo completo, uma unha aparentemente insignificante pode ser a chave para o enigma e representar a arqueologia como um todo (Fagan,1995).



Figura 6\_ O “homem de gelo” (descoberto em 1991 nos Alpes Italianos por uma dupla de alpinistas), *in* Overkamp (2013).

### 2.1.5. Intelectualidade da Vida Humana Passada

Os arqueólogos cognitivistas<sup>18</sup>, rejeitam o desaparecimento dos pensamentos, crenças e relações sociais. Eles acreditam ser possível encontrar a verdade através do estudo e análise da arte e restos materiais dos rituais, da religião, do modo como as pessoas descreviam e mediam o mundo, planeavam e erigiam as suas cidades e monumentos, até ao estudo dos materiais que presumivelmente consideravam como símbolos de riqueza e poder (Dark,1995).

Por exemplo os achados do Poço dos Ossos, em Atapuerca, compuseram um forte indício de que certos tipos de rituais funerários teriam sido já levados a efeito, há mais de 200 000 anos. Dado que vários corpos foram pensadamente trazidos e depositados numa vala e o lugar não dispunha de qualquer tipo de utensílios, a partir do conteúdo e contexto dos achados, mostrou-se assim neste caso particular “quase a certeza” de que terá ocorrido aqui algum tipo de ritual religioso rudimentar (Fagan,1995).

O mesmo se aplica à “arte”. A arte é um conceito representativo do pensamento humano oposto à natureza (Fig.7)(Dark,1995).



Figura 7\_ A forma feminina, foi realizada pela mão humana há pelo menos 230 000 anos (Seixo de rocha vulcânica encontrado nos anos 80 em Berekhat Ram, Colinas de Golan, Israel). H. Jensen, in Amos (2009).

A arte pré-histórica e em especial atenção a arte rupestre constitui 99% da pré-história da arte. No entanto é irónico que a maior parte dos livros de história da arte comecem com uma fotografia de Lascaux ou Altamira<sup>19</sup>, que com “apenas” 17 000 anos a.C. assinalam apenas metade do percurso da pré-história da arte, o que revela que a pré-história ainda é um período muito incompreendido (Coles,1979).

---

<sup>18</sup> Arqueólogos cognitivistas, Cognitivismo provém do latim *cognoscere* (conhecer) e é uma palavra derivada do entendimento da mente humana. Uma vertente psicológica na arqueologia.

<sup>19</sup> “Lascaux”, complexo de cavernas no Sudoeste de França, famoso pelas pinturas rupestres, que datam cerca de 17.000 a.C. (ver figura 4)

“Altamira”, caverna em Espanha que contém pinturas rupestres que datam de 14.500 a.C. a 12.000 a.C.

A arte pré-histórica não exhibe apenas fragmentos de uma enorme duração temporal. Bem investigada, a arte desta época é capaz de surpreender com a sua vasta herança de tipos e temas, desde riscos em ossos, magníficas pinturas policromas, até simples marcas de dedos em barro e sofisticadas esculturas tridimensionais. Este tipo de arte pode estar situado em sítios públicos, com amplos panoramas exteriores, como as gravuras do Côa; ou em sítios privados, escondidos em cavernas profundas (Coles,1979).

À medida que se começou a estudar a arte primitiva, algumas ideias simplistas foram aplicadas, à arte pré-histórica. Inicialmente presumiu-se que esta tinha um propósito mágico para favorecer a caça ou a fertilidade. Posteriormente esta ideia foi evoluindo consoante até as épocas, como nos anos 50 segundo o “estruturalismo<sup>20</sup>” francês, nos anos 60 em que se acreditava que os animais nas grutas representavam símbolos sexuais, e até como nos anos 70, que talvez devido à “cultura da droga” dos finais dos anos 60 e 70, e devido ao interesse pelo misticismo e pelo xamanismo, alucinogénios, estados alterados de consciência e assim por diante, desenvolveu-se a teoria de que a arte rupestre consistia em imagens produzidas durante um estado de transe (Green,1984).

Independentemente de todas estas interpretações, a verdade é que a certeza não existe. Numa experiência, um investigador australiano pediu a alguns aborígenes que identificassem os animais num painel de arte rupestre. As identificações diferiram notoriamente das que tinham sido alcançadas pelo raciocínio zoológico ocidental. De 22 imagens, os investigadores ocidentais tinham-se enganado em cerca de 15 e apenas tinham acertado superficialmente em relação a outras 7. Mas, ainda assim a tentativa não deixa de ser possível (Green,1984).

Porém a arte rupestre foi certamente utilizada para registar e transmitir informação. Tornase mais fácil, para o arqueólogo, perceber a escrita se este conhecer as letras ou os símbolos, mas estes por vezes também têm de ser decifrados. Tem havido alguns pioneiros muito notáveis, como Champollion, que foi o primeiro a decifrar os hieróglifos egípcios antigos (graças também à descoberta da Pedra da Roseta, que continha textos idênticos em egípcio e em grego). Ou outro grande pioneiro, como o arquiteto Michael Ventris que afirmou, em 1952, que tinha decifrado o linear B, uma escrita antiga do Egeu, como sendo uma forma arcaica do grego. Apesar de Ventris ter sido fortemente criticado por especialistas, veio-se a confirmar posteriormente a afirmação (Green,1984).

Entretanto a decifração é ainda um desafio atual. Só nos últimos anos a complexa escrita da América Central é que começou a ser devidamente compreendida. A escrita “rongorongo” da ilha de Páscoa por exemplo que sobrevive apenas em 25 pedaços de madeira, só nos últimos

---

<sup>20</sup> “Estruturalismo”, corrente do pensamento nas ciências humanas que apreende a realidade como um conjunto formal de relações.

anos foi compreendida e ainda há muito por descobrir, como o linear A do Egeu e a escrita do Indo da antiga Índia e Paquistão que continuam ainda incógnitas (Green,1984).

É certo que os textos poderão fornecer uma grande quantidade de informações valiosas acerca do passado e são um importantíssimo complemento da arqueologia, como o caso dos primeiros registos escritos por colonizadores. No entanto a escrita por norma era usada por um grupo muito restrito e o analfabetismo atingia a maioria da população (Green,1984).

Outras configurações informativas são os monumentos. A “arqueoastronomia” é o estudo do conhecimento antigo acerca dos fenómenos celestes. Perante o fenómeno dos monumentos alinhados segundo “acontecimentos” astronómicos significativos, como o nascer do sol no solstício de Verão ou de Inverno, apresentados em monumentos megalíticos pré-históricos da Europa ocidental até aos edifícios importantes das civilizações da América Central e Sul, existem orientações astronómicas inegáveis que demonstram um profundo conhecimento dos movimentos celestes e testemunham a grande importância que lhes era conferida (Green,1984).

O termo “ megalítico”, vem do grego “ pedra grande”. A forma mais simples do megalítico é a apresentação de uma única pedra em pé, conectada por vezes com o termo “menir”. Na Europa os menires estão muitas vezes dispostos em alinhamentos como na figura 8, enquanto na Grã-Bretanha, por exemplo formam círculos ou elipses como é o caso do Stonehenge da figura 9 (Fagan,1995). A provar que muitos dos círculos estão, de facto, alinhados de acordo com fenómenos astronómicos, presumivelmente com o objetivo de criar um calendário, talvez para que os agricultores pudessem saber quando plantar e quando colher, um conjunto de astrónomos, analisaram os vestígios megalíticos. Através de cálculos provaram que os povos pré-históricos possuíam competências tão ricas que eram capazes de construir computadores megalíticos. Por exemplo, acredita-se que Stonehenge determina rigorosamente os eventos de eclipses. Um dos maiores defensores desta perspetiva foi o engenheiro Alexander Thom<sup>21</sup>, ele elaborou plantas exatas dos círculos britânicos, e ele determinou uma unidade de medida-padrão utilizada na sua construção, a que lhe chamou de “ jarda megalítica”, ou seja, cerca de 82 cm. Apesar de ser difícil de fazer medições precisas em monumentos como estes (devido às formas irregulares das pedras), hoje é geralmente aceite a possibilidade de ser utilizada uma medida-padrão (Fagan,1995).

---

<sup>21</sup> Alexander Thom, engenheiro escocês, nascido em 1894, famoso pela criação da teoria “círculo de pedra”.



Figura 8\_ A forma megalítica de um “menir” europeu. Situado em Portugal, Reguengos de Monsaraz, na reserva Dark Sky em Alqueve (foi descoberto em 1969 por Henrique Pina e José Gonçalves. Tem cerca de 5,6m de altura) in CMRM (2015).



Figura 9\_ “Stonehenge”. Representa a forma megalítica circular. Situado em Inglaterra, na planície de Salisbury (*Stonehenge* provêm do inglês arcaico, *Stone* = pedra e *henge* = eixo, os círculos concêntricos chegam a ter 5m de altura e a pesar 50 toneladas e consta-se que tenha sido construído em 2600 a.C.),ken Geiger, in Photozine (2015).

Analisando também os símbolos de poder, consegue-se perceber o tipo de pensamento de uma sociedade, desde estátuas gigantes, até roupas sumptuosas ou adornos corporais, ou seja tudo o que possa ser considerado valioso, como os materiais raros ou preciosos que são geralmente um indício de poder. (Bahn,1995) Os túmulos que contêm objetos raros e preciosos podem plausivelmente ser interpretados como sendo de pessoas ricas ou poderosas e servem para sublinhar a hierarquia social. É o caso das tumbas sumptuosas dos governantes, presentes em quase todas as grandes civilizações, desde Ur e do rei Tut até ao exército de terracota da China (Fig.10) e aos senhores de Sipán, do Peru. A arte e arquitetura imponentes são igualmente associadas à elite nestas e outras sociedades (Fagan,1995).

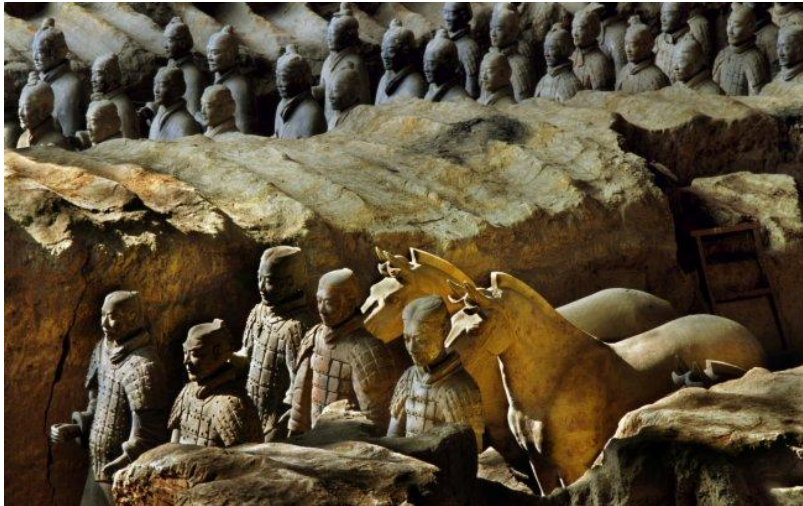


Figura 10\_ Exército do 1º Imperador *Qin* (Estátuas em terracota, criadas para acompanhar o 1º imperador da China, na sua vida após a morte. Foram descobertas em 1974 por agricultores locais em Xi'na, Shaanxi, construídas entre 210-209 a.C. Consta-se que contem 8000 soldados, 130 carruagens, 520 cavalos entre outros), *in* National Geographic (2010).

### 2.1.6. Tipo de Sociedades

O tipo de Sociedade passadas, sempre foi um aspeto importante da arqueologia. Pois perceber e conceber o tamanho ou escala da sociedade e a sua organização interna, tal como o tipo e relação com outras sociedades, levam a um dos objetivos de conhecimento da arqueologia.

No que diz respeito à tipologia, os arqueólogos, tendem a escolher o sistema quaternário para classificar as sociedades: bandos, sociedades segmentárias, chefados, e estados (Barker,1993).

Os bandos indicam sociedades de pequena escala, de caçadores, recolectores e pescadores, geralmente com números inferior a 100 pessoas. Estes geralmente deslocavam-se em função das estações do ano, explorando principalmente ou exclusivamente recursos selvagens, pelo que as suas estações tendiam a ser campos ocupados sazonalmente, juntamente com áreas de atividade mais pequenas e especializadas, como sítios de abate ou locais para o fabrico de utensílios, frequentemente de pedra. Estes grupos viviam em cavernas ou em abrigos sob rocha, e tendiam a construir abrigos temporários com materiais orgânicos, como madeira, osso ou peles, dependendo do ambiente que os rodeava. Este tipo de sociedade está associado ao período Paleolítico. (Barker,1993).

As sociedades segmentárias são maiores do que os bandos, estas geralmente atingem milhares de pessoas, constituídas geralmente por agricultores sedentarizados. Ocupam herdades ou aldeias agrícolas sedentárias, que, no seu conjunto, formam um padrão de povoamento de estações regulamentarmente espaçadas, de tamanho semelhante. Este tipo de sistema está associado aos primeiros agricultores no Velho e Novo Mundo (Barker,1993).

Nos chefados, o número varia entre os 5000 e 20 000 indivíduos. Aqui encontram-se os primeiros sinais de diferentes estatutos sociais, baseados num sistema hierárquico, onde o prestígio é determinado pela proximidade de parentesco em relação ao chefe, não existindo ainda, uma autêntica estrutura de classe. O chefe é o elemento de coesão do sistema, e redistribui aos seus seguidores e súbditos as ofertas e bens alimentares. Os chefados apresentam normalmente um centro de poder, com templos e residências proeminentes (Barker,1993).

O sistema dos estados é parecido com o sistema dos chefados, mas o governante tem já autoridade para estabelecer leis e impor por meio de um exército. A sociedade é geralmente dividida em diferentes classes, como os trabalhadores rurais e os trabalhadores urbanos, os operários especializados algures no meio e o clero e parentes dos governantes no topo (Barker,1993).

O padrão de povoamento, normalmente é obtido pelos arqueólogos através do estudo dos objetos encontrados numa área. No entanto, em “terra incógnita”, ou numa região onde é necessário um quadro muito exaustivo, a solução está numa prospeção, perante os materiais predominantes. Estes fornecerão indicações acerca do género de estações envolvidas, do seu tamanho, duração e número (Barker,1993).

Em áreas de habitação delimitadas pelas paredes de uma gruta ou de um abrigo sob rocha, os depósitos da ocupação podem ser profundos, com séculos ou até de muitos milénios, pelo que a escavação precisa de focar principalmente o aspeto vertical (as camadas sobrepostas e o modo como o seu conteúdo se apresenta transforma -se ao longo do tempo). Por outro lado, os acampamentos ao ar livre usados pelos caçadores recolectores costumam ser menos substanciais, com estratigrafia pouco profunda, pelo que neste caso, o aspeto horizontal é o foco de atenção, estudando a distribuição daslareiras e de outras características como os agrupamentos dos artefactos (Barker,1993).

### **2.1.7. Metamorfose da História Humana**

As diversidades das teorias arqueológicas existentes refletem-se na fragmentação das abordagens ao passado humano. A variedade está em parte relacionada com as diferentes perceções e preconceitos dos praticantes.

As tentativas de explicar o passado, e especialmente as modificações variaram muitas vezes de acordo com as preferências, posições políticas e pano de fundo social dos arqueólogos, sendo dado ênfase aos fatores do ambiente, mudanças climáticas, tecnologia, pressão demográfica, invasões, e catástrofes (Bahn,1996)

Durante muitos anos, a maior parte dos arqueólogos, contentava-se em responder a problemas simples ligados ao “quê, quando, onde e como” (Bahn,1996).

*“ Não sei fazer perguntas e, mesmo quando consigo fazer uma pergunta inteligente, vejo que não estou realmente interessado na resposta”.*  
*Federico Feellini (Bahn,1996)<sup>22</sup>*

No entanto a nova arqueologia é influenciada pela teoria. Por exemplo, a “ideia de evolução”, apresentada por Charles Darwin<sup>23</sup> na sua obra “Origem das Espécies” em 1859, este facultou uma explicação plausível para a origem e desenvolvimento da humanidade, e teve um grande impacto sobre os arqueólogos. Também na esfera social foram delineados esquemas do progresso humano, na década de 1870 tanto Edward Tylor<sup>24</sup> como Lewis Morgan<sup>25</sup> propunham que as sociedades humanas teriam evoluído de um estado de selvageria, passando por um estado de “barbárie”, até um estado de civilização. O trabalho de Morgan baseou-se grandemente na observação dos índios americanos vivos, o que por sua vez, forneceu uma forte influência sobre Karl Marx<sup>26</sup> e Friedrich Engels<sup>27</sup>, nos seus escritos acerca das sociedades pré-capitalistas, que mais tarde inspiraram o grande pré-historiador Gordon Childe<sup>28</sup>. Nos seus trabalhos mais tardios, influenciado por ideias marxistas, Childe avançou com a ideia de que teria existido uma “revolução neolítica”, que teria dado origem ao desenvolvimento da agricultura, bem como mais tarde a “revolução urbana”, que teria dado origem às primeiras vilas e cidades (Bahn,1996). Childe, foi dos primeiros arqueólogos a preocupar-se a fundo e a esclarecer com precisão o como e o porquê dos acontecimentos e mudanças do passado.

---

<sup>22</sup> Federico Fellini, nasceu em Roma no ano 1920, foi um dos mais importantes cineastas italianos. Criou famosos filmes como “La dolce vita”, “Boccaccio’70”, “Casanova di Federico Fellini”...

<sup>23</sup> Charles Darwin, um naturalista britânico nascido em 1809 (alcançou a fama ao apresentar “ A origem da espécie”, uma teoria da evolução, desenvolvida a partir de um ancestral comum por meio de seleção natural).

<sup>24</sup> Edward Tylor, nasceu em Londres no ano 1832, foi um antropólogo, considerado o pai do conceito da cultura. Foi representante do evolucionismo social.

<sup>25</sup> Lewis Morgan, nasceu em 1818 nos EUA. Foi um antropólogo etnólogo e escritor considerado um dos fundadores da antropologia moderna

<sup>26</sup> Karl Marx, nasceu em 1818, foi um intelectual alemão, fundador da doutrina comunista moderna “Marxismo”. Atuou como economista, filósofo, histórico, teórico e jornalista.

<sup>27</sup> Friedrich Engels, nasceu em 1820, teórico revolucionário alemão, foi fundador do “Marxismo” juntamente com o Karl Marx.

<sup>28</sup> Gordon Childe, nasceu em 1892, Sydney, foi filósofo australiano e especializado em arqueologia. Cunhou os termos Revolução Neolítica e Revolução Urbana.

*“ Só os peixes mortos nadam sempre no sentido da corrente”<sup>29</sup>*

*(Bahn, 1996)*

Este tipo de arqueologia, por volta dos anos 60 estava já bem estabelecido e, com os métodos de datação absoluta (item 2.1.2), as datas podiam ser atribuídas com mais precisão, deixando de constituir um dos principais objetivos da investigação.

Surgiu então a fase “New archeology”, onde todos os passos do raciocínio arqueológico se tornam explícitos. Cada argumento deve agora basear-se numa estrutura lógica e em hipóteses consistentes e testáveis. Apesar desta nova fase, não se pode excluir de toda a forma tradicional de teorizar os acontecimentos passados. O conhecimento não passa de uma suposição variavelmente testada e as palavras “prova, verdade, e objetividade”, não se aplicam no mundo das suposições. Porém agora as suposições devem lidar com graus de probabilidade e com hipóteses sensatas baseadas em dados fiáveis (Bahn, 1996).

### **2.1.8. Apresentar o Passado ao Futuro**

Os meios de transmissão e comunicação envolvem revistas, livros e produções de vídeo e televisão. Estes são um veículo e algumas das formas de apresentar o passado ao público de forma bastante lúdica. Mas apesar dos investigadores considerarem frequentemente os turistas um obstáculo ao seu trabalho, apercebem-se do potencial financeiro e outras regalias que podem ser ganhas se se encorajar o interesse do cidadão comum.

É o caso do Centro Jorvick (Fig.11), em Iorque, no Norte da Inglaterra. Aqui os escavadores incentivam as visitas do público durante os trabalhos de escavação. O que perfaz não só na explicação da sequência da descoberta e interpretações arqueológicas, mas também no financiamento de outras escavações em Iorque com sucesso, devido aos mais de 8 milhões de visitantes só nos primeiros 10 anos desde a sua inauguração, em 1984 (Bahn, 1995).

Outro exemplo é a réplica francesa da gruta de Lascaux (Fig.4) (que é necessária, visto que a original já não pode estar sujeita ao turismo de massas), inaugurada em 1983, que recebe também milhares de visitantes por ano.

---

<sup>29</sup> Expressão popular.



Figura 11\_ Representação (a),e detalhe (b) do Centro Jorvik em lorque *in* Viagem ao Reino Unido, autor anónimo (2012).

O dilema da “indústria do património” consiste no equilíbrio entre as exigências da conservação perante o direito elementar que o público tem de ver e visitar o seu próprio património. À medida que a arqueologia se tornou mais popular, bem como o desenvolvimento dos transportes, as cidades como Peru, o México, ou o Egipto, tornaram-se fortemente dependentes do turismo arqueológico. Segundo as Nações unidas o turismo é responsável por 6 % dos postos de trabalho no mundo e é das atividades mais importantes no mundo. Esta tendência é boa em determinados aspetos, visto que possibilitam a sobrevivência e desenvolvimento da investigação arqueológica. Mas há também consequências infelizes, devido ao acrescido maior risco de estragos, deterioração do património e também o facto de as estações e os próprios turistas poderem tornar-se alvos do terrorismo, como aconteceu nos Planaltos do Peru e no Vale do Nilo ou das políticas e manipulações como as políticas levadas a cabo pela Rússia estalinista ou pela Alemanha de Hitler (Fig.12).



Figura 12\_ “Arte degenerada” (Hitler e as obras confiscadas), ANAREUA, *in* Gómez (2013).

### 2.1.9. O Futuro do Passado

*“ Os historiadores perseguem sombras eternamente, dolorosamente conscientes da sua incapacidade para reconstruir um mundo morto na sua integralidade”*

Schama, *In The Times* (Bahn,1996)<sup>30</sup>

À medida que a arqueologia cresce e amadurece, continuará a prosperar e a expor mais conhecimentos. Embora a arqueologia seja “uma coisa do passado”, é ainda uma disciplina muito jovem pois muitas das técnicas fundamentais só recentemente foram desenvolvidas. Isto devido em parte a descobertas, mas também a outros contributos como o desenvolvimento da datação.

É possível que parte dos futuros descobrimentos decorram de achados, como o “homem do gelo” ou a gruta “Chauvet”, devido ao ritmo crescente da construção de estradas e do desenvolvimento urbano que leva às escavações de “salvamento” ou de “emergência”, em confronto com o declínio regular das escavações de pesquisa.

É possível também que novas técnicas nasçam. Bem como o progresso dos centros expositivos à volta do mundo, com terminais interativos, didáticos, e divertidos lugares onde se pode fazer uma arqueologia experimental (Dark,1995).

Muitas das estações estão já seriamente ameaçadas, por isso a conservação tornar-se-á cada vez mais um dos fatores de maior atenção para a arqueologia. Preservar as estações, estruturas e artefactos, e os milhões de imagens de arte rupestre conhecidas em todo o mundo é uma prioridade. (Warschaid, New York times 2008)

São os casos da: Esfinge de Gizé no Egipto, por exemplo, devido a variações climatéricas extremas, bem como a fugas de água de esgoto de bairros de lata próximos; o túmulo de Tutancamon, devido a fissuras e aos estragos causados pelas cheias em 1994; Mohenjodaro, no Paquistão, devido à erosão e à corrosão pelo sal; A Acrópole de Atenas, devido à poluição e à mudança climática que causou o crescimento de um fungo negro no interior do mármore; e o aqueduto romano de Segóvia, em Espanha, devido á poluição automóvel, às más condições climatéricas e até excrementos de aves. O Getty Conservation Institute, da Califórnia, ou o World Monuments Fund estão a fazer esforços para preservar e consolidar as estações e os monumentos de todo o mundo, mas é um esforço que leva tempo e muitos recursos ilimitados (Dark,1995).

---

<sup>30</sup> Simon Schama, escritor e professor de história britânico.

Para além das ameaças ambientais, existem também as ameaças feitas pelas mãos do homem. Desde o turismo, aos vândalos, guerras, exercícios militares e ladrões. A guerra no Líbano, por exemplo, impulsionou a pilhagem em massa das antiguidades do país e milhares de artefactos foram embarcados secretamente para fora do país por homens da milícia e por negociantes. O aspeto mais triste das pilhagens advém da perda de informação aquando os achados são arrancados do seu contexto original.

Ultimando, e sabendo que a arqueologia é ainda a única disciplina capaz de estudar 99% do passado humano, esta deverá continuar a desenvolver-se e a fazer parte da vida do homem. Não só nos pode informar verdadeiramente os acontecimentos fundamentais do nosso passado. Como pode revelar quando, onde e como a humanidade surgiu em primeiro lugar, como se desenvolveu a arte, a tecnologia, as sociedades, e a urbanização.

*“Se queremos saber para onde vamos, precisamos de traçar a trajetória, para ver de onde viemos” (Bahn, 1996).*

## **2.2 Ensaio sobre a arqueologia e Pré-história**

### **2.2.1 Introdução**

Da Pré-história sobram apenas vestígios fragmentários. E quando deles nos acercamos, a primeira sensação é de que estamos perante uma realidade definitivamente estranha. Mas é nessa qualidade estranha de radicais diferenças dos modos de vida, de mentalidades, de condutas e de códigos que reside e nasce o interesse em querer saber mais.

*“Os homens da Pré-história falam uma outra linguagem, testemunham uma cosmovisão que nos é alheia e por isso nos atraem”*

*(Jorge et al, 1991)*

A Pré-história representa uma grande “pegada humana” de milhões de anos de vivência na superfície da Terra. Uma época que merece a audácia da investigação, de forma tentadora à compreensão de um tempo diferente, com a secreta esperança de encontrar algo familiar e de comum a toda a humanidade e a todo o pensamento humano (Jorge et al., 1991).

Compreender envolve sempre um processo de identificação, e a compreensão da pré-história está mediatizada por milénios de erosão que não possibilitam explicações fáceis. Contudo os europeus puderam descobrir milhares de comunidades que, de um modo ou outro, pareceriam à primeira vista representar sobrevivências dessa realidade definitivamente perdida. Uma analogia com os “modos primitivos” de viver, que poderá fornecer um “quadro” de possíveis realidades passadas. Para além destas comunidades “experimentais”, o uso e desenvolvimento da tecnologia na arqueologia combinado com teorias plausíveis poderá gerar ainda mais intensamente um quadro nítido dessa realidade perdida (Jorge, 1987).

Uma característica básica da Pré-história é a sua situação num espaço interdisciplinar, tanto nas técnicas empregadas, como no seu método e objetivos. Ao longo do processo de

investigação, desde as prospeções iniciais à publicação dos resultados das escavações, o arqueólogo nunca trabalha só. O panorama atual exige a colaboração de vários especialistas com diversas formações, que contribuam para uma análise cada vez mais objetiva da Pré-história. Resultando na convivência de pré-historiadores com biólogos, antropólogos, sociologistas, matemáticos, historiadores, geólogos, químicos (Jorge,1987)...

Longe de ser uma disciplina académica periférica que muitos consideram pouco ou nada contribuir para a resolução dos graves problemas que nos afrontam, um dos objetivos presentes da arqueologia da pré-história é fazer-se “notar” mais, e reestruturar urgentemente a política científica da atividade arqueológica, nomeadamente em Portugal.

A arqueologia é um domínio científico e é uma atividade económica com relevância social, geradora de conhecimentos úteis e de serviços fundamentais na sociedade do conhecimento. Que muito embora careça de ser compreendida, em toda a sua complexidade, enquanto serviço intensivo de conhecimento com relevância no setor das indústrias culturais e criativas, é considerada fundamental pela *União Europeia no âmbito do Programa quadro Estratégia 2020* (Horizon,2014)<sup>31</sup>. Até porque, criar um serviço nacional que proteja o nosso património e que crie as condições para a formação de especialistas, permitirá que não se atrase mais um domínio do interesse público.

A aplicação do conhecimento teórico e interesse dos jovens na participação em escavações, deve também ser explorada. A curiosidade do “grande público” que visita as escavações, ou percorre os museus ao ar livre com reconstituições na dimensão natural das estruturas erguidas pelos homens pré-históricos, como acontece em certos países nórdicos ou do Leste europeu, permite excelentes oportunidades para a divulgação cultural de forma mais didática (Jorge,1987).

Para além do contacto didático a arqueologia experimental deve ser procurada para um melhor entendimento. Inicialmente os pré-historiadores interessados em criar um quadro cronológico deram fundamental importância ao princípio da estratigrafia<sup>32</sup>, praticando escavações verticais e analisando os cortes para permitir o acesso à cronologia relativa<sup>33</sup> dos artefactos encontrados nos sucessíveis níveis. Mais tarde preocupações etnológicas vieram dar relevo à decapagem horizontal das superfícies em que o homem viveu, para a reconstituição

---

<sup>31</sup> União Europeia no âmbito do Programa quadro Estratégia 2020 (Programa de estimulação à investigação e avanço para o Futuro da Europa, com o apoio político dos dirigentes europeus).

<sup>32</sup> “Estratigrafia” (do latim *stratum* e do grego *graphia*) é o ramo da geologia que estuda os estratos ou camadas de rochas, buscando determinar os processos e eventos que as formaram. Basicamente segue o princípio da sobreposição das camadas, (ver capítulo 2.1.1, parágrafo 6).

<sup>33</sup> Cronologia/Datação relativa, (ver item 2.1.2)

das modalidades quotidianas e organização de espaços, como diz Leroi-Gourhan<sup>34</sup>, “os solos revelados pela escavação, que o homem dessa época pisou são - não como um calendário, mas como um texto, um tecido de relações entre objetos e entre estruturas todos, em principio, de valor equivalente, como alterações introduzidas, conscientemente ou não, pelo homem no espaço que o rodeava, desde os restos de uma cabana ou de uma fogueira a um amontoado de detritos alimentares” (Jorge,1987)



Figura13\_ “Pegada humana” (tem cerca de 25 000 anos, foi encontrada na Serra Tarahumara, México), in Castro (2011).

*“Uma pegada do homem Paleolítico descoberta não vale enquanto vestígio da passagem desse homem concreto, que jamais conheceremos. Mas vale como testemunho de todo um tipo de homens que viveriam naquele ponto”*

(Jorge,1987)

### **2.2.2. A Formação da Disciplina, desde os precursores até à atualidade.**

Os dados históricos sobre a pré-história fizeram gerar a arqueologia no séc. XVI, após as descobertas de novas civilizações, bem como as descobertas de fósseis e monumentos pré-históricos na Europa. Neste século Leibniz<sup>35</sup> visiona a ideia do transformismo (ideia que os seres vivos se modificavam através dos tempos, em contraposição ao fixismo) e Steno<sup>36</sup> lança as bases da estratigrafia geológica<sup>37</sup> (Oliveira,2011).

---

<sup>34</sup> Leroi Gourhan, André Leroi-Gourban, foi um arqueólogo e antropólogo francês.

<sup>35</sup> Gottfried Wilhelm Leibniz, nasceu em 1646, foi um filósofo, matemático e diplomata alemão.

<sup>36</sup> Nicolaus Steno, nasceu em 1638, foi um bispo dinamarquês e cientista pioneiro nos campos da geologia e anatomia

<sup>37</sup> “Estratigrafia” (do latim *stratum* e do grego *graphia*) é o ramo da geologia que estuda os estratos ou camadas de rochas, buscando determinar os processos e eventos que as formaram. Basicamente segue o princípio da sobreposição das camadas, (ver capítulo 2.1.1, parágrafo 6).

Segundo (Ribeiro em 2007), é no Renascimento que se descobrem e se dá importância às diferenças entre o passado e o presente, criando a ideia de “nacionalismo”, e se iniciam os estudos e observações dos factos e materiais do uso cotidiano dos antepassados. Durante este período a “Arqueologia” toma orientações próprias, distanciando-se de uma proto-ciência e tornando-se numa ciência (Oliveira,2011).

No século XVII ocorrem as primeiras tentativas em sistematizar o processo de escavação, o que originou uma maior importância pela parte dos antiquários às escavações no séc. XVIII. Neste mesmo século também Lamarck<sup>38</sup> lança a ideia das espécies evoluírem com o meio, e nasce a paleontologia estratigráfica (Oliveira,2011).

No séc. XIX para além do desenvolvimento dos estudos tipológicos, descoberta do homem fóssil, da teoria da evolução e descoberta da arte paleolítica, surgem as primeiras periodizações, ou seja o sistema das 3 idades realizado por Thomsen<sup>39</sup> em que dividiu a evolução do homem consoante os artefactos humanos, em cinco períodos (Idade da Pedra-inicial/final, Idade dos Metais- bronze/cobre/ferro e a Idade após a invenção da escrita); o evolucionismo antropológico<sup>40</sup>; e as primeiras escavações reveladoras. Aqui, as técnicas de escavação, datação relativa, estratigrafia e seriação, passam a compor os métodos da Arqueologia (Oliveira,2011).

Já no século XX, segundo Trigger (1989), a “*Arqueologia Evolucionista*” continuava, com as suas variantes “*Difusionista* e *Migracionista*”. As duas variantes, partem do princípio de que grupos distintos apresentam características culturais (materiais ou imateriais) semelhantes, devido a transferência, amigável ou não, entre grupos. “*Para o Migracionismo a difusão dá-se através do deslocamento migratório. No Difusionismo admite a hipótese de um contato direto entre grupos, levando a uma suposta imitação ou compilação de certos traços culturais que antes era particular do primeiro grupo.*” (Oliveira,2011).

A partir dos anos 60, entra em cena uma nova versão da arqueologia, “New Archeology”, com um cunho mais esclarecedor que irá vigorar no final do século XX e início do século XXI. A necessidade em tornar a Arqueologia uma ciência esclarecedora e não somente descritiva veio a crescer ao longo dos tempos. Bennet e Taylor nos anos de 1943 e 1948, já tinham dado os primeiros passos de fazer frente a esta necessidade; mas foi só a partir de 1962 que

---

<sup>38</sup> Jean-Baptiste Lamarck, nasceu em 1744, em Paris. Foi um naturalista que desenvolveu a teorias de evolução e introduziu o termo “biologia”.

<sup>39</sup> Christian Jürgensen Thomsen, nasceu em Copenhaga no ano 1788, foi um arqueólogo famoso por ter proposto o sistema das 3 idades (pedra, bronze e ferro).

<sup>40</sup> “Evolucionismo antropológico”, ou social, teoria onde as sociedades têm início num estado ainda primitivo -“darwinismo social”.

Binford consegue a tão essencial reestruturação da Arqueologia, tornando-a numa ciência aberta, realmente interdisciplinar, principalmente pela união entre a Arqueologia e a Antropologia. Sendo assim, Binford em 1962 consegue o inusitado ao sugerir que haja uma compreensão da cultura dos grupos humanos através de sua cultura material, e reconstrução do comportamento humano. A base teórica da Nova Arqueologia baseou-se na Teoria Geral dos Sistemas (TGS)<sup>41</sup>, que passou a ver a cultura não apenas como uma estrutura estática, mas sim como complemento nos processos. A Nova Arqueologia possibilita, entre outras coisas, a reconstrução do meio ambiente e a compreensão dos vestígios Pré-Históricos (Oliveira,2011).

### 2.2.3 Aspectos Gerais

A Pré-história cobre uma época longuíssima, que começa à 3 ou 4 milhões de anos com os primeiros seres comprovados da “nossa” família biológica, os *Australopitecos*<sup>42</sup>, mas os quais findaram em momentos muito díspares conforme as regiões do mundo consideradas. Na Mesopotâmia tal término verificou-se há cerca de 5.000 anos, no Norte da Europa há apenas 1 milénio (Jorge,1987).

Existem certos autores que defendem que a Proto-história deveria começar apenas no Neolítico ou com a “Idade do Bronze”. No entanto, para a arqueologia, a história da civilização humana começa na pré-história e continua na história até ao presente século (Jorge,1987).

*“A origem do Homem, como género, como espécie, como alastramento das formas produtoras que modificaram e revolucionaram o desenvolvimento Neolítico e os processos de desenvolvimento demográfico de hierarquização social, não deve ser esquecido.”*

(Jorge et al, 1991)

---

<sup>41</sup> Teoria dos sistemas, surgiu com os trabalhos do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, em 1950. Começou a ser aplicada na administração, principalmente em função da necessidade de uma síntese e de uma maior integração das teorias anteriores (Científicas e Relações Humanas, Estruturalista e Comportamental oriundas das Ciências Sociais) e da intensificação do uso da cibernética e da tecnologia da informação nas empresas. Os sistemas vivos, sejam indivíduos ou organizações, são analisados como “sistema abertos”, mantendo um contínuo intercâmbio de matéria/energia/informação com o ambiente. A Teoria de Sistema permite re-conceituar os fenômenos numa abordagem global, permitindo a inter-relação e integração de assuntos que são, na maioria das vezes, de natureza completamente diferentes.

<sup>42</sup> "Australopiteco", Primata homínídeo, fóssil descoberto na África do Sul.

Indubitavelmente a Pré-história inscreve-se no âmbito das disciplinas históricas e, através delas, no campo das ciências humanas. Definitivamente interdisciplinar, a Pré-história obriga a um diálogo permanente com praticamente todos os ramos e níveis do saber. O estudo de um determinado momento, ou estrado de tempo, só se torna perfeitamente compreensível se integrado na existência de um “antes” e “depois” (Jorge,1987).

Este período explica de que maneira o homem emergiu dos restantes primatas, descobriu as primeiras formas de alteração da matéria através do fogo, promoveu a modificação de equilíbrios ecológicos, humanizou a paisagem transformando o meio natural em meio geográfico, implantou no espaço as primeiras marcas duráveis da sua ação, criou a arte... Sem a Pré-história, no processo de hominização, toda a história subsequente seria inatingível (Jorge,1987).

A Pré-história tem um papel fundamental no esclarecimento da base biológica e cultural da espécie humana, colaborando para a crescente preservação do meio ambiente a partir do envolvimento do homem nesse mesmo meio, e mostrando como lhe foi possível “*fazer-se a si próprio*” como refere Childe.<sup>43</sup>O estudo da Pré-história é árduo, pois depende da análise de documentos não escritos, como restos de armas, utensílios de uso diário, pinturas, desenhos, etc. Na figura 14, é possível verificar e distinguir a cronologia da Pré-história, segundo Arruda,1993 (Jorge,1991).

A Idade da Pedra abrangia: o período Eolítico, período iniciante do Paleolítico; o período Paleolítico, período entre (4 000 000 a.C. a 10 000 anos a.C.), este subdivide-se em Paleolítico Inferior (de 4 000 000 a 40 000 anos a.C.) e Paleolítico Superior (de 40 000 a.C. a 10 000 anos a.C.) é vulgarmente conhecido como Idade da Pedra Lascada; o Mesolítico, período entre (20 000 e 10 000 anos a.C.), período intermediário do Paleolítico e Neolítico; e o Neolítico, período entre (10 000 a 5 000 anos a.C.), este período é vulgarmente conhecido pela Idade da Pedra Polida; e a Idade dos Metais / Bronze (5000 - 4000 anos a.C.). Ressalta-se que, convencionalmente, a divisão entre História e Pré-história tem como marco a invenção da escrita, ocorrida por volta do ano 4000 a.C.

---

<sup>43</sup> Gordon Childe, nasceu em 1892, Sydney, foi filósofo australiano e especializado em arqueologia. Cunhou os termos Revolução Neolítica e Revolução Urbana. Vítor Oliveira Jorge, “Projetar o Passado”. Editorial Presença, Lda., 1987, pág. 87.

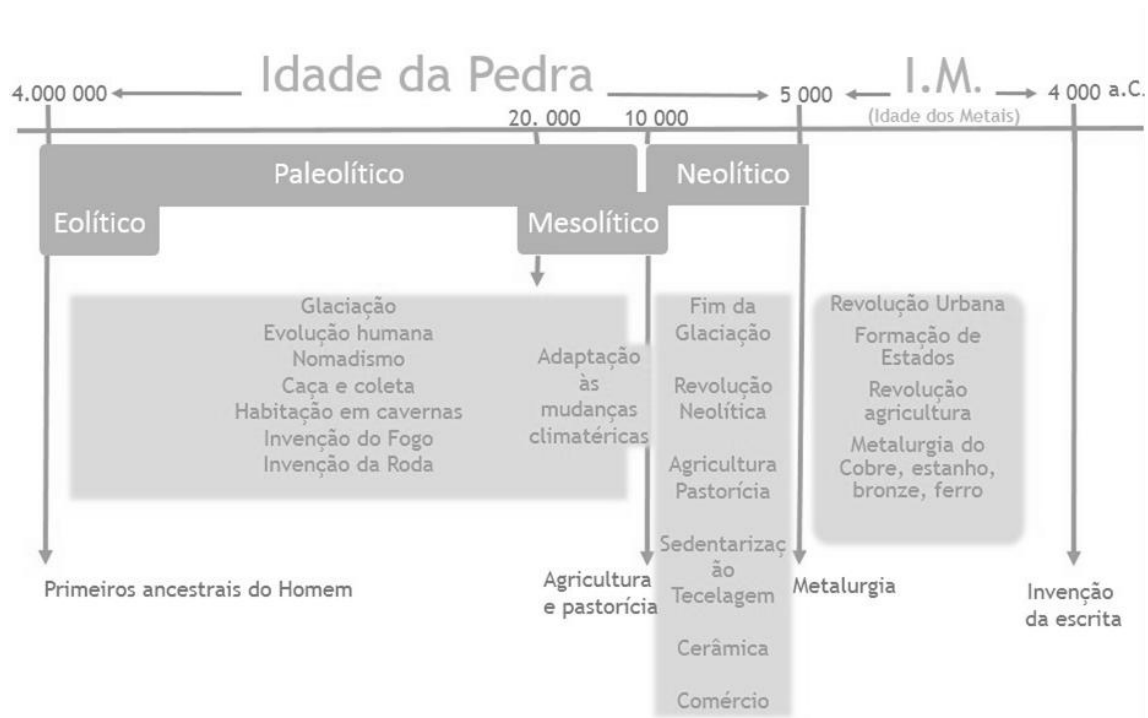


Figura 14\_ Cronologia da Pré-histórica (a partir de Arruda,1993).

#### 2.2.4. Idade da Pedra

Salienta-se que no presente item debatem-se as particularidades da Idade da Pedra e devido à falta de “datas absolutas” acerca dos acontecimentos durante o período da Pré-história, as datas expostas nem sempre estão em unanimidade perante autores. É o caso do autor Arruda, (1993), ele defende que o período Paleolítico se iniciou em 4000 000 a.C.. No entanto o autor Arsuaga (2001) defende que se iniciou à 6000 000 a.C. Perante este exemplo, todas as datas expostas neste item não são factuais, mas sim presunções dos autores.

A maioria dos autores como Bicho (2006); Cunha-Ribeiro (1990); Cardoso (2002); Raposo (1993) consideram o Paleolítico dividido em três subperíodos: inferior, médio e superior A divisão tripartida do tempo é uma ferramenta científica baseada no conceito “início-desenvolvimento-fim” e, neste caso, assenta não só na evolução das técnicas de produção de instrumentos mas, também, no tipo de sociedade e espécie de homínido<sup>44</sup> existente em determinado momento (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

Como já referido, o Paleolítico (pedra antiga), também conhecido como “Idade da Pedra Lascada” ou período da selvageria, é um período pré-histórico correspondente ao intervalo entre a primeira utilização de utensílios de pedra pelo homem, até ao início do Neolítico (cerca de 10.000 anos a.C.). Este grande período histórico subdivide-se em Paleolítico Inferior (até há 4000 000 anos atrás) e Paleolítico Superior (até 10.000 anos a.C.). Entre o Paleolítico e o Neolítico intercala-se, nalgumas regiões o período chamado Mesolítico, um período de

<sup>44</sup> “Homínido”, Família de mamíferos primatas que originaram o homem.

adaptação às mudanças climáticas que ocorreram na Europa. O Neolítico, também chamado de “Idade da Pedra Polida”, é o período da pré-história situado aproximadamente entre 10.000 e 6.000 a.C. Durante este período surgiu a agricultura, a olaria, a intenção de embelezar a cerâmica, e a fixação inerente à agricultura provocou o desenvolvimento da sedentarização. Um período onde foram assentadas as bases para a civilização em que hoje vivemos. Também foi aqui que começou a domesticação de animais (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

O Paleolítico, o primeiro período da idade da pedra, foi um dos períodos mais importantes no processo evolutivo humano, já que entre os 4 mil milhões de anos e os 10 mil anos, surgiram e extinguíram-se as formas pré- humanas e humanas que estão na origem do *Homo-sapiens*<sup>45</sup> (Fig.15) (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

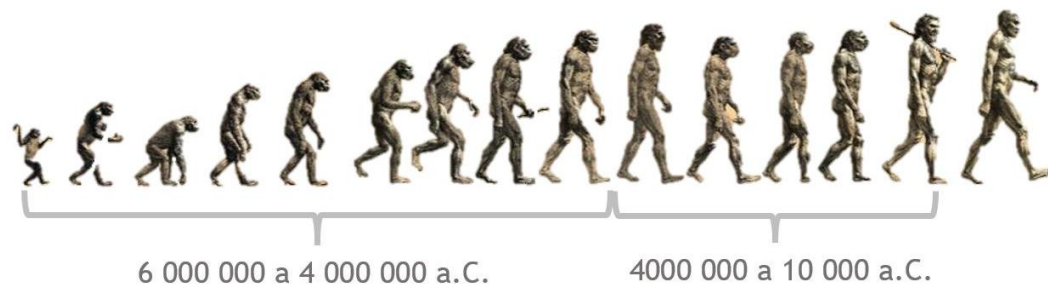


Figura 15\_ Evolução Humana durante o período paleolítico (a partir de Arsuaga, 2001).

O aparecimento dos primeiros ancestrais do homem surgiu a cerca de 6 000 000/4 000 000 de anos a.C.. Os primeiros homínídeos pertenciam ao gênero *Australopithecus* e diferenciavam-se dos demais primatas por conta de sua postura ereta, locomoção bípede e uma arcada mais próxima da atual espécie humana (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

Os sucessores do *Australopithecus* foram os *Homo-habilis* (2,4 milhões anos a.C.) e o *Homo-erectus*, o qual haveria surgido há aproximadamente 1,8 milhões anos a.C.. O seu maxilar apresentava uma consistência maior e seus dentes eram mais largos. Além disso, tinha uma caixa craniana de maior porte e uma postura mais ereta. Segundo consta este teria habitado regiões diversas da África e da Ásia como o Java, China, Etiópia e Tanzânia (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

---

<sup>45</sup> “*Homo-sapiens*”, Primata antropóide do paleolítico superior, que deu origem ao homem moderno.

A partir do processo evolutivo sofrido por este último espécime, haveria surgido o chamado Homo-sapiens (150 000 anos a.C.), uma espécie da qual descenderia o Homo-neanderthalensis, estes concebiam armas e utensílios com maior sofisticação. Este teve também a incrível capacidade de se dispersar em outras regiões do mundo num relativo curto espaço de tempo e aproveitando as conquistas consolidadas por seus ancestrais, teve a capacidade de desenvolver a linguagem, dominar o fogo e construir instrumentos diversos (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

Depois disso ocorreriam as mudanças que encerrariam o extenso Período Paleolítico, que termina em 10 000 a.C.. A partir daqui, desenvolveu-se o Período Neolítico (10 000 a.C. - 6000 a.C.) e a Idade dos Metais, que vai de 6000 a.C. até o surgimento da escrita em 4000 a.C., onde por fim se encerra a Pré-história (Oliveira,2011).

O termo Paleolítico (do grego Palaiós - antigo; lithos - pedra) surgiu no século XIX por John Lubbock<sup>46</sup> e estava associado ao conceito de “Pedra lascada”, por ser o vestígio deixado pelos seres humanos mais encontrado e reconhecido deste período segundo os autores (Bicho, 2006; Cunha-Ribeiro, 1990). Algo a que se associa este período é conjuntamente o clima glacial que afetou a geomorfologia do território, e influência nas rotas migratórias das formas humanas (Fig.16) (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

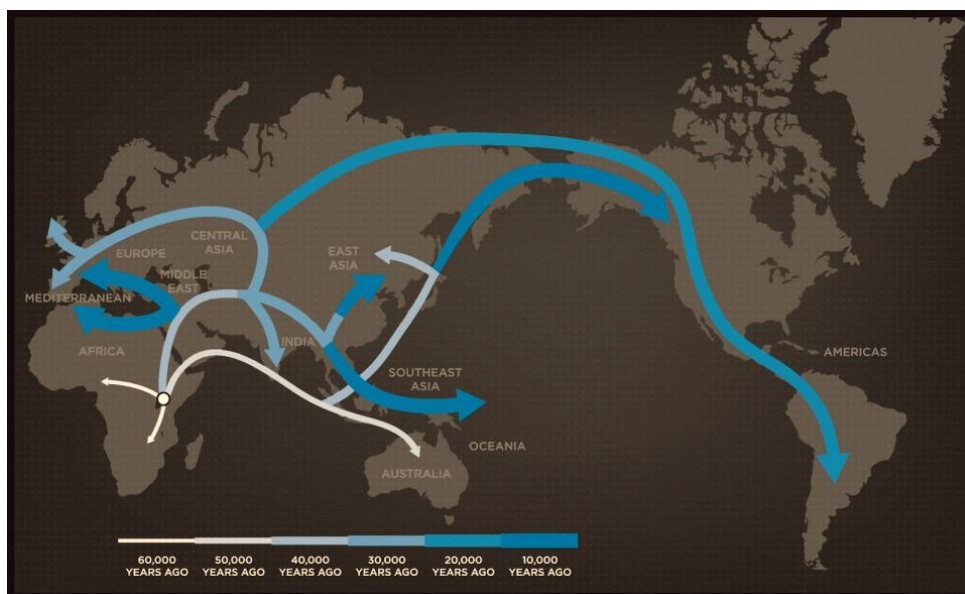


Figura 16\_ Representação esquemática sobre a emigração humana no período Paleolítico, *in* National Geographic (2013).

---

<sup>46</sup> Paleolítico ou Idade da Pedra. O termo paleolítico foi empregado pela primeira vez pelo historiador John Lubbock, nascido em Londres em 1834.

O período intermédio do paleolítico, está compreendido entre os 250.000 e os 40.000 anos e será o mais complexo dos três sub-períodos, relacionado às várias espécies do género *Homo*, e marcado pelo progresso de técnicas de produção de ferramentas líticas (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

O Paleolítico Superior, entre os cerca de 40.000 e os 10.000 anos, caracteriza-se pelo desenvolvimento de várias técnicas complexas, findando com o final da última glaciação europeia, a glaciação de *Würm* (Barroso Cruz *et al.*, 2007).

No fim do Paleolítico Superior/ Mesolítico, segundo Arruda, (1993) apareceu então o período Neolítico. Nesse período aumentou a precisão dos trabalhos em “osso”, preparando a verdadeira revolução que ocorreria na época neolítica (Oliveira,2011).

Durante o período Paleolítico Inferior, o homem vivia num estado nómada, voltado para a caça, pesca, recolha de alimentos da própria natureza, e iniciando a fabricação dos primeiros instrumentos (arcos e setas, objetos de pedra, etc.). No período Paleolítico Superior, ocorre uma diminuição das habituais fontes de carne, provavelmente devido às variações climáticas (extremas variações de calor e frio, chuva e secas), o que fez revolucionar a forma do homem subsistir, e começar a produzir colheitas. Objetos encontrados pertencentes a essa época, revelam progressos consideráveis na fabricação de instrumentos, por exemplo serras de madeira com filas de pequenas lascas geométricas de pedra, para servirem de dentes (Oliveira,2011).

A necessidade de segurança, convivência, e, sobretudo, da impossibilidade da comunidade subsistir sem alimento, leva essas comunidades a passarem do estágio de nomadismo para a sedentarização, iniciando-se o período neolítico ou a nova Idade da Pedra. Neste período o homem passa também a organizar o espaço em que habita, a irrigar o solo, a selecionar sementes, a cultivar algumas plantas comestíveis, a domesticar um pequeno número de animais, a fabricar objetos de cerâmica, a conhecer as estações do ano e, conseqüentemente, começa a modificar o seu meio ambiente (Oliveira,2011).

*“ (...) a transição do modo de vida do Mesolítico para o Neolítico é um momento de viragem, no desenvolvimento social e econômico do homem, comparável, em importância, às revoluções industriais e científicas dos séculos XIX e XX.”*

(Colin Mcevedy,1990)

Convém no entanto, destacar que as origens reais da agricultura continuam pouco compreendidas (Oliveira,2011).

O conhecimento da técnica de fundição dos metais inaugurou-se na Idade do Bronze (5000 - 4000 a.C.), fazendo com que o homem abandona-se progressivamente os instrumentos de

pedra. Inicialmente, predominava a produção de cobre, do estanho e do bronze (3000 a.C. no Egito e Mesopotâmia), o ferro apareceu mais tarde (1500 a.C.), na Ásia Menor, ganhando preferência na fabricação das armas (Oliveira,2011).

Ao longo do tempo, a agricultura passou a ser incompatível com a criação de animais na mesma área, fazendo-se a separação entre a agricultura e a pastorícia. O pastor precisava dos produtos agrícolas, e o agricultor, por outro lado, necessitava dos produtos animais. Iniciou-se então o aparecimento de locais para comércio de trocas. Mas nem sempre a troca podia ser realizada por não ser a ocasião da colheita ou não haver pronta disponibilidade dos produtos animais, o qual fez surgir a escrita de forma a registrar as trocas combinadas e as entregas de produtos. Neste seguimento surge também a moeda, criada para facilitar as trocas de produtos (Oliveira,2011).

Entretanto voltando aos fins do período neolítico e princípios do período histórico, isto é aproximadamente no ano 4000 a.C., começam a formar-se os primeiros agrupamentos humanos, com características de estados (ver item 2.1.6). Segundo Benevolo, (1993) O aumento da densidade populacional, aos poucos, transforma antigas aldeias em cidades, e conseqüentemente provoca alterações na esfera da organização social. Nasce, assim, o confronto entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos: os serviços que se desenvolvem através da especialização, e a produção agrícola que cresce utilizando estes serviços (Oliveira,2011).

*“O que distingue a cidade da aldeia não é a extensão, nem o tamanho, mas a presença de uma alma na cidade, (...) a coleção de casas aldeã, cada uma com a sua própria história, converte-se num todo conjugado. E este conjunto vive, respira, cresce, adquire um rosto peculiar, uma forma e uma história internas”*

(Goitia,1992)

Após o incessante aumento populacional, somado com a consolidação da prática da agricultura surgiu um novo estilo de vida, o qual levou a mudanças fundamentais, na economia e nas ordens sociais, tecnológicas e ideológicas, determinando um salto civilizador e a abertura de novos caminhos para a sociedade, com mudanças profundas da composição e das atividades (Oliveira,2011).

Apesar do desenvolvimento das técnicas agrícolas, ter provocado um aumento populacional nos lugares, esse acréscimo foi mais perceptível nas regiões onde a fertilidade do solo era maior, como sucedeu na Baixa Mesopotâmia. Os primeiros sítios habitados desenvolveram-se essencialmente nos vales dos rios devido à fertilidade do solo, facilidade de irrigação e de transportes. Como exemplos pode-se apontar: Nilo (Egito), Tigre e Eufrates (Mesopotâmia), Hindus (Paquistão) e rios Amarelo e Yang-Tsé-Kiang (China). De acordo com descobertas arqueológicas, foram localizados no Oriente Médio vestígios dos primeiros aldeamentos baseados no cultivo do trigo e da cevada e na domesticação de cabras e ovelhas, e aldeias em ruínas onde subsistiam os primeiros silos e fornos de padeiro, como Jarimo e Zawi Chemi, no Iraque; Ras Shamra, na Síria, e outras. Os dois maiores e mais desenvolvidos sítios arqueológicos que se tem conhecimento são Jericó (Fig.17) e Çatal Hüyük (Fig.18) (Oliveira,2011).



Figura 17\_ Jericó, a cidade existente mais antiga do mundo. (Iniciada no período Neolítico), *in* Caravanas Terra Santa (2014).

De acordo com pesquisas arqueológicas, o sítio de Jericó, localizado no vale do Jordão, região do mar Morto, entre Jerusalém e Amã, é considerada a mais antiga cidade do mundo descoberta até aos nossos dias. A determinação da data por meio do carbono  $C_{14}$  (ver item 2.1.2, paragrafo 7) indicou que Jericó havia sido construída em 7000 a.C.. Sabe-se que o sítio de Jericó possuía uma área de 1,6 hectares, protegido por uma vala cortada na rocha e um muro de pedra e nele existiam edifícios públicos e santuários no seu interior, com estátuas de gesso. O sítio de Çatal Hüyük (Fig.18 e 19), localizado na planície central da Turquia, ocupava uma área de 13 hectares e não era protegido por muralhas (Oliveira,2011).



Figura 18\_ Cidade Çatal Hüyük (Iniciada no período Neolítico), *in* Genealogy of Religion (2011).

As casas de Çatal Hüyük eram todas idênticas e próximas entre si, dispostas de uma divisão principal com dimensões de aproximadamente 6 por 4 metros. Essas casas não possuíam portas para o lado externo no nível do solo, mas uma escada de mão, e através da abertura na parte superior das casas permitia o acesso ao exterior (Oliveira,2011).



Figura 19\_ Cidade Çatal Hüyük (esta figura demonstra a morfologia da cidade), *in* Genealogy of Religion (2011).

Durante o IV milênio a.C., os oásis juntos ao longo dos rios Tigre e do Eufrates, na Mesopotâmia e do Nilo no Egito, tornar-se-iam as primeiras sedes com características de uma civilização urbana. Essas regiões eram férteis, pois as periódicas inundações dos rios traziam para a planície o limo, um excelente fertilizante natural, que permitia o cultivo de diversos cereais (trigo, aveia, centeio, cevada, arroz, milho, etc.) e plantas frutíferas (uvas, figos, damascos, melões, mangas, bananas, morangos, laranja, etc.), proporcionando colheitas excepcionais (Oliveira,2011).

Além disso, o “terreno aberto” favorecia as trocas de mercadoria, facilitando as comunicações. Com o passar do tempo, melhoram as práticas de irrigação e as áreas

cultiváveis ampliaram cada vez mais. A introdução dos metais, da roda, do carro puxado pelos bois, do burro de carga e das embarcações à vela e a remo acelerou de modo acentuado o desenvolvimento dessas regiões e ao estarem localizadas entre o rio e o deserto fez com que se desenvolvessem de forma concentrada. O mesmo não ocorreu com as cidades europeias, que por deterem um campo fértil para produzir, desenvolveram-se de forma espalhada (Oliveira,2011).

Entretanto existem outros arqueólogos que defendem a teoria de que o aparecimento das primeiras cidades ocorreu, não nos grandes vales fluviais, como se julgava, mas nas zonas montanhosas que delimitavam uma área fértil, como nas vertentes das montanhas do Irã, do Iraque, de Israel, da Jordânia e da Síria (Fig.20). Certo, é que Durante o V milênio a.C. o domínio das técnicas de irrigação, permitiu estender a colonização dessas regiões até locais antes fora do alcance das comunidades agrícolas. A construção de pequenas valas transversais, que permitiam desviar os cursos de água até campos próximos, eram uma garantia contra a seca, nos períodos de escassez e de chuva (Oliveira,2011).



Figura 20\_ Cidade de Palagan, Irã, Iraque (esta figura demonstra a morfologia da cidade), fotografia de Amos Chapple, in National Geographic (2012).

## 2.2.5. Progresso Tecnológico

### 2.2.5.1 Evolução dos Utensílios

Desde os “*Australopithecus* até aos *Neanderthalensis*”, iniciou-se a utilização de instrumentos. Estes partindo de seixos levantaram algumas lascas e numa progressiva diversificação chegaram às lâminas do Paleolítico recente, permitindo que já no final do período Paleolítico, a inteligência humana revela-se um homem com uma relação com o meio exterior completamente nova e um progresso totalmente independente da evolução biológica (Jorge,1987).

*“A tipologia paleolítica é a ciência que permite reconhecer, definir e classificar as diferentes variedades de utensílios que se encontram nas jazidas desse longo período da evolução da humanidade”*

François Bordes (Jorge,1987)

A relação estreita entre o Homem e os materiais configurou-se tão significativa e importante, como ainda se configura, que eras diferentes da humanidade receberam o nome do material mais predominante da época. Como é o caso da Idade da Pedra à Era do Metal. A datação de cada era é feita com base em achados arqueológicos, no material que predomina nesses achados e nos sítios arqueológicos onde foram encontrados.

A datação feita a partir de análises várias (ver item 2.1.2), nem sempre é totalmente precisa e os resultados por vezes geram motivos de controvérsias e pode haver opiniões várias quanto à distribuição cronológica de cada era. No entanto nas primeiras tentativas de estabelecimento de datas dos períodos compreendidos por essas eras, levou-se em consideração os achados, e conduziram ao estabelecimento da sequência mostrada na figura 21 (Navarro,2006).



Figura 21\_ Primeira tentativa de se estabelecer uma sequência de eras baseadas nos materiais, *in* Navarro (2006).

Mais tarde as análises posteriores apresentaram que aquilo que era considerado feito de bronze, na verdade, era feito de um metal que continha cobre (Cu) associado com impurezas como arsênio (As). Dessa forma, uma nova distribuição cronológica foi feita assumindo a configuração mostrada na figura 22.

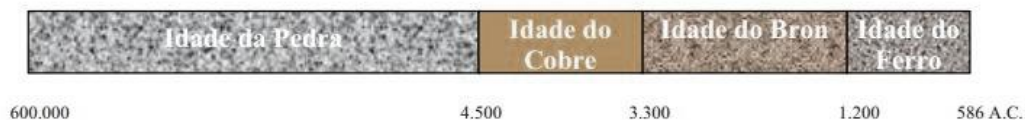


Figura 22\_ Distribuição cronológica atualmente mais aceita das eras da humanidade, *in* Navarro (2006).

A Idade da Pedra é considerada como sendo o período que compreende a aparição dos primeiros utensílios (Fig.23 e 24) produzidos pelo Homem (400.000/5.000 A.C.) e o início da Era dos Metais.

A Idade da Pedra representa 98% do tempo da existência do Homem na terra, (tal como já foi referido antes no item 2.2.2), e é dividido em dois períodos principais: Paleolítico e Neolítico. O próprio período Paleolítico é subdividido em três partes, cada parte correspondendo a um avanço tecnológico no trabalho com a pedra (Navarro,2006).

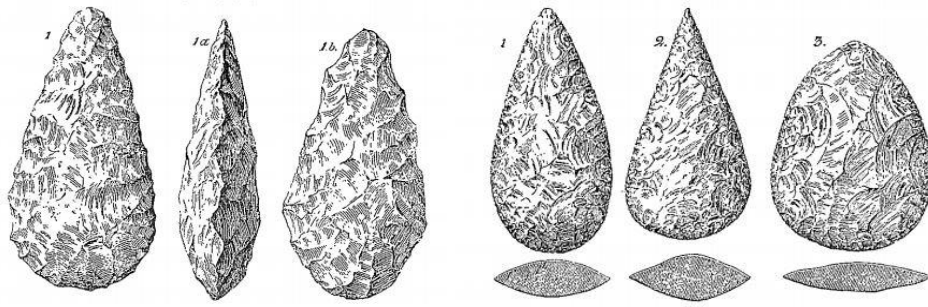


Figura 23\_ Bifaces Primitivos “Coup-de-ping” (Picos de mão, instrumentos do Paleolítico Inferior, estes foram encontrados em Chelles, França, a dimensão normalmente varia entre os 10 e 15cm de comprimento), in Almeida (1972).

Ainda no Paleolítico, os homóides já pertencentes à mesma espécie do homem atual, fortaleceram a técnica de entalhe de pedra. Isso tornou possível a produção de artefactos mais elaborados como instrumentos para raspar, pontas e lâminas cortantes e pequenas lascas de pedra e facas feitas de lascas de sílex. Esses novos instrumentos tinham também como função a caça de animais e a separação de carnes para alimentação da pele e ossos. Para a produção de artefactos domésticos e vestimentas, provavelmente inventadas devido à quarta glaciação da terra que baixou muito a temperatura ambiente, surgiram as agulhas, buris, pás e enxadas. O aparecimento destes artefactos intensificaram a teoria da necessidade de vestimentas assim como de moradias além das cavernas. As pedras passaram a ser também fontes de matérias-primas para o mobiliário e outras peças que representavam “status” superior ou imitavam formas humanas (Navarro,2006).

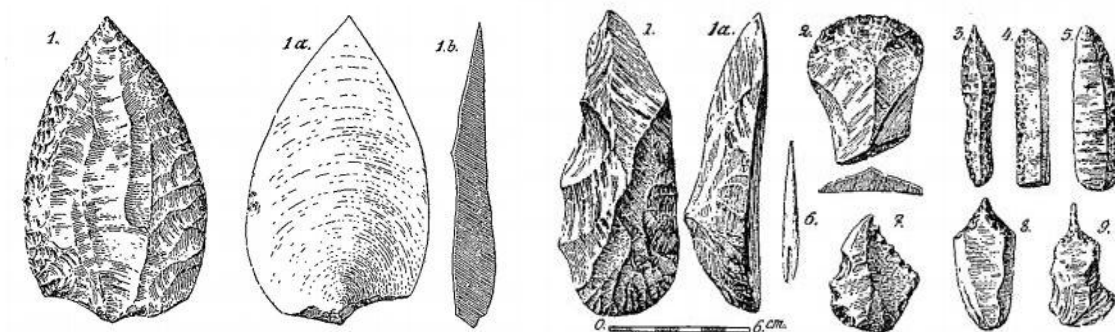


Figura24\_ Bifaces Primitivos (Instrumentos pertencentes ao Paleolítico Intermédio e Superior, revelam uma maior variedade de formas conscientes e simétricas. A figura 1 e 2 são raspadeiras, a 3,4,5 são lâminas, a 6 ponta de osso, a 7 buril, a 8 e 9 são furadores.), in Almeida (1972).

O período Neolítico foi caracterizado pela evolução técnica da manipulação da pedra, pelo seu polimento (Fig.25), e pelo desenvolvimento da agricultura iniciada no período anterior. Dos machados, lanças, facas e pás primitivas, passou-se para objetos polidos, mais bem acabados e precisos que permitiram a utilização em maior escala de ossos e de pedras como basalto e calcita na produção de artefactos domésticos e agrícolas (Navarro,2006).

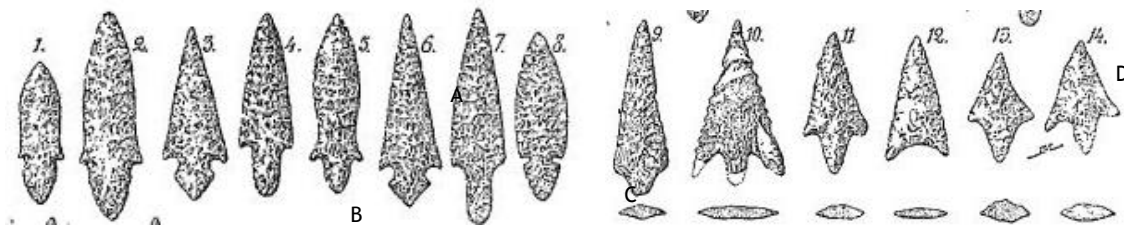


Figura 25\_ Pontas de seta (Instrumentos Neolíticos, com pontas em forma foliáceas ou geométricas, as figuras de 1,2,3,4,5,6,7 e 8 foram encontradas no Egito, as figuras,9,10,11,12,13 e14 foram encontradas no Sul da Europa), in Almeida (1972).



Figura 26\_ Punhais (A e B) e Machados Primitivos (C e D) (Instrumentos Neolíticos, encontrados na Escandinávia), in Almeida (1972).

O progresso da agricultura levaram ao desenvolvimento de vasos cerâmicos (Fig.27) necessários ao transporte e acondicionamento de alimentos e produtos agrícolas, assim como o contato com outras matérias-primas como a porcelana de *Antrin* (Navarro,2006).



Figura 27\_ Vasos de cerâmica (Vasos neolítico, modelos encontrados no Sul da França), in Almeida (1972).

A ornamentação, existiu já desde o Período Paleolítico, revelando impressionantes peças de arte, realizadas neste período pela mão humana (Fig.28,29 e 30). Estas tem o fim de provocar beleza, alegria e de restituir para sempre a atitude observada num momento de vida. São puras manifestações estéticas (Almeida,1972).

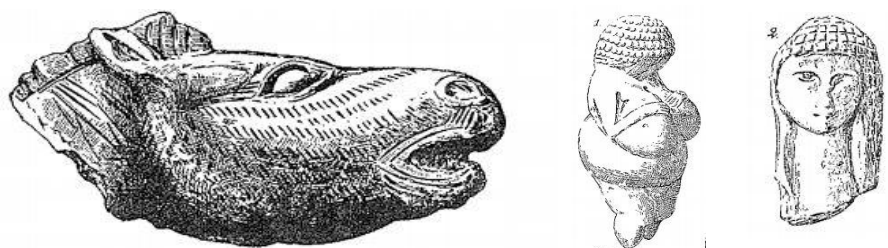


Figura 28\_ Esculturas do período Paleolítico (encontradas em França), in Almeida (1972).

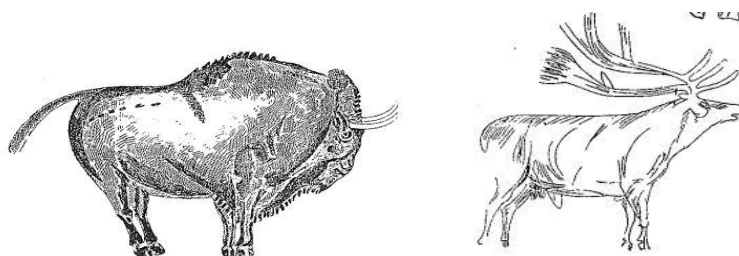


Figura 29\_ Representações do período paleolítico (Encontradas em Madalense - Altemira), in Almeida (1972).

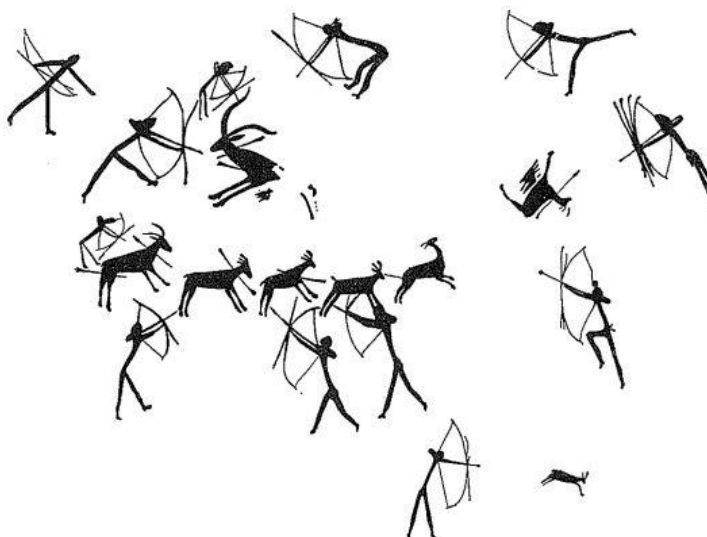


Figura 30\_ “ La Cueva de la Aranã” (Uma das raras apresentações “ narrativas” pré-históricas da arte espanhola. Uma história contada por imagens, neste caso retrata a ultima fase de uma espera às cabras acoçadas por batedores), in Almeida (1972).

Já na fase neolítica a arte, para além de estar presente em vários elementos, está também muito intrínseca à decoração da cerâmica. Esta decoração em cerâmica reparte-se em 5 géneros: impressa, incisa, excisa, aplicada e pintada. Cada uma das quais abrange várias espécies, conforme os processos técnico-desenvolvidos empregados (Almeida,1972).

A cerâmica impressa é decorada com padrões marcados pela pressão de outros objetos sobre o barro fresco, tais como unhas, cordéis, pedaços de corda, pentes, carimbos com desenhos, carretilhas, conchas e outros (Almeida,1972).

Na cerâmica incisa (Fig.31), os desenhos eram gravados na pasta mole, com um estilete ou instrumento aguçado, realizando ranhuras que por vezes eram preenchidas com uma pasta colorida, realçando o desenho (Almeida,1972).

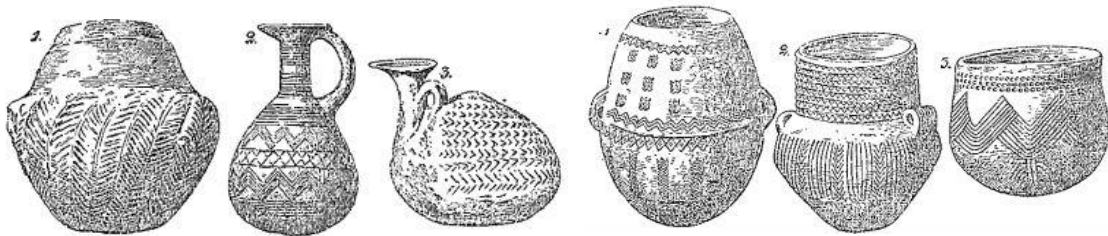


Figura31\_ Cerâmica incisa do período Neolítico (estes modelos foram encontrados nas ilhas Cíclades e no mar Egeu), in Almeida (1972).

Na cerâmica excisa, extraem-se da superfície do vaso pequenos pedaços de barro, de formas regulares, “escavando” um desenho em falso relevo. Esta é feita sobre o barro já cozido e duro. Na decoração aplicada, os motivos são pastilhas, bolas, tiras, rolos ou cordões ou de barro colados ao vaso em várias disposições (Almeida,1972).

A cerâmica pintada (Fig.32), era coberta de um induto (barbotina, engobo, verniz), sobre o qual se realizava a pintura com a ajuda de um pincel. As cores eram obtidas através de minerais diluídos em água (vermelho de ocre, negro do bióxido de magnésio, branco do caulino...) (Almeida,1972).

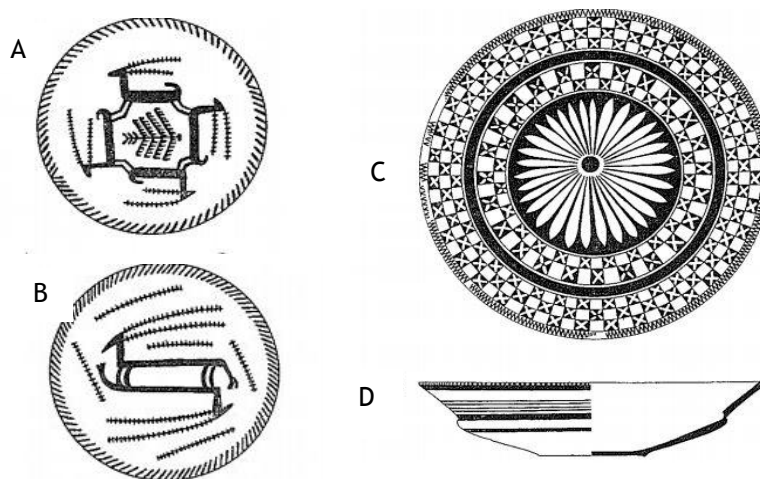


Figura 32\_ Cerâmicas trabalhadas do período Neolítico (Pratos encontrados em Samarra (A/B) e Arpalchiya (C/D), in Almeida (1972).

## 2.2.5.2 Da Construção Primitiva à Arquitetura

*"Na natureza do espaço estão o espírito e a vontade de existir de uma certa maneira"*

(Louis Khan,1996)

Desde o entrelaçamento de ramos de arbustos, do uso de peles de animais ou, mais tarde, com a utilização de blocos de pedras, ajudado pelas ferramentas cada vez mais otimizadas e pelos exemplos deixados pelos antepassados , o homem quer por meio de esforços empíricos ou por um pressentimento estrutural, fez a sua primeira cabana primitiva (Moraes,2010).

*" A origem lendária, quase mítica, da arquitetura corresponde ao momento remoto do passado em que o até então homem das cavernas abandonou o seu refúgio natural e montou a sua primeira cabana".*

(Ruy Llera,2006)

A técnica que o homem tem vindo a aplicar nas suas construções são tão antigas como a existência da humanidade e o seu desenvolvimento está relacionado com a observação da natureza e aperfeiçoamento da prática construtiva. Este aperfeiçoamento permitiu que o mero construtor primitivo se tenha transformado em arquiteto, resolvendo a sua necessidade mais imediata, a sua casa refúgio, e construindo monumentos em honra dos deuses tecnicamente mais complexos, de construção mais sólida e duradoura (Moraes,2010).

As primeiras construções provavelmente eram feitas de barro ou tijolo de barro e madeira, tendo como cobertura a palha. A escala era humana e os materiais utilizados eram normalmente materiais locais e que permitiam facilmente serem utilizados sem grandes alterações físicas. Com o passar do tempo a manipulação dos materiais naturais, permitiu ao homem novos processos de construção. De forma prática a humanidade conseguiu grandes evoluções na arte de construir, propiciando edificações complexas e grandiosas como silos, estradas, pontes, teatros, templos e barragens (Moraes,2010).

No entanto a construção de "Stonehenge" (ver figura 9), um monumento rudimentar dos primeiros exemplos onde existe a associação do pilar com a viga, demonstrava já uma imponência notável. Segundo (Roth,2009) neste tipo de construção dois elementos verticais trabalham à compressão e apoiam um terceiro elemento horizontal submetido à flexão. Outra estrutura erigida no passado com frequência é o "dólmen" (Fig.33) palavra celta que significa "mesa de pedra" ou "anta". Esta através de três apoios, sustenta uma outra grande placa de pedra lembrando uma laje, e normalmente são monumentos sagrados, usados como câmaras mortuárias (Moraes,2010).



Figura 33\_ Forma megalítica de um “Dólmen/Anta” (situado na Pera-do-Moço, na cidade de Guarda, Portugal), *in* Lopes (2010).

A construção destes monumentos demonstra já uma grande capacidade de raciocínio. Nas figuras seguintes (Fig.34 e 35) são demonstrados os métodos (teorizados) que possibilitaram a construção dos dólmens/antas e menires. Desde a escolha do local, à escolha das pedras, à capacidade de organização, até aos propósitos rituais, pode-se constatar a “inteligência” humana passada (Candeán, 2010).

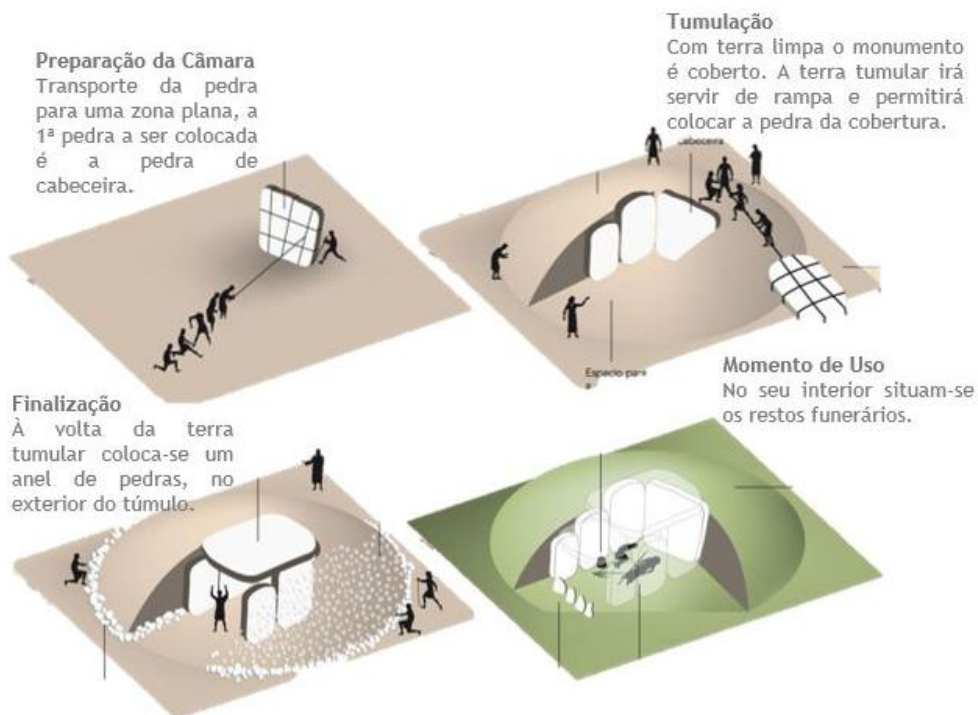


Figura 34\_Construção de um dólmen/anta de forma megalítica, *in* Candeán (2010).



Figura 35\_ Construção de um “menir” de forma megalítica, in Candeán (2010).

Mas para além destes exemplos monumentais construtivos, a construção das primeiras habitações gera igualmente vários depoimentos sobre os arquétipos construídos em outrora. Para Quatremère de Quincy<sup>47</sup> existiam três arquétipos construtivos: a tenda, a caverna e a cabana estruturada em madeira. Blondel<sup>48</sup> defendia que as primeiras cabanas foram feitas de junco, galhos, e argila, para proteger os homens primitivos do mau tempo e de animais ferozes. E Chambers<sup>49</sup> defendia que os primeiros abrigos surgiram de cavernas, troncos de árvores e buracos cavados no chão e só depois os surgiram os habitats mais confortáveis, baseados nas construções dos animais. No entanto ao longo dos tempos sempre houve teorias sobre o tipo de arquitetura primitiva. As técnicas desenvolvidas levaram a várias discussões sobre a cabana primitiva e sobre a origem da arquitetura. Os modernos acreditam estar na natureza, mas os antigos na tradição greco-romana. Discussão que ganhou força após o fim dos CIAM<sup>50</sup> (Ingrid,2007).

*“Olhe para o desenho deste tipo de cabana num livro de arqueologia: aqui está a planta de uma casa, a planta de um templo. É exatamente a mesma atitude que podes encontrar numa simples casa ou num templo de luxo [...]. Não existe esta coisa chamada “homem primitivo”, existem apenas meios primitivos.”*

(Le Corbusier,2000)

De vários depoimentos arquétipos há no entanto evidências de comunidades rurais, que consistem formalmente em técnicas primitivas. Nas figuras 36-46, pode-se constatar e observar várias técnicas, desde a utilização de peles, da madeira, pedra e arbustos (Weimer,2014).

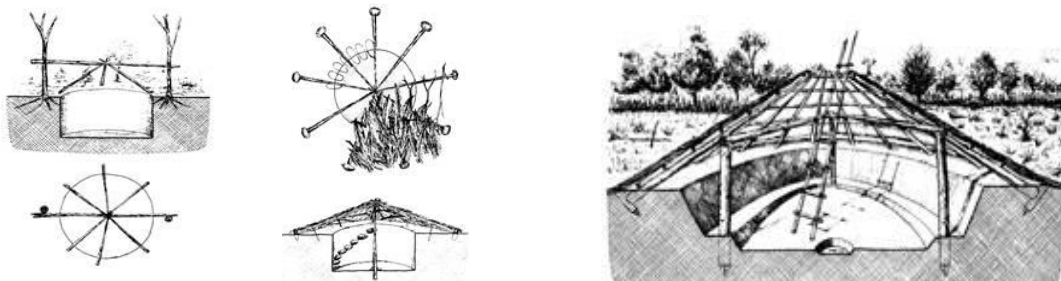


Figura 36\_ Casa subterrânea nas ilhas Aleutas, in Weimer (2014).

<sup>47</sup> Antoine Quatremère de Quincy, nasceu em 1755, foi um francês arqueólogo e teórico da arquitetura.

<sup>48</sup> Maurice Blondel, nasceu em 1861, foi um filósofo francês.

<sup>49</sup> William Chambers, um arquiteto escocês.

<sup>50</sup> CIAM, Congresso Internacional da Arquitetura Moderna. Foi fundada em 1928 na Suíça.



Figura 37\_ Casa Anuvialiut (esquimó), Alasca, EUA, *in* Weimer (2014).

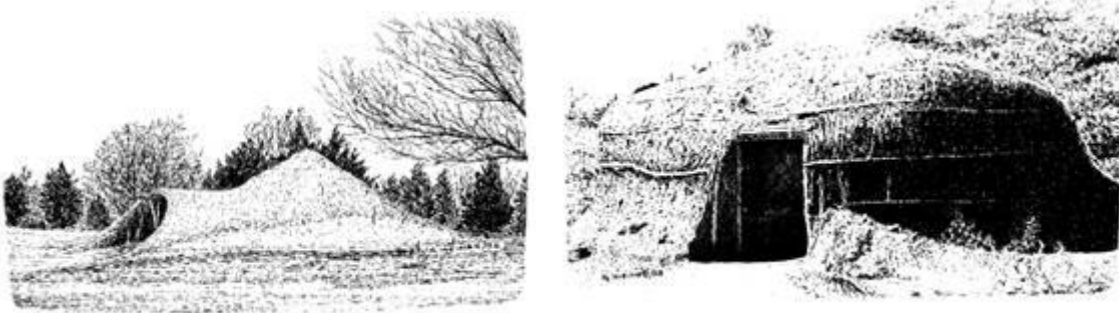


Figura 38\_ Casa subterrânea Pauni, Kansas EUA e Casa subterrânea Muioc, Califórnia EUA, *in* Weimer (2014).

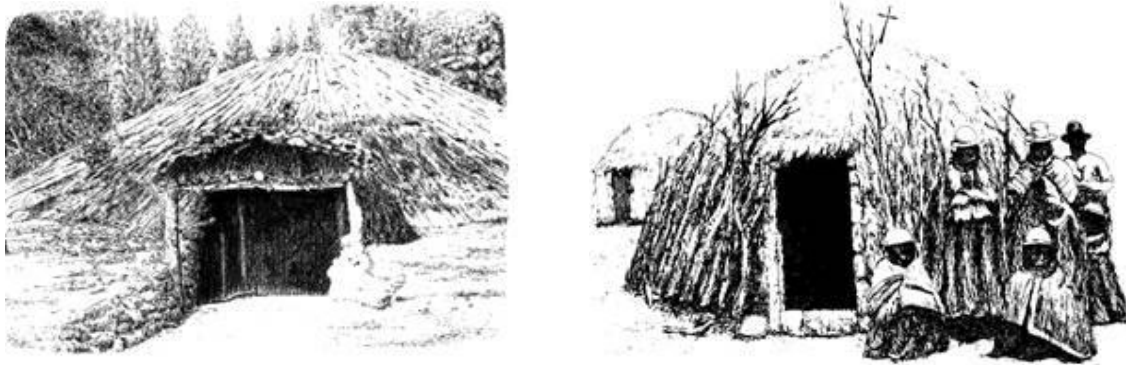


Figura 39\_ Casa subterrânea Miuoc, Califórnia EUA e Antiga casa subterrânea Aimara Bolívia, *in* Weimer (2014).



Figura 40\_ Tenda Tunguso, na Sibéria, Tenda Sioux nos Estados Unidos. Tenda Jagão no Chile, *in* Weimer (2014).



Figura 41\_ Estrutura da tenda Lacuto na Sibéria. Construção de um iglu, no Canadá. Estrutura de uma casa Xavante com madeira e arbustos, in Weimer, (2014).



Figura 42\_ Acampamento Lacuto na Sibéria. Aldeia Coriaco na Sibéria Oriental, in Weimer (2014).



Figura 43\_ Casa subterrânea Nanai, com cobertura de casca de árvore, Sibéria. Casa Gauto com cobertura de palha e arbustos. Aldeamento Ricbactsa orientado para favorecer a ventilação, in Weimer (2014).

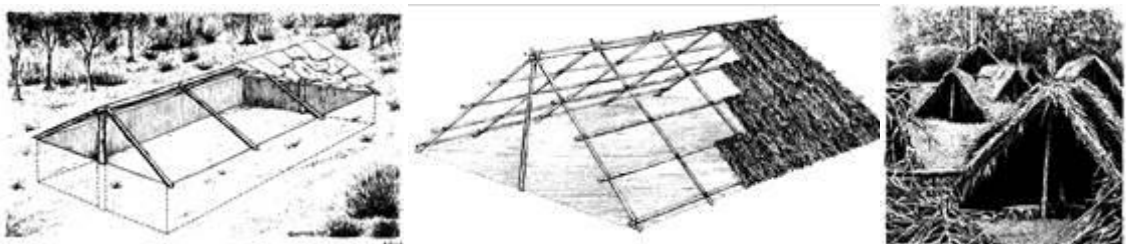


Figura 44\_ Tenda Evenqui, Sibéria. Tendas Blackfeet, Mississipi, EUA. Tenda expandida dos Nez Perce, Oregon, EUA, in Weimer (2014).



Figura 45\_ Tenda Chukchi, Sibéria oriental. Tenda Ojibua ou Chpeva, em Saskatchewan Canadá. Casa Kikapo, Califórnia EUA, in Weimer (2014).

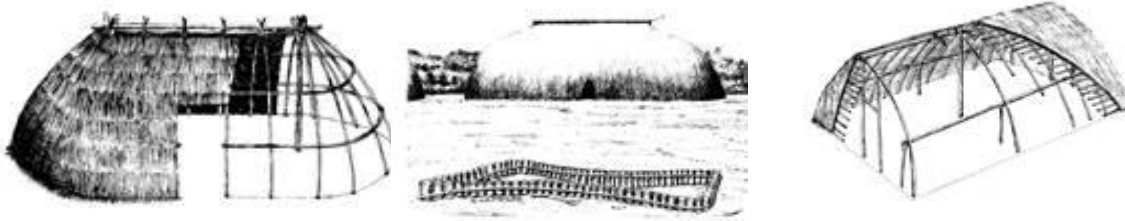


Figura 46\_ Casa em pomo, Coahuila México. Casa Calapalo, no Parque Nacional do Xingu, revestida a arbustos. Estrutura de uma casa Carajá de Tocantins, in Weimer (2014).

O abrigo humano é fortemente influenciado pelo sítio onde se insere. Descontinuidades arquitetônicas não podem ser utilizadas em regiões de diferentes climas ou com condições naturais diferentes daquelas que geraram a sua forma. A arquitetura primitiva, segundo Carvalho (2011), surge como uma exigência da necessidade do homem viver. *“Instintivamente, o homem primitivo orienta-se a um recinto fechado, onde ele costuma retornar frequentemente não apenas para repousar, mas também para escapar às intempéries”*. Esse local, pode surgir por um acidente geográfico, ou por um espaço natural sob o qual se exerce uma intervenção humana (Massara,2002).

De acordo com as limitações naturais e técnicas, a criação do primeiro abrigo iniciou o homem no processo de *“ordenação das peças, lugares e objetos, programados segundo uma disposição, orientação e interdependência coerentes com a sua natureza e necessidade”*. Mas para além das reflexões práticas, o que faz da arquitetura uma das mais intrincadas artes é a ligação dos fatores naturais-construtivos com os princípios estéticos. O arquiteto “primitivo”, antes de tudo, é considerado como um “artista”, no sentido de um “criador de formas condicionadas”, cuja função implica a resolução de aspetos práticos das mais diversas ordens e a simultânea expressão de valores subjetivos (Massara,2002).

Um dos grandes filósofos como Platão via na arquitetura não a representação de um objeto, como em outras artes de figuração de pintura e escultura, mas o real-objeto. Para as artes, excluindo a arquitetura, Platão definia o seu processo como a composição de uma ideia abstrata atribuída a uma forma e criadora de um objeto concreto a partir de uma realização imaginária. No entanto equiparando um pintor a um arquiteto, Platão define a pintura como nada mais que uma imagem, *“um fantasma, desprovido da existência verdadeira”*, e contrariamente, a arquitetura possui uma existência própria, o seu aspeto funcional permite a condição vital de proteção (Massara,2002).

Esta abordagem apesar de limitada a um período clássico é extremamente importante para o entendimento das origens do termo “arquitetura” e sua conotação de “primordialidade” sobre as outras artes e ofícios (Massara,2002).

Segundo Frampton (1996), o potencial da arquitetura é *“estabelecer significados autênticos naquilo que nós vemos, sentimos e experimentamos”*; as técnicas e os materiais são fundamentais para o entendimento do modo como nos sentimos (Massara,2002).

*"O arquiteto ordena, manipula, e utiliza aquilo que dá origem aos espaços em que vivemos".*

Kenneth Frampton (Massara,2012)

Tecnologia, segundo Pérez-Gomes (1997), envolve muito mais do que o entendimento das matérias, maquinaria ou processos técnicos neutros. Ela é o *"nosso mundo, a realidade histórica que nós fabricamos"*. A abordagem sociológica entende que a tecnologia deve envolver a criação de ferramentas sociais, para ajudar a organização humana. O surgimento do espaço primitivo, foi um período de desenvolvimento tecnológico rudimentar, mas a construção primitiva, não pode ser avaliada apenas como *"fruto de uma necessidade imposta pela pressão de uma natureza hostil ou de uma adaptação não biológica, mas da ânsia ou da urgência de limitar um espaço próprio, e de se definir enquanto ser vivo diante da natureza"* (Massara,2002).

As culturas primitivas possuíam também uma fortíssima relação com o sagrado. *"O sagrado extrapola os limites da proteção humana primordial. Templos e outros espaços simbólicos são lugares de interface do mundo terreno com um outro espaço, superior"*. Até porque as primeiras construções de maior importância que se conhecem são os monumentos funerários. Etimologicamente, *"os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Estes constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais"* (Massara,2002).

Segundo Carvalho (2011), existiam também outros ambientes naturais que personificavam propriedades e poderes sagrados, fazendo atrair os homens primitivos, como grandes pedras - menires, bosques sagrados, árvores monumentais, fontes de água. Eram marcos fixos que reuniam aqueles que de alguma maneira compartilhavam das mesmas práticas e portanto a sedentarização do homem a um determinado local associa-se também a motivos sagrados e não simplesmente à sobrevivência. Nos locais onde existem antigos santuários do Paleolítico são os locais onde primeiramente se desenvolveram indícios da vida cívica (Massara,2002).

Após isso existe também a evidência de sedentarização devido às inovações ocorridas na agricultura e conseqüentemente a produção dos recipientes: utensílios de pedra e de cerâmica, os vasos, jarros, tinas, potes, depósitos, como já foi explicado nos itens anteriores. *"Sem recipientes vedados (como os jarros de pedra ou argila), o aldeão neolítico não tinha como guardar seus alimentos, protegê-los de roedores e insetos. E sem casa permanente de morada, os filhos, os doentes e os velhos não poderiam ser mantidos juntos e em segurança. Foi com a ajuda dos recipientes permanentes, que a invenção neolítica possibilitou uma relação mais firme do homem primitivo com uma região geográfica específica"* (Massara,2002).



## CAPÍTULO 3 - ELEMENTOS DE TURISMO



1072. B. P. - Figueira da Fóz. Praia de Banhos.

Praia de banhos na Figueira da Foz, 1908. Coleção José Rafael Salgado

### 3.1 Introdução

Nos finais do século XX a industrialização e democratização dos meios de transportes permitiu o enriquecimento das classes médias. Tal fez com que ocorresse uma mudança de escala do turismo, passando a desempenhar um papel a nível económico e social relevante (Dinis,2005).

Mais tarde nos anos 60, os impactos ambientais provocados pela falta de planeamento e controlo, fizeram surgir pensamentos preocupantes sob o efeitos ecológicos do turismo. No entanto apesar desta consciência, só nos anos 80 se iniciaram as primeiras cimeiras, análises e incentivações ao desenvolvimento de um novo Turismo, um Turismo sustentável, integrador de preocupações económicas e socioculturais (Dinis,2005).

Nesta vertente surge em 2002 patenteado como o “Ano internacional do Ecoturismo” pela OMT (Organização Mundial do Turismo), o Ecoturismo. Este distingue-se das restantes formas de turismo sustentável, por conjugar um conjunto de princípios que procuram a preservação dos recursos naturais, e não só a promoção do desenvolvimento socioeconómico dos comerciantes locais e sensibilização do visitante. Visando sobretudo na educação sob a perspetiva ambiental sustentável e desenvolvimento económico (Dinis,2005).

### 3.2 História do Turismo

Nos anos XX o rápido crescimento do Turismo adveio do crescimento industrial, técnico e democratização dos meios de transportes, como tal surgiu a necessidade de definir o Turismo (Dinis,2005).

O interesse pelo turismo surge em diversos setores, perante a necessidade de reajustes à nova realidade. No entanto os setores interessados neste novo conceito, como a sociologia, antropologia, economia, etc. e as diferentes noções resultantes dessas disciplinas levam ainda hoje a um debate muito diversificado (Dinis,2005).

Apesar das diversas opiniões, há no entanto elementos em comum. É o caso da deslocação relativamente ao lugar de residência, a duração da viagem e os seus motivos. Em 1937, segundo Cunha (1997), a sociedade das Nações descrevia o turismo como sendo “*toda a pessoa que viaja por uma duração de tempo igual ou superior a 24 horas, para um país diferente da sua residência*”. Porém esta definição por si só não satisfazia e em 1942, segundo Baptista (1997), o professor Hunziker<sup>51</sup> definiu o turismo como “*o conjunto de relações e fenómenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que esses deslocamentos e permanência de pessoas não*

---

<sup>51</sup> Walter Hunziker, nasceu em 1899 na Suíça. Fundou o Instituto de pesquisa do Turismo e fundou a (AIEST).

*sejam motivados por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária*". Esta definição foi adotada pela AIEST (*Association Internationale des Experts Scientifiques du Tourism*), mas há ainda componentes que não são considerados. A ONU (Organização Nações Unidas) em 1954 considerou o turismo como *"qualquer pessoa que permaneça num país estrangeiro mais de 24 horas e menos de 6 meses, sem distinção de raça ou religião"*, este é um exemplo que exclui os residentes que se deslocam dentro do próprio país para fins turísticos (Dinis,2005).

Entretanto, segundo Cunha (1997) apesar de ainda muito geral, por incluir não só pessoas que se deslocam em lazer como as que se deslocam em negócio, saúde e educação, de todas as definições a mais perto de ser viável é a definição adotada pela OMT que considera o turismo como *"as atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios ou outros"*. Em outras ocasiões também é citada a definição de Mathieson e Wall, eles incluem referências ao conceito económico, implicando uma relação de procura e oferta, *"turismo é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades"* (Dinis,2005).

Para além do conceito Turismo, surge também a discussão sobre o conceito "turista". Segundo Domingues (1997), o termo turista surgiu no século XVIII para classificar os jovens, geralmente da sociedade inglesa de classe alta, que efetuavam por tradição uma viagem pela Europa no fim da suas formações - *"grand tour"*<sup>52</sup>, os quais mais tarde passavam a ser chamados de *"tourists"*. Em Portugal o termo turismo entra no vocabulário português em 1911 após a realização do IV Congresso Internacional de Turismo em Lisboa (Dinis,2005).

No século XIX, turista passa a ser definido como alguém que viaja por prazer. Após isto este termo ao longo do tempo foi tomando outros sentidos, desde a referência à deslocação para fora da habitação habitual, dos excursionistas ao visitante (Dinis,2005).

Como já foi referido o debate acerca da definição de turismo continua complexo, no entanto a crescente importância do turismo na sociedade, interessa cada vez mais a organizações como OMT, OCDE (Organização para a cooperação e o Desenvolvimento Económico), a EU (União Europeia) para compreender melhor este padrão que implica grande movimentação de massas/pessoas para diversos destinos (Dinis,2005).

---

<sup>52</sup> *"Grand tour"*, grande volta, um galicismo da língua inglesa.

Licínio Cunha<sup>53</sup>, segundo Brito (2003), classifica o turismo de acordo com os fatores que o influenciam. Dentro destes fatores encontra-se a origem dos habitantes, efeitos na balança de pagamentos, duração da permanência, meios utilizados, grau de liberdade administrativa, e a organização da viagem. Outros autores como Lickorish e Jenkins<sup>54</sup>, classificam o turismo, segundo as características dos viajantes, como a variação consoante as épocas do ano, mês, duração da estadia, objetivo da visita, país, local de residência, destino, locais visitados, informações socio-demográficas (sexo, idade, rendimento, educação), gastos e comportamentos na viagem. A análise destas características cede estratégias de planeamento devido às informações das tendências e preferências dos turistas (Dinis,2005).

### 3.2.1 Tipos de Turismo

Os fatores que compõem os tipos de turismo são a atração, os serviços, os transportes, infraestruturas, sistemas de informação, comércio, publicidade e as componentes oferta e procura. Cada destino turístico tem as suas próprias qualidades, mas estas são por vezes influenciadas por fatores externos como modas, concorrências e segurança. Para além de que o nível económico, tempo livre disponível e motivação também sejam fatores a ter em conta.

Segundo Cunha (1997), os diferentes tipos de turismo são: o turismo de recreio, turismo de repouso, turismo cultural, turismo de negócios, turismo político e turismo étnico. Já Domingues (1997), o turismo social pode ser definido como “*organizado por instituições de carácter socioprofissional, destinado a indivíduos ou grupos sociais de fracos rendimentos*”, um turismo ao alcance das classes mais baixas elevando um relacionamento saudável e enriquecedor entre classes. Baptista (1997), defende que o turismo étnico, cultural, histórico, ambiental, recreativo e religioso se inserem no turismo alternativo (Dinis,2005).

O turismo alternativo é um tipo de turismo que se diferencia do turismo de massas. A massificação do turismo, devido à saturação dos centros turísticos após o crescimento no séc. XX da democratização do turismo, levou à necessidade de se voltar a um turismo de maior qualidade, longe dos centros turísticos e das multidões. Ou seja um turismo alternativo que permite um comportamento mais responsável, rural, verde, ecológico, e um turismo defensor do património ambiental e cultural, para além de que o turismo alternativo tem uma preocupação política para com a economia e técnicas usadas para a preservação do ambiente e necessidades da população local (Dinis,2005).

---

<sup>53</sup> Licínio Cunha, é um português economista e professor na Universidade da Lusófona, dirige o departamento de turismo e é secretário do estado turismo português.

<sup>54</sup> Lickorish e Jenkins, escritores do livro “ *An Introduction to tourism*” Butterworth Heinemann 1997 244 p.

### 3.2.2 História do turismo em Portugal

*“Parti então, com muita alegria, para a minha apetecida romagem às cidades da Europa. Ia viajar?.. Viajei. Trinta e quatro vezes, à pressa, bufando, com todo o sangue na face, desfiz e refiz a mala. Onze vezes passei o dia num vagão, envolto em poeirada e fumo, sufocado, a arquejar, a escorrer de suor, saltando em cada estação para sorver desesperadamente limonadas mornas que me escangalhavam a entranha. Catorze vezes subi derreadamente, atrás de um criado, a escadaria desconhecida de um hotel; e espalhei o olhar incerto por um quarto desconhecido; e estranhei uma cama desconhecida, donde me erguia, estremunhando, para pedir em línguas desconhecidas um café com leite que me sabia a fava, um banho de tina que me cheirava a lodo. Oito vezes travei bulhas abomináveis na rua com cocheiros que me espoliavam. Perdi uma chapeleira, quinze lenços, três ceroulas, e duas botas, uma branca, outra envernizada, ambas do pé direito. Em mais de trinta mesas redondas esperei tristemente que me chegasse o boeuf-à-la-mode, já frio, com o molho coalhado - e que o copeiro me trouxesse a garrafa de bordéus que eu provava e repelia com desditosa carantonha. Percorri, na fresca penumbra dos granitos e dos mármore, com o pé respeitoso e abafado, vinte e nove catedrais. Trilhei molemente, com uma dor surda na nuca, em catorze museus, cento e quarenta salas revestidas até aos tetos de Cristos, heróis, santos, ninfas, princesas, batalhas, arquiteturas, verduras, nudezas, sombrias manchas de betume, tristezas das formas imóveis!... E o dia mais doce foi quando em Veneza, onde chovia desabaladamente, encontrei um velho inglês de penca flamejante que habitara o Porto, conhecera o Ricardo, o José Duarte, o visconde do Bom Sucesso e as Limas da Boavista... Gastei seis mil francos. Tinha viajado.”*

(Eça de Queiroz, A Cidade e as Serras, 1901)<sup>55</sup>

A Península Ibérica no séx. XIX, após o rebentamento do “Grand Tour”, marcava ainda uma fronteira, física e psicológica, entre o “mundo civilizado” europeu e o “mundo primitivo” (Lobo,2012).

Portugal, em circunstâncias inferiores, devido à sua posição na periferia da periferia, não permitia que muitos o conhecessem, e mesmo que o seu objetivo fosse esse, dependia da vizinha Espanha para se conectar com o resto da Europa (Lobo,2012).

Para além de que nas hierarquias estabelecidas dentro dos recintos expositivos, as representações nacionais não reforçavam a imagem de Portugal. Portugal não demonstrava evolução e ponha a “nú” o atraso da produção portuguesa em relação ao resto dos países da Europa. “Das visitas à Exposition Universelle des produits de l’Agriculture, de l’Industrie et des Beaux-Arts de Paris, em 1855, durante a sua grande viagem pela Europa antes de assumir a regência do Reino, D. Pedro V regista no seu diário de viagem, a estagnação da indústria ibérica em relação a uma Europa “em movimento” (Lobo,2012).

---

<sup>55</sup> Eça de Queirós, nasceu na Póvoa do varzim em 1845, foi um dos mais importantes escritores portugueses.

Portugal tinha de se reinventar a si próprio, e entrar na roda da mudança que acompanhava o resto da Europa. Eça de Queirós no seu livro intitulado por *A Cidade e as Serras* editado em 1901, impulsiona a este novo movimento: *“constata a ilusão perversa que era, afinal, a Cidade, e, de regresso à sua terra natal, em Tormes, no Baixo Douro, redescobre o sentido da vida, no arroz de favas servido pelo caseiro Melchior ou na diversidade de formas que encontra na Natureza. Contra a crescente desnaturalização e desumanização da moderna sociedade industrializada, Portugal tinha para oferecer a simplicidade rústica dos valores ancestrais da terra e da vida no campo em família. Não era o futuro, nem o passado, mas um outro presente, que para muitos era já uma realidade estrangeira”* (Lobo,2012).

Surgem então as primeiras atividades associadas ao universo turístico no automobilismo, provavelmente influenciadas pela criação em 1903 do Real Automóvel Clube de Portugal<sup>56</sup>. Aqui editaram-se os primeiros mapas e guias de estradas, e em 1905 é lançado o primeiro guia turístico do país em língua portuguesa, o *Guia Ilustrado do Viajante em Portugal*, coordenado por Santos Junior (Santonillo) e A. Morgado, onde realizam o primeiro “mappa excursionista de Portugal” (Fig.48), da responsabilidade da recém-constituída Sociedade Propaganda de Portugal (SPP) (Lobo,2012).

A Sociedade Propaganda de Portugal (SPP) como principais alvos de atenção teria *”o reequacionar da posição de Portugal no novo Mapa-mundo. E, nessas contas, o Turismo vai ser um, senão o, fator decisivo para (re) colocar o país no centro das relações internacionais”* (Lobo,2012).

Segundo Ramos (1994), a Companhia Real de Caminhos de Ferro Portugueses decidiu realizar uma campanha de viagens pelo país. Esta permitiu a visita a *“monumentos históricos de situação pitoresca, praias de banhos, estabelecimentos de águas...”* (Lobo,2012). Após garantidas as ligações ferroviárias ao resto da Europa, com a sua terminação, em 1866, do troço Badajoz-Madrid, que unia a Linha do Leste à capital espanhola, e a inauguração, em 1887, do comboio, entre Lisboa e Paris, que, a partir de 1907, passa a ter frequência diária por dedicação da Sociedade, segundo Cunha (1997), Portugal assumia, finalmente uma posição estratégica nas rotas transatlânticas intercontinentais, acompanhadas por viagens regulares com passagem pelo porto de Lisboa, conduzindo assim esta plataforma a uma das principais que ligava a Europa ao continente Americano (Lobo,2012). Uma vantagem que em 1907, faz financiar a edição do primeiro cartaz de propaganda turística português, *Portugal, the shortest way between America and Europe* (Fig.47). *“A situação periférica do país era, assim, apenas uma questão de perspetiva”*. Em 1909 a

---

<sup>56</sup> Real Automóvel Clube de Portugal, fundado em 15 de Abril de 1903. Tinha como presidente o rei D.Carlos, autor do emblema que identificava esta associação.



Figura 47\_ *Mappa Excursionista de Portugal*, sociedade portuguesa de Portugal, 1911 (a) in Lousada. Primeiro cartaz português de Turismo de Portugal (b), in Lousada (2010).

Sociedade faz-se presente, no II Congresso Internacional de Turismo, na cidade espanhola de San Sebastian, que unia os Sindicatos de iniciativa e as sociedades de turismo de San Sebastian e de Biarritz. Aqui alcança a sua integração numa Federação *franco-hispano-portugaise*, aprovada em Lisboa, dois anos mais tarde, no IV Congresso realizado (Lobo,2012).

Sob este novo impulso gera-se a criação de uma nova identidade nacional, não só demonstrando as suas singularidades naturais paisagísticas, mas também as suas singularidades culturais, patrimoniais, costumes e tradições (Lobo,2012).

A instabilidade que se vivia após uma monarquia, para um ainda prematuro governo, dificultava as medidas de fundo necessárias a aplicar para a elevação turística do país. Mas ainda assim o desenvolvimento do Turismo, enquanto atividade económica e prática social, surge como uma saída importantíssima para o restabelecimento do equilíbrio orçamental interno, que desde os finais de oitocentos, apresentava preocupantes dívidas públicas, e uma grande perturbação política, que culminou a Monarquia em 1910 (Lobo,2012).

A organização do IV *Congrès International de Tourisme* (Fig.48) em Lisboa, entre 12 e 19 de Maio de 1911, segundo Brito (2003), ajuda a trazer a Portugal o reconhecimento externo de que precisava para se afirmar, numa Europa à beira de um conflito mundial (Lobo,2012).

No decorrer, deste congresso, foi difundido o propósito de se criar um organismo nacional de Turismo, medida posta em prática com a publicação, no *Diário do Governo* de 18 de Maio de 1911, de uma lei decretando a constituição, no Ministério do Fomento, de uma Repartição de Turismo. Segundo Cunha (1997) a apresentação deste organismo foi tomada com grande agrado por todos os participantes. *Portugal era desta forma o terceiro país a “reconhecer oficialmente o impacto desta atividade na conjuntura socioeconómica internacional”* (Lobo,2012).

No Congresso são também aprovadas como hora da Europa Ocidental a adoção da hora oficial do Meridiano de Greenwich, com numeração de 0 a 24, a implementação de medidas de proteção a monumentos históricos e artísticos, e a criação de um Comité Internacional Permanente de Turismo. Para além do avanço de propostas como a construção do caminho-de-ferro do Entroncamento a Tomar, Batalha, Alcobaca e Nazaré, da ligação ferroviária entre Lisboa e Sevilha; do estabelecimento de uma linha de navegação entre Nova Iorque e Lisboa; e do melhoramento das condições dos hotéis em Portugal (Lobo,2012).



Figura 48\_ Cartaz do IV Congresso Internacional do Turismo em Lisboa, Raúl Lino, 1911, in Exposições (2010).

Quanto ao voto unânime de que em cada um dos três países representados no Congresso fosse criada uma instituição estatal de Turismo, a República Portuguesa respondia, como vimos, da forma mais eficaz (Lobo,2012).

Fora das sessões teóricas do Congresso, que tiveram lugar na Sociedade de Geografia de Lisboa, o programa do congresso incluía a visita “a diversos espaços nobres da cidade (...) onde decorreram algumas atividades de carácter social” e “excursões diversas á escolha dos congressistas” a várias zonas do país (Fig.49). Estas zonas eram selecionadas, tendo em conta a classificação dos imóveis considerados como monumentos nacionais, testemunhos históricos, culturais e artísticos, e que se ajustavam à demanda do turismo (Lobo,2012).



Figura 49\_ O Congresso do turismo (Congressistas no Monte de Estoril e em Cascais, durante visita a 15 de Maio (a), e congressistas no Palácio da Pena em Sintra no dia 16 de Maio (b)) fonte de Joshua Benuliel,1911, in Ilustrações portuguesas (1911).

Aqui os museus ocupam um lugar central, na importância destes no Turismo. E foi levado a cabo uma preocupação em relação à conservação e valorização patrimonial, que se tinham vindo a desdenhar desde a extinção das Ordens Religiosas, em 1834 (Lobo,2012).

Sem uma estratégia oficial de proteção e de salvaguarda deste património, assiste-se, durante o período liberal, à sua livre descaracterização, venda e sucessivo abandono. “Situação que seria agravada pela queda da Monarquia, em 1910, e pela aprovação da Lei de Separação do Estado da Igrejas, de 1911, deixando na posse do Estado um conjunto significativo de obras, móveis e imóveis, de alto valor histórico e artístico”. Tal fez com que em 1910, um Decreto com força assegurasse a integridade e a conservação do património nacional. Onde se impunha a reforma dos serviços e do ensino das artes, procurando combater a falta de coordenação e a eficácia das instituições existentes no país (Lobo,2012).

Aplicando a lei do Decreto, todas as obras de arte eram consideradas elementos patrimoniais do governo, e por isso assegurava-se a reforma dos serviços e ensino das artes. Aqui o país foi dividido em três circunscrições - Lisboa, Porto e Coimbra, cada uma delas com um Conselho de Arte e Arqueologia, coordenados superiormente por um Conselho de Arte Nacional, aos

quais era, “*agora, confiada a guarda dos monumentos, a direção suprema dos museus e outras funções de carácter artístico, na respetiva área*”. Uma posição relevante no panorama do turismo português, onde estes três conselhos passavam a estar associados a ligações especiais com monumentos, museus, organizações e obras classificadas que refletiam agora uma nova identidade nacional (Lobo,2012).

Entretanto devido às dificuldades económicas que o país atravessava, decorrentes da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, e clima de instabilidade política, as expectativas criadas à volta do Turismo nacional esmoreceram e inicia-se um panorama pouco favorável para este organismo até à década de 1940, altura em que a responsabilidade passa a fazer parte do Secretariado da Propaganda Nacional (Lobo,2012).

Na altura quem dirigia o cargo de presidência deste organismo era o Sebastião Magalhães Lima, o mesmo presidente do Conselho de Turismo. Este posiciona o turismo português num elevado panorama, quer pela edição continuada de folhetos e de cartazes turísticos, a nível nacional e internacional (Fig.50), quer pela participação ativa na discussão dos principais temas em foco no sector e a criação de uma escola de Hotelaria. Em 1913, é lançado o primeiro folheto oficial português de promoção turística, intitulado de “*Sunny Portugal*”, que apostava no património histórico conjuntamente com o clima, seguido pela “*Formosa Lusitânia*”. Para além disso em 1915, Sebastião Lima organiza um congresso “*O Congresso Regional Algarvio*” na Praia da Rocha, onde o arquiteto Raul Lino é convidado a apresentar um projeto para um Hotel, mas o qual só em 1933 viria a surgir essa oportunidade, no concurso do Hotel Modelo, promovido pela revista Noticias Ilustrado.

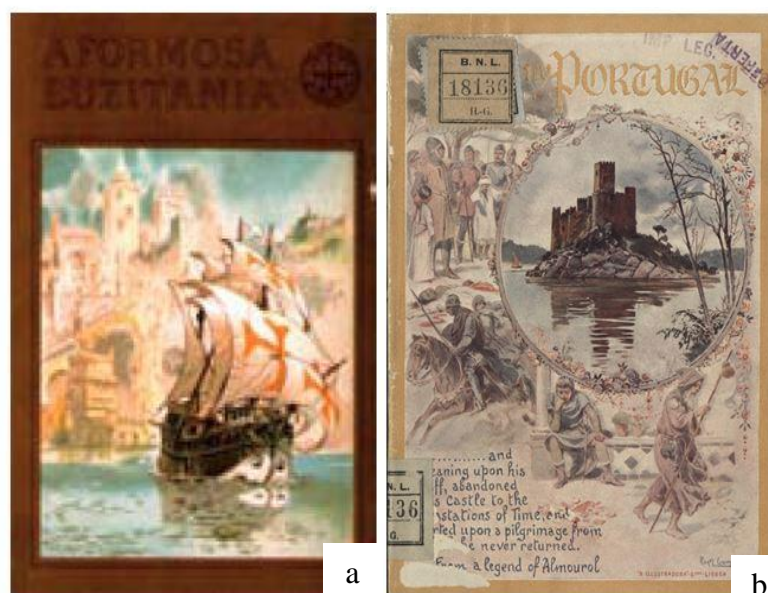


Figura 50\_ A Formosa Lusitana (folheto de divulgação turística da autoria de Alberto Forjaz, 1916 (a)). “*Sunny Portugal*” (primeiro folheto oficial português da autoria de Henrique Mendonça, 1913 (b)), in Biblioteca Nacional de Portugal (2010).

Entretanto avançam outros projetos, como é o caso da lei para a criação de três zonas de jogo (Cascais/Estoril/Sintra/Monchique/Figueira da Foz/Buçaco), bem como a proposta de um anel ferroviário turístico a ligar Madrid-Sevilha-Faro-Lisboa-Coimbra-Salamanca, e um imposto municipal facultativo em que a receita revertia para o Sindicato ou Sociedade de Iniciativa e propaganda regional. Internacionalmente a Sociedade conquista na capital francesa, em 1917, um “*Bureau de Renseignements*”, que passa a ser, dois anos depois, um Centro de Turismo e Propaganda nacional. No mesmo ano a SPP abre um nono “*Bureau*” em Bordéus, estruturas que nos anos 30 viriam a ser suplantadas pelas “*Casas de Portugal*”. Mas que no entanto promoveram a cidade de Lisboa como a “*Porta da Europa- O Cais Atlântico*” (Lobo,2012).

Também em 1917, em Lisboa viria a ocorrer o I Congresso Nacional Hoteleiro, onde se insere a emergência de implementação de uma escola de hotelaria no país e a criação de uma comissão encarregue de elaborar um projeto de lei que deveria conter normas proibindo a exploração dos grandes centros urbanos (Lobo,2012).

Em 1918, foi apresentada a classificação oficial das localidades consideradas “*Terras de Turismo*” e em 1923 apresenta-se a classificação dos diferentes tipos de estâncias existentes em Portugal (Lobo,2012).

Em 1927 todos os assuntos do Turismo passam a fazer parte do Ministério do Interior, uma medida devido aos distúrbios provenientes do exterior num período de grande agitação interna. Tal posição de força, perante uma ditadura, não satisfaz o setor do turismo, mas é por esta altura que se consegue a aspirada regulamentação. “*Percebe-se, assim, a transformação da antiga Repartição de Turismo, do Ministério do Fomento, entretanto integrada na Administração-Geral das Estradas e Turismo, do Ministério do Comércio e Comunicações, em Repartição de Jogos e Turismo, no Ministério do Interior. Também o Conselho de Turismo é recriado neste Ministério, em resposta à participação portuguesa na Exposição Ibero-Americana de Sevilha de 1929, agora com a designação de Conselho Nacional e uma função muito mais deliberativa.*” (Lobo,2012).

Em 1930, segundo Cunha (1997), surge a Comissão de Propaganda do Turismo no Estrangeiro e em 1935, surgem as Casas de Portugal em Londres, Paris e Antuérpia. Aproveitando a realização do I congresso nacional de Turismo em 1936, aqui propôs-se a análise da indústria portuguesa, reivindicando a necessidade do Estado organizar o sector e a propor uma série de medidas institucionais. No entanto devido à Guerra Espanhola Civil, em 1936, este plano e a atividade turística em Portugal ficaram suspensos durante três anos (Lobo,2012).

Após a tentativa em 1939 da política de renovação do setor do turismo, só em 1944 a mudança foi verdadeiramente assumida, “*com a transformação do SPN em Secretariado de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), título que deixava clara a subordinação da política oficial de Turismo ao repertório popular e ruralista que tinha vindo a caracterizar as*

*iniciativas do Secretariado*”. No entanto devido a um segundo conflito mundial, virava-se o turismo para os habitantes portugueses, através da nova política de férias pagas, uma política ainda não totalmente aplicada mas que já se fazia sentir. Aqui o guia de Portugal vem fazer mais sentido e começa a traçar um aproximação genérica do país (Lobo,2012).

A forma mais económica e fácil de visitar o país era através de comboio. Este era um meio de transporte democrático. Até os itinerários e seleção de roteiros turísticos eram baseados pela rede de caminhos-de-ferro existente, contribuído para a divulgação de novos lugares turísticos, “*A oferta de tarifas especiais em determinadas épocas do ano, implementadas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes e outras empresas nacionais, como a “Temporada de Banhos e Aguas Thermaes” (1889)92 ou os “Bilhetes de Família” (1894), além das “Viagens circulatorias em Portugal e Hespanha” (1891), e, mais tarde, os “Bilhetes de Excursão” (1909) e os “Expressos Populares” (1933), em muito favoreceu a generalização destas “Viagens de recreio, de instrucção ou de hygiene”, como eram normalmente designadas na Gazeta dos Caminhos de Ferro de Portugal e Hespanha” (Fig.51) (Lobo,2012).*

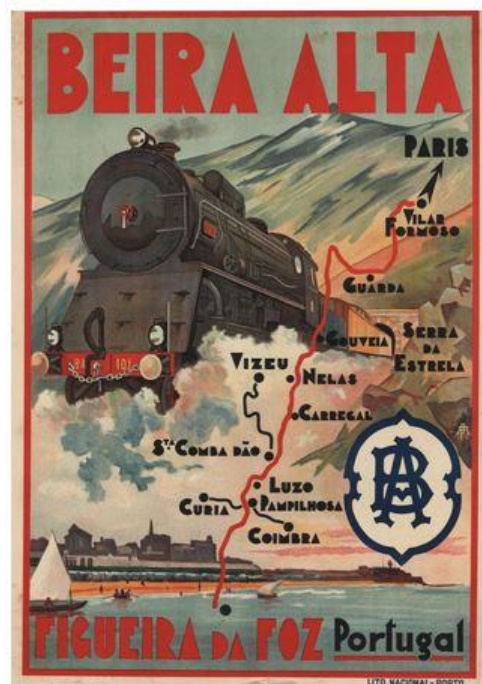


Figura 51\_ Cartaz da nova rede de caminhos-de-ferro que liga Paris a Lisboa, com passagem pela Beira Alta e Figueira da foz, 1920, in Biblioteca Nacional de Portugal (2010).

Entretanto, só a partir dos anos 50 é que o crescimento no turismo internacional se faz notar, conduzindo à “batalha do turismo em duas frentes”, segundo uma expressão de José

da Cruz Lopes<sup>57</sup>. “A primeira frente refere-se à crescente entrada de turistas estrangeiros, e a segunda à valorização do turismo no seio das instituições administrativas”.

A partir da importância socioeconómica que se fazia sentir no turismo português, compreendeu-se que só a beleza das paisagens, o clima favorável, a qualidade das praias e estâncias termais não eram suficientes para cativar o interesse do turista, se este não encontrasse conforto na estadia e facilidade em deslocar-se. Dentro deste âmbito as iniciativas tomadas para agradar ao turista, marcou a nova tendência construtiva de mais hotéis, pousadas, e a melhoria das estradas e redes de transportes. Estas medidas resultaram numa melhoria do turismo que se refletiu na economia, “ultrapassando, em termos de receitas externas, alguns produtos tradicionais como a cortiça e o vinho do Porto” (Dinis,2005).

Em meados da década de 60, segundo Lopes (2003), assiste-se a um rápido desenvolvimento do turismo. Em Portugal os principais destinos do turismo incidiam substancialmente em três pontos - Lisboa, Madeira e Algarve. Este último beneficia, tal como a Espanha, do interesse dos turistas do Norte da Europa pelo sul mediterrânico, o qual permitia aos turistas fugir dos rigorosos invernos (Dinis,2005).

O facto é que a situação europeia da época colaborava com o acréscimo de entradas de turistas no país, pois os países afetados pela II Guerra Mundial conheciam um período positivo economicamente, o qual lhes permitiu escolher o Sul de Portugal como destino de férias (Dinis,2005).

Nos anos 70, eram finalmente aplicadas as melhorias sociais que já tinham sido adotadas nos países industrializados da Europa. A diminuição do tempo de trabalho e o direito a gozar férias pagas. Esta política proporcionou crescimento do turismo interno. No entanto, devido ao orçamento limitador das famílias portuguesas, a tendência era gozar um único período de férias, onde as regiões escolhidas eram normalmente o Norte e o Algarve, (havendo preferência pela praia),e onde normalmente decidiam acampar ou ficar em casa de familiares ou amigos em detrimento das unidades hoteleiras (Dinis,2005).

Nos anos 70, após o 25 de Abril e o retorno dos “desalojados das ex-colónias” houve uma baixa do turismo recetor, pois estes acabavam por preencher as vagas hoteleiras. Estes acontecimentos provocaram uma grande crise com incidência no sector hoteleiro (com a descida do número de reservas de estrangeiros) e económico (ao nível das receitas externas). Tal remeteu ao aumento do número de estruturas hoteleiras e formação profissional, através

---

<sup>57</sup> José da Cruz Lopes, professor, escritor e investigador na área da ecologia humana e políticas do ambiente.

da criação da Direção Geral do Turismo e o Centro de Formação Turística, hoje Instituto de Formação Turística (Dinis,2005).

Segundo Cunha (1997), devido á extensa procura da parte dos turistas de sol e praia, desenvolveu-se turisticamente o Litoral, prescindindo-se assim do interior que conta com riquezas como a gastronomia, monumentos, paisagens e termas. Mas ainda assim Portugal não estava preparado para o aumento das chegadas de turistas estrangeiros, porque tinha falta de hotéis de qualidade, e de profissionais formados (Dinis,2005).

Não havendo nenhuma planificação do turismo em termos estruturais, alguns empreiteiros, começaram a construir sem ordenamento e sem preocupação com o impacto ambiental, descaracterizando o património natural e cultural. Apesar do crescimento da década de 80, devido em parte ao elevado número de chegadas de turistas, *“continuou a especulação imobiliária e a construção de hotéis, apartamentos e moradias de forma desordenada sem controlo por parte das autoridades. Umas das regiões que sofreu bastante com esse tipo de investimento imobiliário foi o Algarve. Para além dos hotéis já existentes, começou a desenvolver-se um mercado paralelo de alojamentos não classificados ou informais, com a disponibilização pelos algarvios de quartos ou casas”* (Dinis,2005).

Tal comportamento resultou numa situação de crise, resultado da falta de políticas de ordenamento, de infraestruturas adequadas e do excesso de oferta. Fazendo adivinhar a concentração de turistas nos mercados espanhóis e ingleses, e em Portugal da concentração apenas em zonas como Lisboa, Algarve e Madeira, em detrimento do resto do território. (Dinis,2005).

Nos anos 90, Portugal enfrenta uma queda nas receitas turísticas, devido à crise económica dos principais países emissores como Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Espanha, e outros fatores como a carência, ainda presente, de profissionais qualificados e a crescente concorrência mundial. Para além de que a preocupação sobre o buraco na camada de ozono e as alterações climáticas, começa a ganhar lugar na consciência humana e consequentemente no tipo de turismo, fazendo o turismo rural e a estadia em pousadas alcançar uma importância nunca antes atingida (Dinis,2005).

Presentemente devido a um inquérito realizado em 2015, sob uma plataforma *online*, foi possível entrar em contacto direto com os estabelecimentos hoteleiros e realizar um barómetro de conjuntura do Turismo para o ano 2015 (Turismo de Portugal, 2015).

No Barómetro de conjuntura (Fig.52), para o Verão 2015 de forma global, Inglaterra, Espanha, França, Alemanha e Irlanda são dos mercados que mais concentram o interesse por Portugal. Holanda e Brasil são pontuais maioritariamente, no sentido da estabilidade, mas 2015, revela um aumento de turistas. O mercado nacional continua a prevalecer

substancialmente no Norte, Centro, Algarve e Açores. O mercado holandês no Norte e nos Açores, e o mercado brasileiro em Lisboa (Fig.52) (Turismo de Portugal, 2015).

Existe um aumento da procura das regiões do Algarve, Norte, Lisboa e Centro. O aumento do poder de mercado de países como a Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e Irlanda justificam o otimismo da evolução da procura do turismo nacional. Nas regiões do Alentejo, Açores e Madeira são opções que têm vindo a aumentar. Em relação ao Inverno de 2015, a opinião dos responsáveis das unidades hoteleiras, converge no sentido de que a evolução da procura deverá ser para todas as regiões do país, excetuando a Madeira e o Alentejo (Turismo de Portugal, 2015).

Os hotéis de 5 estrelas, mostram-se otimistas na performance dos mercados inglês, alemão, espanhol e francês. A eventualidade de decréscimo recai nos mercados Brasileiro e Russo (Turismo de Portugal, 2015).

### **3.2.3 Benefícios e efeitos negativos do turismo**

Ao longo dos anos o impacto socioeconómico que o Turismo tem tido nas sociedades levou a uma maior atenção da parte das instituições e organizações internacionais (Dinis,2005).

Os benefícios do turismo tem-se apresentado na economia, emprego, rendimento e na troca de conhecimentos culturais entre as diferentes culturas, principalmente nos países em desenvolvimento (OMT,2004). Um fenómeno considerado tendo por si efeitos na economia local e efeitos no emprego (Dinis,2005).

O desenvolvimento do turismo permitiu a criação de novos postos de trabalho, contudo a variedade de indústrias que produzem bens para o turismo, torna este muito difícil de examinar. Nos países em desenvolvimento a população local costuma beneficiar desses empregos, mas muitas vezes estes cargos costumam ser ocupados por estrangeiros mais bem formados, a não ser que haja cooperações de instituições como a OMT e PNUD (Programa das nações Unidas para o Desenvolvimento), a fornecer apoios para a criação de escolas hoteleiras e de cursos de formação. Segundo Cunha (1997), um efeito positivo do turismo é na balança dos pagamentos. Os câmbios turísticos são compostos pelas receitas dos estrangeiros, despesas pelos nacionais fora do país, receitas dos transportes internacionais e as vendas ou receitas de engenharia ou equipamento de turismo. É certo que alguns países têm de importar produtos para satisfazer as necessidades dos turistas, no entanto é necessário encontrar um ponto de equilíbrio entre as importações e os produtos nacionais educando até o turista a apreender e a apreciar estes mesmos produtos (Dinis,2005).



Figura 52\_ Barómetro de Conjunturas do turismo para o ano 2015, gráfico 1\_Europa 2015, gráfico 2\_ Verão de Portugal, gráfico 3\_ Inverno Portugal, in TP (2014)

Em relação aos rendimentos, o turismo pode apresentar, principalmente nas áreas rurais, uma maior contribuição para o desenvolvimento de empregos e sucessivamente rendimentos mais elevados, os quais permitem às famílias locais melhorar as suas condições de vida. Porém uma das críticas efetuadas ao turismo é a de que as populações locais pouco recebem dos ganhos do turismo. Muitos dos lucros revertem às empresas multinacionais, agências de viagens, promotores e governos. Segundo o PNUA, cerca de 80% das despesas dos turistas revertem para as linhas aéreas, hotéis e outras companhias internacionais, que têm geralmente as sedes nos países emissores de turismo, sobretudo nos países em desenvolvimento que não possuem os sectores produtivos, para fornecer bens e serviços de que os turistas necessitam e são efetuadas importações de equipamentos, alimentos e outros produtos que não são produzidos no país recetor. Investimentos em determinados equipamentos, como aeroportos ou melhoria de redes viárias, pode implicar detrimento em áreas críticas como a saúde e educação (Dinis,2005).

Outro efeito negativo é o facto de haver casos em que os jovens deixaram as atividades tradicionais (como a agricultura) para trabalhar nos complexos hoteleiros onde ganham mais dinheiro, mas onde o trabalho é temporário. *“Com a crise que se faz sentir no turismo, muitos jovens ficaram desempregados mas já não querem trabalhar na agricultura com os mais idosos por este ser um trabalho mais penoso, preferindo esperar pelos turistas, fascinados como estão pelo mundo ocidental. Sem produção suficiente, esta pequena comunidade é obrigada a importar os bens alimentares que produzia anteriormente”* (Dinis,2005).

Socialmente o efeito do turismo pode proporcionar trocas interessantes de informação e costumes, solidificando até a valorização das artes locais e evitando que estas descampem. No entanto certas culturas tendem a perder a sua identidade e não conservam da maneira que deviam a sua cultura. Para além que, por vezes os visitantes não respeitam as culturas de outros povos. A massificação do turismo por exemplo não veio facilitar o relacionamento entre os habitantes locais e os visitantes, até porque as culturas tradicionais são por vezes alteradas para agradar os turistas (Dinis,2005).

Ambientalmente, se bem planeado e controlado o turismo pode até ser um instrumento a ajudar a preservação do ambiente e dos recursos naturais. Desde o desenvolvimento de infraestruturas para o tratamento de águas, melhoria de estradas, criação de parques naturais, reservas, preservação do património histórico e preservação do património arqueológico. Mas por vezes, o turismo também tem trazido efeitos negativos, e por vezes reversíveis, sobre a preservação do ambiente e sobre o património histórico e cultural (Dinis,2005).

A natureza é um dos principais recursos do turismo, tal que em 1980, segundo Lopes (2003) a Declaração de Manila sobre o Turismo mundial recomendou *“o uso de recursos turísticos não*

*pode ser descontrolado sem correr o risco da sua deterioração, ou mesmo destruição. A satisfação de necessidades turísticas não deve prejudicar os interesses sociais e económicos das populações residentes em áreas urbanísticas, o ambiente ou, acima de tudo, os recursos naturais, os quais são a atracção fundamental do Turismo, e são sítios históricos e culturais. Todos os recursos históricos fazem parte do património mundial da Humanidade”* (Dinis,2005).

Infelizmente o turismo de massas, gerou uma falta de ordenamento territorial e a construção em massa de superfícies hoteleiras. Estas meteram em causa as reservas e muitas das zonas de cultivo, defesa de áreas naturais, fauna e flora local. Para além de uma poluição visual em quais os espaços verdes tendem a diminuir e vários ecossistemas acabam por ficar muito frágeis (Dinis,2005).

### **3.2.4 Tendências do Turismo Internacional**

Demograficamente o turismo mundial, devido ao envelhecimento da população mais eminente, acréscimo de pessoas solteiras, aumento de famílias monoparentais e redução da dimensão dos agregados familiares, fez com que a exigência de maior nível e diversificação de serviços do turismo aumentasse, bem como a aplicação de novas tecnologias que por si só também têm vindo a contribuir neste sistema de mudança, conduzindo a uma extensão global.

Outra tendência a registar é a transformação do turismo internacional pela parte do transporte aéreo (Antunes,2012).

As frequentes preocupações climáticas têm também revelado uma maior consciência ambiental do turista. No entanto a maioria dos turistas ainda não incorpora este tipo de atitude nas suas decisões de compra. Por tal, torna-se importante que os padrões de consumo no processo de turismo se reverta com vista à sustentabilidade (Antunes,2012).

Por estes entendimentos torna-se essencial que os produtores turísticos lutem no sentido de satisfazer todas as necessidades dos turistas, mas também é esperado que estes lutem por uma mudança construtivamente positiva e ética para com a natureza, e recursos. Tornando os seus negócios competitivos e de qualidade, de forma a conseguirem a fidelização dos turistas (Antunes,2012).

No entanto para além dos produtores turísticos, é essencial que o apoio político, sustente estes valores éticos para com a natureza e paisagem. Permitindo a criação de áreas protegidas, bem como a criação de atividades de lazer em contato com a natureza e culturas locais (Antunes,2012).

Segundo OMT, em 2010, as viagens de lazer, representavam pouco mais de metade do total das chegadas dos turistas internacionais, tal que 15% dos turistas internacionais viajavam por razões profissionais, e 27% por outros propósitos (saúde, religião, visita a familiares). Quanto aos transportes de eleição dos turistas internacionais, estes optavam maioritariamente pelo transporte aéreo (51%) e outros pelo aquático (41%) e ferroviário (2%) (Antunes,2012).

Ao longo dos anos tem-se assistido a muitas transformações no que diz respeito ao turismo mundial. Estas ocorrem em função da situação económica vivida pelos países a nível mundial. Contudo, segundo a OMT, o turismo mundial tem vindo a recuperar principalmente depois da crise em 2009 provocada pela crise financeira global. Tanto que os números vieram revelar um aumento de 59 milhões de turistas a mais em 2010 (Antunes,2012).

*“Dos 940 milhões de turistas internacionais, em 2010, 53% registaram-se em países de economias avançadas e cerca de 47% em destinos emergentes.”* Quanto ao destino eleito pela parte dos turistas, a Europa domina o turismo mundial em 51%, a América (16%), o Médio Oriente (6%) e a África (5%) (Antunes,2012).

Em relação ao destino europeu favorito, os turistas tenderam a destinos como França (16,1%), Espanha (11,1%), e Itália (9,2%), ou seja, representando mais de um terço das chegadas internacionais (Antunes,2012).

As receitas turísticas internacionais obtiveram em 2010, um total de 919 milhões de dólares, e estas receitas encontram-se maioritariamente concentradas na Europa (44%), Ásia (27%), e América (20%) (Antunes,2012).

Em relação às receitas turísticas internacionais, o país que efetivamente lucrou mais foi os Estados Unidos da América, sucedidos pela Espanha, França, China e Itália (Antunes,2012).

O turismo internacional é uma das atividades económicas, responsável por uma grande fração das exportações de serviços (50%) e a atividade que mais contribui para as suas economias. A emergência de novos destinos turísticos tem feito com que o mercado global seja cada vez mais complexo. De alguma forma torna-se positivo, pois leva à competitividade, o que perfaz ao melhoramento de infraestruturas e serviços de forma a atrair a atenção dos turistas (Antunes,2012).

Segundo a OMT em 2011, *“ao falar-se de turismo internacional fala-se, fundamentalmente, de turismo intra-regional, uma vez que a grande parte dos turistas internacionais que se registam nas regiões de maior afluência resultam, na realidade, do intenso mercado intra-regional. Isto significa que, a grande maioria das chegadas de turistas internacionais assinaladas na Europa, na Ásia e Pacífico ou na América são provenientes de mercados emissores da própria região. Por outro lado, nas restantes regiões como África e o Médio*

*Oriente, os turistas internacionais que as visitam provêm maioritariamente de mercados emissores fora da sua região, como é exemplo o mercado europeu*". Em 2011 a OMT lança uma análise em que constata que cerca de 77% dos turistas internacionais são oriundos de países da mesma região e apenas 20% de outras regiões (Antunes,2012).

Também segundo OMT, o crescimento das chegadas de turistas internacionais foi maior nos destinos de economias avançadas, do que nos de economias emergentes. Mas os mercados emergentes, no entanto, têm vindo a aumentar e a prosperidade destes tem vindo a proporcionar muitos visitantes à Europa (desde sul-americanos, asiáticos e africanos). Ou seja apesar da instabilidade, o turismo internacional é uma das atividades mais relevantes no setor económico em alguns países, como é o caso de Portugal, um país periférico beneficiado pelas suas praias litorais, acesso ao mar mediterrânico e cultura histórica que acaba por favorecer o turismo internacional (Antunes,2012).

Quanto às previsões do turismo, para 2020, segundo OMT, espera-se que as chegadas de turistas internacionais se aproxime dos 1,6 mil milhões, ou seja um crescimento anual de 4%, desde 2010. O turismo será um dos setores económicos mais proeminentes e diversificado na economia mundial *"A atividade turística tem vindo a "sofrer" períodos de rápido crescimento - 1995,1996, 2000, 2004 a 2007 e 2010 - intercalados com fases de crescimento mais lento - 2001 a 2003, 2008 e 2009 - e, mesmo apesar da crise que se assiste atualmente, a OMT prevê o contínuo crescimento do turismo a nível global"* (Antunes,2012).

As tendências apontam que a Ásia, Médio Oriente e África venham a crescer 5% ao ano, em contrapartida à Europa, que apesar de ser a região mais visitada, na Europa e América a taxa de crescimento mantém-se. Prevê-se também que os destinos de eleição para 2020 venham a ser a China, França, EUA, Espanha e Hong Kong. A nível de emprego espera-se que atividade turística crie 21 milhões de postos de trabalho, elevando o número total de empregos para mais de 120 milhões (3,5% dos postos de emprego no mundo) (Antunes,2012).

### **3.2.5. Turismo Sustentável**

O turismo sustentável em 1987, no Relatório de Brundtland<sup>58</sup>, segundo Heras (2004),estipula que o desenvolvimento sustentável deve partir das satisfações das necessidades das gerações presentes sem comprometer as gerações futuras. (Dinis,2005).

Em 1992, a conferência das NU sobre o Ambiente e o Desenvolvimento provocou uma "declaração sobre o meio ambiente". Do conceito de desenvolvimento sustentável surgiu

---

<sup>58</sup> Relatório Brundtland, também conhecido como Nosso Futuro Comum, propõe o desenvolvimento sustentável, que é "aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades".

também a Agenda 21<sup>59</sup>, esta compreende metodologias para pôr em prática o desenvolvimento sustentável. Na ONU foi também criada a Comissão de Desenvolvimento Sustentável que reagrupa representantes de todos os Estados (Dinis,2005).

Para o desenvolvimento sustentável são assentados os 3 princípios do turismo sustentável, baseado na Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável de Joanesburgo em 2002: ambiental, social e económico. Ou seja, segundo Fennel (2003), utilizar sustentavelmente os recursos, reduzir o consumo excessivo e o desperdício, manter a diversidade, integrar o turismo no planeamento, apoiar as economias locais, envolver as economias locais, consultar os intervenientes e o público, formar o pessoal, divulgar a responsabilidade turística e realizar investigação (Dinis,2005).

Relativamente ao “*Guia para um Turismo Ambientalmente Sustentável*”, elaborado em 1995 por PNUA às empresas turísticas, estas devem implementar as questões sobre o desenvolvimento sustentável no centro das funções de gestão e são consideradas dez áreas prioritárias de ação: 1. Redução, reutilização e reciclagem de resíduos; 2. Eficiência energética, conservação e gestão; 3. Gestão adequada dos recursos de água potável; 4. Gestão adequada de águas residuais; 5. Gestão adequada de substâncias perigosas; 6. Transporte mais sustentável; 7. Gestão e planificação adequada do turismo; 8. Envolvimento do quadro de pessoal, clientes e comunidades locais em temas ambientais; 9. *Design* para a sustentabilidade; 10. Parcerias para o desenvolvimento sustentável (Dinis,2005).

Em 1997, a Assembleia-Geral das Nações Unidas, pediu à Comissão de Desenvolvimento Sustentável que produzisse um programa de trabalho sobre o turismo sustentável. Esse programa foi apresentado em 1999, na Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e aconselhou os governos e os operadores turísticos a adotar as medidas de forma a implantarem o desenvolvimento do turismo sustentável (Dinis,2005).

No ano 2001 a OMT lançou o “*Código Mundial de Ética para o Turismo*”, considerado o “código deontológico” para os intervenientes no turismo (Dinis,2005).

No ano 2002 nasceu então o Ecoturismo (Fig.53), realizando-se no Quebeque a Cimeira Mundial do Ecoturismo, onde foi aprovada a Declaração do Quebeque sobre o Ecoturismo (Dinis,2005).

---

<sup>59</sup> Agenda 21, foi um dos principais resultados da conferência Eco92, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992. Um documento que estabeleceu a importância de cada país se comprometer a refletir, global e localmente sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar para as soluções dos problemas socio-ambientais.

“O ecoturismo, é um meio importante para promover o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais e para gerar recursos para a proteção das mais valias naturais e culturais” (Dinis,2005).

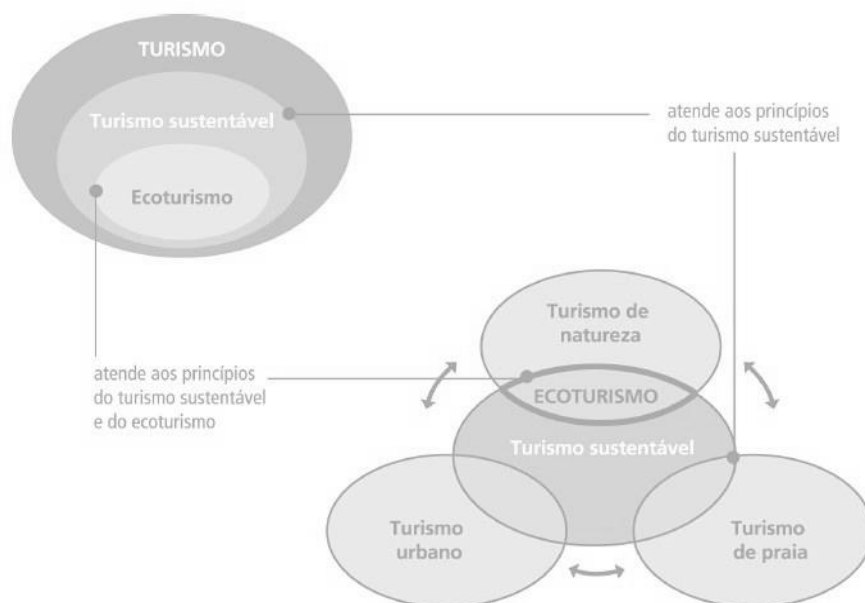


Figura 53\_ Introdução do Ecoturismo, proveniente de um conceito de turismo sustentável, introduzido na natureza, in Mourão (2004).

### 3.3 Elementos do Ecoturismo

#### 3.3.1 Introdução

O aumento da preocupação pelo meio-ambiente, principalmente nas últimas décadas do século XX, tem conseguido aumentar o segmento do Ecoturismo. Através do contato positivo do homem para com a natureza e os seus habitantes, é feita a sensibilização e consciencialização da importância da preservação e da conservação do meio ambiente. Tendendo a valorizar as tradições culturais, a partir de práticas sustentáveis (Oliveira *et al.*, 2010).

Conceitualmente existem 3 princípios que caracterizam o Ecoturismo. São eles o desenvolvimento sustentável, educação ambiental e envolvimento de comunidades locais. Para além disso o Ecoturismo associa os valores éticos ao comportamento do turista, ligados à sustentabilidade do local e aspeto educacional (Oliveira *et al.*, 2010).

Para isso, a preservação do meio ambiente exige o desenvolvimento e a aplicação de modelos de planeamento e controlo, bem como a capacidade de minimizar a carga construtiva para um menor impacto ambiental (Oliveira *et al.*, 2010).

O termo Ecoturismo, por si só começou a ser utilizado no início dos anos 80. Ele surgia como resposta à procura de atividades responsáveis pelo ambiente, opondo-se ao turismo de massas (Oliveira *et al.*, 2010).

Este é ainda um termo considerado recente, mas as práticas ecoturistas já remontam há muitos séculos. Desde as viagens de erudição já realizadas no século XVIII, até aos milhares de turistas que, no século XIX, já visitavam os Parques Nacionais de “Yellowstone” dos Estados Unidos da América (Oliveira *et al.*, 2010).

Genericamente o ecoturista associa-se a atividades como caminhadas, montanhismo, *rafting* e observação de pássaros. Mas, apesar de alguns aspetos em comum este não está relacionado com práticas desportivas do turismo de aventura, turismo náutico, e turismo de praia (Oliveira *et al.*, 2010).

### **3.3.2 História do Ecoturismo**

Com a revolução industrial, levando ao surgimento da classe média e sucessivamente do aumento do turismo, surge a preocupação para com a natureza. O avanço rápido da tecnologia, transportes fez surgir o turismo de massas e com ele o crescimento desordenado de cidades sem qualquer tipo de controlo e saneamento. Tal provocou o aumento de problemas ambientais como a poluição do ar, águas, e ar (Oliveira *et al.*, 2010).

Hector Ceballos-Lascurais, foi um arquiteto e foi o primeiro a empregar o termo Ecoturismo. Em 1981, o autor utilizou o termo “turismo ecológico”, o qual mais tarde em 1983 foi reduzido a Ecoturismo. No entanto a primeira definição foi criada em 1987 por Ceballos - Lascurain - “*A viagem a áreas relativamente preservadas com o objetivo específico de lazer, de estudar ou admirar paisagens, fauna e flora, assim como qualquer manifestação cultural existente.*” (Oliveira *et al.*, 2010).

Em 1994 o Departamento de Turismo, descreve o Ecoturismo como sendo o “*turismo baseado na natureza que envolve educação e interpretação do ambiente natural e é ecologicamente sustentável, envolvendo a comunidade e conservando os recursos*” (Antunes,2012).

Em 1996, a União Internacional para a Conservação da Natureza, adotou a definição que veio evoluir a maioria das opiniões em relação ao Ecoturismo - “*viagem ambientalmente responsável e visita a áreas naturais relativamente intocadas, com o fim de desfrutar e apreciar a natureza, promovendo a conservação e as visitas de baixo impacto e, fomentando o envolvimento socioeconómico ativo das populações locais*”. Para Wallace e Pierre (1996), ecoturismo é “*uma viagem a áreas naturais relativamente intocadas para estudo, divertimento ou assistência voluntária. É uma viagem em que existe preocupação com a flora, a fauna, a geologia e os ecossistemas do destino, assim como, com a comunidade local, as suas necessidades, a sua cultura e o seu relacionamento com a terra*” (Antunes,2012).

No ano 1997, surge no entanto Ruschmann em que define o ecoturismo como ““uma viagem realizada por empresas especializadas com o objetivo de proporcionar ao turista o contacto direto com a natureza, respeitando os princípios do desenvolvimento socioeconómico dos destinos, promovendo a educação ambiental e a sustentabilidade dos locais visitados” (Antunes,2012).

Já Honey em 1999, defende que o ecoturismo é “a viagem para áreas geralmente protegidas, frágeis e intocadas, geralmente em pequena escala e que busca causar baixo impacto” (Antunes,2012).

Em 2000 Coriolano, declara que ecoturismo “pode ser um turismo de conflito quando esses objetivos não estão claros. O que se busca é colocar o ecoturismo ao serviço da conservação ambiental, do desenvolvimento, minimizando os custos e maximizando os benefícios” (Antunes,2012).

Segundo Oliveira em 2001, este define como principais objetivos do ecoturismo o desenvolvimento cultural e ecologicamente sustentável, bem como “a promoção e o incentivo aos investimentos para a conservação dos recursos culturais e naturais utilizados; o benefício para as comunidades envolvidas; a orientação de acordo com critérios que visem o mínimo impacto, de forma a ser um instrumento de proteção e conservação ambiental e cultural; e, a educação e a motivação das pessoas através da participação em atividades que demonstrem a importância de áreas natural e culturalmente conservadas” (Antunes,2012).

Em 2002, realizaram-se por fim as comemorações do “Ano Internacional do Ecoturismo”, sob o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas e da Organização Mundial do Turismo. Já no ano 2007, foi realizada a “Global Ecotourism Conference 2007”, uma conferência com o objetivo de debater os resultados e novos desafios a enfrentar no campo do Ecoturismo. É o caso do, reconhecimento do papel de Ecoturismo no desenvolvimento sustentável local, como maximizar o potencial do ecoturismo na conservação dos recursos naturais e culturais, apoiar a viabilidade e o desenvolvimento de empresas e atividades de ecoturismo, educar, promover e fortalecer a sustentabilidade (Oliveira *et al.*, 2010).

### **3.3.3. Ecoturismo**

*“O Ecoturismo é de todas as formas de turismo em que a motivação principal do turista é a observação e apreciação da natureza, de forma a contribuir para a sua preservação e a minimizar os impactos negativos no meio ambiente natural e sociocultural onde se desenvolve”*

OMT, 2002 (Oliveira *et al.*, 2010).

Como objetivos do Ecoturismo, ou seja, segundo a maior parte das definições, o Ecoturismo representa o desenvolvimento sustentável, a educação ambiental e o envolvimento das

comunidades locais. O ecoturismo defende a preservação da biodiversidade e dos habitats naturais, bem como o bom uso dos recursos naturais. Até porque estes comportamentos sustentáveis, visam ao pensamento futurista de uma proteção continuada da fonte da vida, revertendo assim os riscos de extinção e os perigos do turismo massificado.

A atividade turística é responsável por 9,3% do PIB mundial, segundo o estudo do World Travel & Tourism Council e é o setor que apresenta maior expansão no mercado. Nos últimos tempos devido ao crescimento da preocupação para com as questões ambientais, o homem tem-se mostrado mais consciente e por tal o planeamento e gestão do Ecoturismo é um aspeto importante, referente a esta nova demanda (Oliveira *et al.*, 2010).

Por norma associa-se o Ecoturismo a regiões de elevada sensibilidade ecológica, tal implica determinados princípios aos que planeiam participar neste tipo de conceito.

### 3.3.3.1. Princípios do Ecoturismo

De acordo com a Sociedade do Ecoturismo Internacional (1991), os princípios que regem os princípios do ecoturismo são: a minimização dos impactos negativos sobre os recursos naturais; educação sob o turista sobre a conservação, desenvolvendo a consciência, importância e respeito para com a natureza; evidenciar às empresas a sua importante contribuição na conservação ambiental; proporcionar receitas diretas para a conservação e gestão das áreas naturais; apoio aos estudos do ambiente; trabalhar no sentido de maximizar a economia do país de acolhimento, empresas e populações locais; garantir o desenvolvimento turístico sem que este exceda os limites do ambiente e por fim proporcionar experiências positivas aos visitantes e moradores (Antunes, 2012).

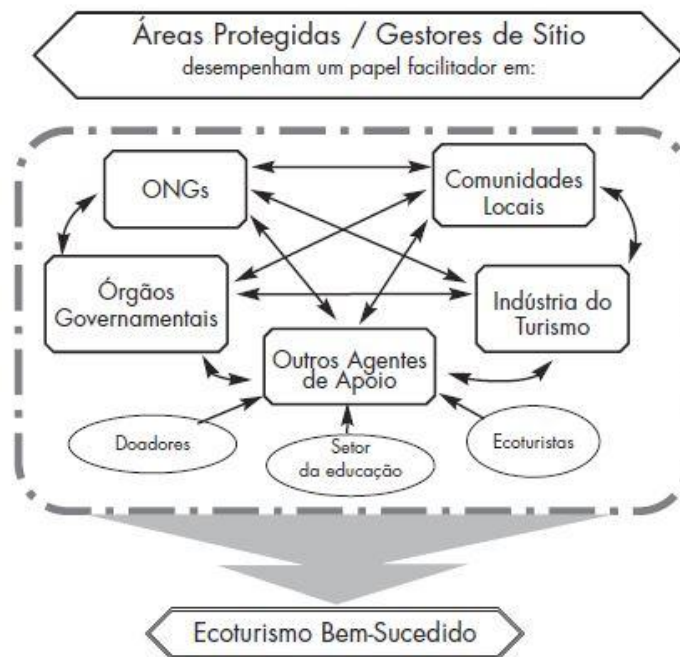


Figura 54\_ Parcerias necessárias para o sucesso do Ecoturismo, in Drumm & Moore (2002)

Ou seja aplicando estrategicamente o Ecoturismo é importante implementar, a existência de uma oferta turística que desenvolva os produtos locais. Que proponha aspetos diversificados de produtos locais, culturais, tradicionais, rurais e desenvolva instalações adequadas nas áreas rurais, para a melhoria da promoção dos produtos ecoturistas (Oliveira *et al.*, 2010).

Para além de que é importante também desenvolver sistemas que visem à conservação, participação, planeamento, incentivação nas comunidades e tradições locais, oferecimento de programas e atividades de formação, difusão, cooperação entre agentes de vários setores. Criação de programas de educação ambiental, introdução de novas técnicas na gestão de recursos naturais e desenvolvimento de atividades de viabilidade dos projetos ecoturistas (Oliveira *et al.*, 2010).

A nível da educação ambiental o Ecoturismo é uma ferramenta essencial. Este emprega um *“trabalho contínuo de sensibilização e conscientização das pessoas, a fim de que elas se sintam parte da natureza e se sintam responsáveis pela preservação do ambiente.”* (Oliveira *et al.*, 2010).

As relações positivas com o meio natural advém de uma educação inter-relacional direta com os meios naturais. Reconhecer esta prática, pode satisfazer significativamente o consumidor ao trabalhar a perceção sensorial e levando ao aumento do respeito do meio ambiente. É o caso do Centro de Interpretação da Natureza do Vale do Ordino, em Andorra (Oliveira *et al.*, 2010).

Outras atividades no âmbito da preocupação educacional são por exemplo: Centros de informações e de visitantes nas áreas protegidas que abriguem exposições, placas informativas, passeios guiados, formação de guias e intérpretes, trilhos autoexplicativos, instalações para observação, guias sobre as características locais, atividades de conservação envolvendo os turistas e estudantes, e programas de conscientização ambiental (Oliveira *et al.*, 2010).

### **3.3.3.2. Benefícios e Efeitos Negativos do Ecoturismo**

Consequentemente, de acordo com a OMT, os benefícios do Ecoturismo sobressaem substancialmente em três setores: o setor económico, social e ambiental (Antunes, 2012).

O pensamento conservador, no que respeita à biodiversidade, habitats naturais, conscientiza as comunidades locais sobre os benefícios e impactos potenciais do ecoturismo. Incentiva o orgulho da comunidade local pelos seus recursos naturais e culturais, e motiva assim a preservação (Oliveira *et al.*, 2010).

Para além de que existe um maior poder decisivo das comunidades quanto ao desenvolvimento e gestão das áreas ecoturistas que gera benefícios diretos e indiretos à

comunidade, uma melhor distribuição geográfica social dos benefícios económicos, alternativas de emprego, aumenta a experiência, a competência das operadoras e prestadores de serviços, criação de empresas locais, revitalização da comunidade e incentivo à cooperação entre todos os investidores envolvidos nos projetos locais, regionais e nacionais (Oliveira *et al.*, 2010).

Por outro lado, há que ter em conta a fragilidade do ecossistema, e conseqüentemente em atenção o número elevado de turistas, bem como os veículos de transporte, e as infraestruturas. Estes podem fragilizar ainda mais o ecossistema, paisagem e comprometer a conservação das espécies, dos recursos e da flora. Tendo também em atenção a população local, uma vez que os residentes podem reagir negativamente ao excesso de turistas e até causar mudança de identidade cultural, mudança de hábitos e costumes da população (Antunes,2012).

Segundo também Middleton e Hawkins (1998), de entre os impactos económicos negativos, provenientes de uma má gestão e colaboração no Ecoturismo, poderá surgir a inflação dos preços locais, má distribuição das receitas e desemprego sazonal (Antunes,2012)..

Concluindo assim, é importantíssimo o respeito pelas regras do ecoturismo e ajustar ao local a intervir um plano assente num bom planeamento e gestão adequados, a pensar sempre nas gerações futuras.

### **3.3.3.3.O Ecoturista**

Composto por um conjunto de princípios, o ecoturismo remete ao respeito da natureza, cultura e população ao local, mas sem o ecoturista, um turista atento às preocupações ambientais e ao futuro do ecossistema, o ecoturismo não passaria de uma utopia.

Segundo Orams, o ecoturista é diferente do turista, devido à sua motivação, interesse, e postura. O ecoturista geralmente é alguém que reside em grandes centros urbanos, mas que deseja conhecer outras áreas distintas do seu habitual meio. Estas áreas distintas normalmente são meios naturais preservados, relativamente intocados ou pouco desenvolvidos, mas com muita riqueza natural e cultural (Antunes,2012).

O ecoturista possui uma grande consciência ambiental, procura experiências únicas e defende os recursos socioculturais e naturais. Procura atividades de partilha de conhecimentos com a população local e visa ao conhecimento sobre a natureza, conservação da natureza e rotina diária das comunidades (Antunes,2012).

*O nível de sensibilidade ambiental que este tipo de consumidores apresenta, deriva da experiência que eles têm ao viver, em grandes aglomerados urbanos, com um elevado grau de poluição e de degradação. Estas pessoas procuram, portanto, reencontrar ambientes saudáveis a*

*nível natural e cultural, onde possam compensar o stress vivido no seu quotidiano das grandes cidades*

Ferreira, 2003 (Antunes,2012)

Segundo Lindberg em 1991, este define quatro tipos de ecoturistas: os turistas compostos por investigadores, ou membros de viagens organizadas com o objetivo de educar, remover lixo...; turistas dedicados, que viajam para contemplar áreas protegidas e conhecer a história natural e cultural; turistas da natureza, que visitam destinos para entrar em contato com a essência da natureza (Amazónia, Ruanda...); os turistas da natureza casuais, pessoas que afetam uma viagem ampla, de forma a entrar em contato com a natureza de forma fortuita (Antunes,2012).

Segundo Weaver (2001), os ecoturistas são caracterizados por uma atitude fortemente biocêntrica, com alto nível de compromisso com o ambiente e com os princípios da sustentabilidade, procurando atividades desafiantes e físicas sempre em contato com a natureza. Existindo também o ecoturista antropocêntrico, com um nível de compromisso mediano para com a natureza, por se interessar pela sustentabilidade do meio ambiente, mas que no entanto não se encontra empenhado (Antunes,2012).

Lembrando que a familiaridade com o meio é uma ferramenta essencial para os ecoturistas e deve estar associado a conhecimentos adquiridos por meio de livros e cursos. Os conhecimentos locais, devem ser reconhecidos, valorizados e utilizados. Salientando que é importante conhecer o perfil do ecoturista, para melhor desenhar o conceito dos projetos e produtos.

#### **3.3.3.4.O Ecoturismo e Turismo Alternativo**

Após grandes discussões sobre as tendências do turismo, surge o Turismo Sustentável (item 3.2.5) e com ele surgem outros tipos de turismo alternativo.

O Turismo Sustentável, como já referido, sustenta três pilares básicos. A sustentabilidade ambiental, económica e sociocultural, de modo a permitir a preservação do ambiente, rentabilidade económica e a equidade social entre a comunidade (Antunes,2012).

O Ecoturismo é uma modalidade do Turismo sustentável, pois visa ao desenvolvimento sustentável. Por outro lado Weaver (2001), diz que o Turismo Sustentável “*deve ser utilizado para se referir a um estado de turismo e não a um tipo de turismo*”. O Ecoturismo rege-se pelos princípios da sustentabilidade, mas dirige-se a um determinado mercado, regendo-se preferencialmente pelas áreas protegidas (Antunes,2012).

Quanto a outros tipos de Turismo Alternativo, como o Turismo Cultural e Turismo Aventura, estes como o Ecoturismo também se relacionam, porque são membros do Turismo Sustentável.

O Turismo Cultural provoca viagens pelo facto de possibilitar o conhecimento e dar a ver coisas novas. Em particular outros hábitos de povos, civilizações e culturas diferentes, tanto do passado como do presente ou então por motivos religiosos (Antunes,2012).

Em relação ao Turismo de Aventura, este apesar de ter algumas atividades em comum para com o Ecoturismo, o Turismo de Aventura é no entanto um impulsionador de atividades desportivas de recreio ao ar livre, envolvendo emoções, riscos calculados e exigindo a utilização de técnicas e equipamentos específicos. Por sua vez, este não pode ser qualificado de Ecoturismo, porque o Turismo de Aventura nem sempre tem em conta a preservação da natureza e apesar das suas atividades serem praticadas sustentavelmente, este não é o princípio principal deste tipo de turismo (Antunes,2012).

### **3.3.4. O Ecoturismo em Portugal**

#### **3.3.4.1 Enquadramento do Turismo Sustentável e Ecoturismo em Portugal**

Em Portugal, respeitante ao turismo sustentável, tem vindo a enriquecer o respeito por estas práticas. No Decreto-lei n.º 39/2008, inclusive, define-se o novo conceito de Turismo de natureza, que passa a ser alargado a todas as áreas do território nacional de interesse natural, além da Rede Nacional de áreas protegidas. Este permitiu a alteração do conceito de turismo de natureza como a entidade que tutela a área - o Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, face ao Decreto-Lei n.º 135/2012 de 29 de Junho e à legislação posterior, que altera e estabelece o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, extinguindo o Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (Antunes,2012).

De igual modo, em 2005 foi aprovada pela República Portuguesa a Lei Constitucional n.º 11/87, de 7 de Abril, da assembleia da República, que vem definir as bases da política de ambiente em cumprimento do disposto nos artigos 9.º e 66.º da Constituição da República. Assegurando a “*defesa da qualidade apropriada dos componentes ambientais naturais*” (Antunes,2012).

Mais tarde a Resolução do Conselho de Ministros n.º 38/95 aprova o Plano Nacional da Política do Ambiente. A Resolução do Conselho de Ministros, n.º 112/98, de 25 Agosto determina também a criação do Programa Nacional de Turismo de Natureza, onde “*antecipa a prática integrada de atividades de animação ambiental, aplicável na Rede Nacional de Áreas Protegidas*”. Em 1999, pelo Decreto-Lei n.º 47/99 de 16 de Fevereiro, alterado também já em 2002 pelo Decreto-Lei n.º 56/2002 de 11 de Março, estabelece o regime jurídico do Turismo de Natureza (Antunes,2012).

Dentro do mesmo movimento, o Decreto Regulamentar n.º 18/99, de 27 de Agosto, alterado também em 2003 pelo Decreto Regulamentar n.º 17/2003, de 10 de Outubro, deu origem ao Programa de Desporto de Natureza em Áreas Protegidas e regulariza o processo de “*licenciamento das iniciativas e projetos de atividades, serviços e instalações de animação ambiental*” (Antunes,2012).

Em 2001, através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 152/2001, de 11 de Outubro e mais tarde na Resolução do Conselho de Ministros n.º 109/2007 é adotada a estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade e aprova a Estratégia Nacional do Desenvolvimento Sustentável (Antunes,2012).

Em 2008, pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 115-A/2008, de 21 de Julho, aprova o Plano Sectorial da Rede Natura 2000, relativo ao território do Continente. Também no mesmo ano pelo Decreto-Lei 142/2008, de 24 de Julho estabelece o regime jurídico de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, alterada mais tarde pelo Decreto de Retificação n.º 53/2008 em 22 de Setembro (Portal do Ambiente e do Cidadão, 2015).

Decorrente do Decreto-lei n.º186/2015, consideram-se Empreendimentos de Turismo de Natureza os estabelecimentos que se destinem a prestar serviços de alojamento a turistas em Áreas Classificadas ou noutras áreas com valores naturais, dispondo para o seu funcionamento de um adequado conjunto de instalações, estruturas, equipamentos e serviços complementares relacionados com a visitaçã, como: estabelecimentos hoteleiros; aldeamentos turísticos; apartamentos turísticos; conjuntos turísticos (*resorts*); empreendimentos de turismo de habitação; empreendimentos de turismo no espaço rural; e parques de campismo e caravanismo (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas,2015).

No Decreto-Lei n.º 73/2009, de 31 de Março aprova o regime jurídico da Reserva Nacional e revoga o Decreto-Lei n.º196/1984 de 19 de Junho. No Decreto-Lei nº171/2009, de 3 Agosto, este cria o Fundo para a Conservação da Natureza e Biodiversidade. O Decreto-Lei n.º 211/2009, de 3 de Setembro, assegura a execução da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies de Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção, do Regulamento n.º 338/97, do Conselho, de 9 de Dezembro de 1996, relativo à proteção de espécies da fauna e da flora selvagens através do controlo do seu comércio, e do Regulamento n.º 865/2006, da Comissão, de 4 de Maio, revogando o Decreto-Lei n.º 114/90, de 5 de Abril (Portal do Ambiente e do Cidadão, 2015).

Na Portaria n.º 1181/2009, de 7 Outubro, estabelece o processo de candidatura e reconhecimento das áreas protegidas privadas. Em 12 de Outubro pela Portaria n.º 1126/2009, aprova a lista de espécies de cujos espécimes vivos, bem como dos híbridos deles (Portal do Ambiente e do Cidadão, 2015).

Em 2010, pela Portaria n.º 7/2010 de 5 de Janeiro é posta a regulamentação das condições de organização, manutenção e atualização do Registo Nacional e as condições do exercício das atividades que impliquem a detenção de várias espécies (Portal do Ambiente e do Cidadão, 2015).

Em 2012, na portaria n.º 47/2012, de 20 de fevereiro, é Alterada a Portaria n.º 261/2009 de 12 de Março, que define os critérios e procedimentos para o reconhecimento pelo Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I.P. de Empreendimentos de Turismo de Natureza (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2015).

No Decreto-Lei n.º 15/2014 de 23 de janeiro, alterando o decreto-lei n.º 39/2008 de 7 de Março aprova o Regime Jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos Empreendimentos Turísticos. Retificado pela Declaração de Retificação n.º 19/2014 (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2015).

No Decreto-Lei n.º 186/2015, de 3 de Setembro este procede pela quarta vez ao Decreto-Lei n.º 39/2008 de 7 de Março, estabelecendo o regime jurídico da instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2015).

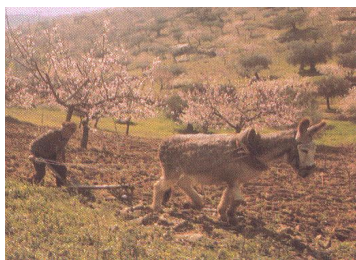
Quanto à rede nacional de áreas protegidas, os territórios que constituem as áreas protegidas são locais onde prevalece uma herança biológica importantíssima, nos quais subsistem um conjunto ecológico e cultural, geralmente vulneráveis. Estes estão providos de um regime de proteção específico que visa à preservação da biodiversidade, da natureza, bem como paisagem (Antunes, 2012).

As áreas protegidas são subdivididas em 5 tipos. Parque Nacional, Parque natural, Reserva Natural, Paisagem protegida e Monumento Natural. *“As tipologias acima referidas podem ser adotadas por qualquer AP de âmbito regional ou local, excetuando o «Parque Nacional», desde que sejam acompanhadas da designação «regional» ou «local», segundo o caso - «regional» quando se trate de mais do que um município e «local» quando seja somente uma autarquia.”* (Antunes, 2012)



## CAPITULO 4

### CASO DE ESTUDO ECO-PARQUE CÔA RUPESTRE



Elementos do CÔa Rupestre aquando da otimização de seu logotipo (a partir de CR, 2015)

## 4.1 Local e Sua Caracterização

### 4.1.1 Enquadramento Geográfico

O projeto para o Parque Côa Rupestre, localiza-se em Quintãs, uma localidade pertencente à freguesia de Longroiva, concelho de Mêda e distrito de Guarda (Fig.55). Esta freguesia está situada a 6 km da cidade de Mêda e tem 4 anexas, na qual uma delas é Quintãs. Nesta freguesia residem 286 habitantes e tem uma área de 4122 hectares (Município de Mêda,2015).

O concelho de Mêda, tem 296 km<sup>2</sup> de área, com 5202 habitantes, reunidos em 11 freguesias e inclui neste conjunto a freguesia de Longroiva. Neste concelho a oferta passa desde uma variedade de paisagens naturais, ao património histórico e arquitetónico, como monumentos, igrejas, solares e pelourinhos. Em termos de concelhos o Município de Mêda é limitado a Norte e Nordeste por Vila de Foz Côa, a Sudeste por Pinhel, a Sul por Trancoso e a Oeste por Penedono (Município de Mêda,2015).

O Município caracteriza-se por se localizar numa zona de transição entre as regiões naturais do Alto Douro (região vinhateira, classificada pela UNESCO como património da categoria de paisagem cultural, sendo uma paisagem banhada pelo rio Douro, cúmplice da produção do mundialmente célebre, vinho do Porto), e também do Planalto beirão e do Parque Arqueológico do Vale de Foz Côa (PAVC).

Devido à descoberta de sucessivos novos núcleos e painéis gravados, em vários sítios ao longo de 17 km do rio Côa, em 1994, obrigaram a uma demarcação territorial e conseqüentemente a constituição do PAVC. Numa região montanhosa rica de extensos olivais, amendoeiras e vinhas, por onde corre o rio Douro e nele aflui o rio Côa, nasceram ricos painéis de arte rupestre que remontam desde o Paleolítico superior ao período do Neolítico (ver item 2.2.3) (Fundação Côa Parque, 2010).

Destes descobrimentos e devido ao interesse científico e cultural, foi criada a Fundação Côa Parque para gerir o PAVC e foi construído o Museu do Côa. As obras deste começaram em 2007 até à sua inauguração em 2010, este foi promovido por um concurso público do Ministério da Cultura e Ordem do Arquitetos em 2002, no qual mais tarde foi atribuído o primeiro prémio à equipa de arquitetos Pedro Tiago Pimentel e Camilo Rebelo (Fundação Côa Parque,2010).

Como fins principais, este parque visa à proteção, conservação, investigação e divulgação da arte rupestre, classificada pela UNESCO em 1998 (Fundação Côa Parque,2010).

Através do projeto cultural em curso, o objetivo é promover o desenvolvimento integrado da região, aliando parceiros e agentes económicos privados. Os fundadores iniciais foram o IGESPAR, ARHNorte, Entidade Regional de Turismo do Douro, a Associação do Município de Vale do Côa e o Museu de Vila Nova de Foz Côa.

O projeto para o Parque Rural CÔa Rupestre abrange cerca de 17 hectares, e é atravessado pela ribeira da Centieira ou dos Piscos que aflui no rio CÔa. A cerca de 250 metros localiza-se o itinerário principal IP2, pela E.N. 102 e 222 (Fig.55).



Figura 55\_ Localização do Parque CÔa Rupestre, em relação a em Portugal (a), e em relação ao IP2 -Nó de Longroiva (b) (a partir de Google Earth 2015).

Para além do futuro Parque estar localizado perto de zonas de muito potencial paisagístico das linhas vinhateiras e cultural, o próprio local está inserido numa zona de muito potencial educacional a nível ambiental e cultural. Existindo muitos recursos naturais que poderão promover o turismo sustentável, como o ecoturismo e segundo, o ofício emitido pelo Instituto Português da Arqueologia (Soares, 2000) devido a vestígios arqueológicos de um possível povoado pré-histórico extinto, poderão possibilitar um turismo, rico no conhecimento histórico.

Quintãs é também demarcada por certas particularidades, tal como a Falha da Vilariça, ainda ativa, desenvolvendo-se desde a Serra da Estrela a sul até à Vilariça a norte, do concelho de Moncorvo, com passagem na zona de Quintãs. A falha apresenta duas fraturas paralelas, com um desnivelamento entre os blocos externos do abatimento da parte central, formando o

“*graben*”<sup>60</sup> da Longroiva, o qual caracteriza e dá uma paisagem única e muito própria a toda esta zona (CR,2015).

## 4.1.2 Elementos Geomorfológicos e Geológicos

### 4.1.2.1 Depressão da Vilariaça

Segundo Cabral no seu livro *Bacias de desligamento fini-cenezóicas*, editado em 1995, a depressão da Vilariaça alberga uma fossa tectónica, delimitada por falhas com direção NE-SW. Estas falhas foram provocadas por um movimento horizontal com deslocamento esquerdo das placas tectónicas. Aquando a movimentação formou-se a bacia de desligamento “fini-cenezóica” que se relaciona com a zona de falha de Bragança, Vilariaça e Manteigas (Proença Cunha *et al.*, 2000)

Esta falha que decorre de Manteigas-Vilariaça-Bragança é uma enorme estrutura tectónica do NE de Portugal (Fig.56), onde adapta uma falha de desligamento esquerdo, com um comprimento aproximado de 220 km que afeta o soco Varisco. Na zona central de Vilariaça atinge-se o valor máximo de 9 km de desligamento, consequência de várias fases de atividade desde a orogenia Varisca até à atualidade (GEOTIC, 2010).

O estudo geomorfológico comprova vários indicadores de atividade quaternária nesta falha que comprovam a cinemática de desligamento esquerdo, como escarpas de falha e estruturas compressivas, deflação esquerda do rio Douro e de drenagens menores quando cruzam a falha, drenagens, rejeição de terraços fluviais, alinhamentos, facetas triangulares e vales lineares (GEOTIC, 2010).

*“Foram realizados também estudos paleossismológicos<sup>61</sup> na falha de Vilariaça que demonstraram o seu temperamento sismogénico, dois paleossismos<sup>62</sup>, e um provável terceiro,*

---

<sup>60</sup> Graben ou fossa tectónica é a designação dada em geologia estrutural a uma depressão de origem tectónica, geralmente com a forma de um vale alongado com fundo plano, formada quando um bloco de território fica afundado em relação ao território circundante em resultado dos movimentos combinados de falhas geológicas paralelas ou quase paralelas.

<sup>61</sup> Paleossismológicos, palavra proveniente da Tectónica de placas, é uma teoria relativo à geologia que descreve os movimentos de grande escala que ocorrem na litosfera terrestre e também proveniente da palavra Sismologia que é o estudo dos sismos e genericamente, dos diversos movimentos que ocorrem na superfície do globo terrestre.

<sup>62</sup> Paleossismos, (*idem*).

(...). Os dados permitem também estimar taxa de desligamento de 0,3-0,5 mm/ano e deslocamento por evento de 2-3 m” (GEOTIC, 2010).

Na figura 56, encontram-se no primeiro mapa (a), as principais zonas geotectónicas do maciço Hercínio Ibérico: ZAL, Astúrico Leonesa; ZC, Cantábrica; ZGT, Galiza Trás-os-Montes; ZCI, Centro Ibérica; ZOM, Ossa Morena; PL, Pulo do Lobo, ZSP, Sul portuguesa. Na figura (b) o modelo digital de terreno onde se mostra o traço da falha de Vilaríça, as bacias de Vilaríça e Longroiva e a localizações das trincheiras da Quinta do Vale Meão e da Quinta da Canameira (GEOTIC,2010).

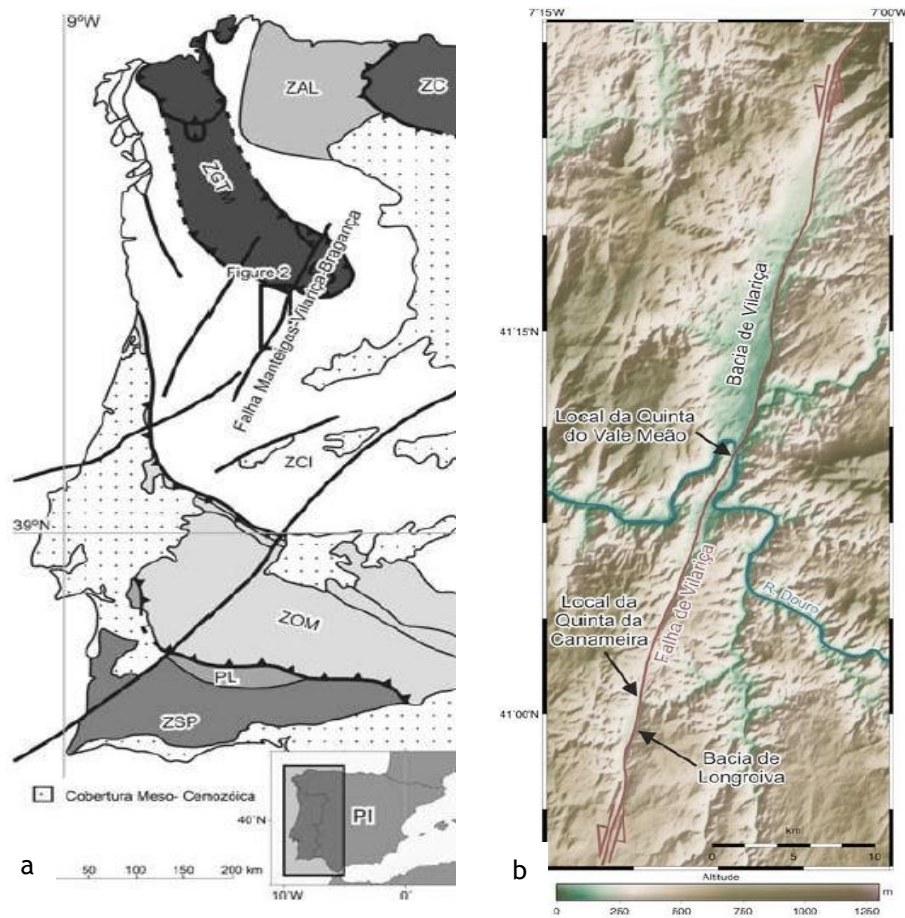


Figura 56\_ Principais zonas geotectónicas do Maciço Hercínio Ibérico (a). Modelo digital de terreno (b) a partir de GEOTIC (2010).

As estruturas verificadas são principalmente falhas e fraturas, verificando-se ainda algumas estruturas de colapso. Nenhuma destas estruturas, parecem afetar os níveis de paleossolos<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Paleossolos, palavra proveniente da Tectónica de placas, é uma teoria relativo à geologia que descreve os movimentos de grande escala que ocorrem na litosfera terrestre.

Nas falhas (Fig.57) verificam-se deslocamentos verticais. No geral, as fraturas e falhas concentram-se em duas zonas de deformação, sugerindo que a deformação não se encontra localizada numa única estrutura, mas sim distribuída ao longo de uma zona de deformação (GEOTIC,2010).

Após uma análise geomorfológica<sup>64</sup> da depressão da Vilariça, realizada por Pereira e Azevedo entre 1993 - 1995 e Pereira em 1997, verificou-se que o aplanamento incidente no bloco oriental da Vilariça encontra-se a cerca de 540 metros de altitude, fazendo assim um desnível entre 300 e 400 metros, entre o bloco de maciço granítico situado a leste do vale. Para além disso, na zona Sul, o desnível ultrapassa os 600 metros, relativamente ao maciço granítico de Lousa e a superfície do vale (Proença Cunha *et al.*, 2000).

No vale da Vilariça, uma das condicionantes, que é também responsável pela sua morfologia resulta da tectónica de blocos. Devido a este facto, a falha da Vilariça é responsável pelo corte da linha de relevos dos quartzitos ordovícicos, bem como pela assimetria do vale. Esta assimetria tem por base a diferença de amplitudes de movimento das falhas, assim como a natureza litológica do substrato, uma vez que se verificou que a fácies de filitos e meta-grauvaques do Câmbrio se encontram consideravelmente dissecadas, visto serem menos resistentes à erosão, contribuindo assim para o alargamento do vale, bem como para uma maior suavidade das vertentes (Proença Cunha *et al.*, 2000).

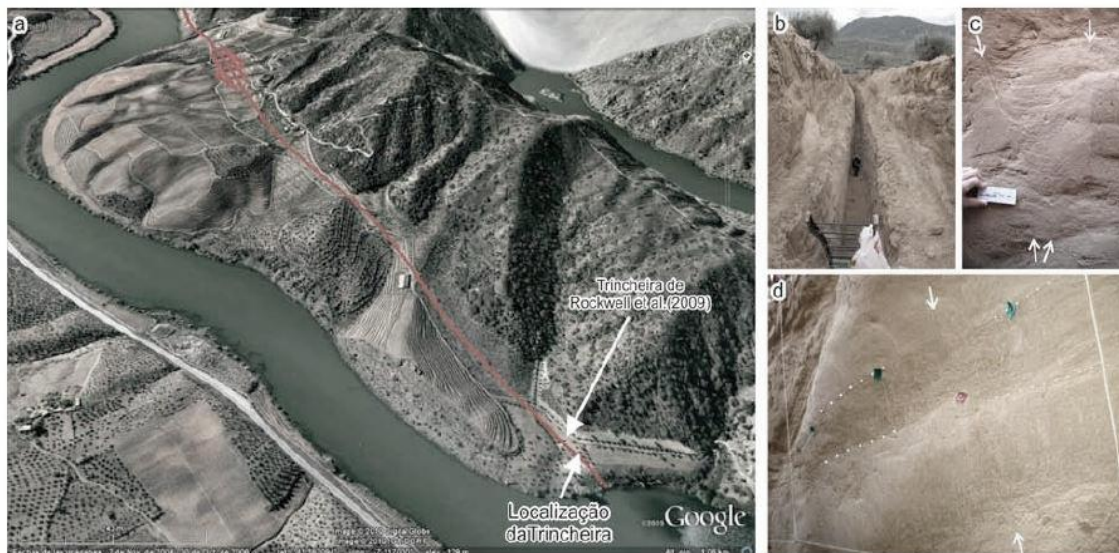


Figura 57\_ Localização da trincheira da Qta. do Vale Meão em imagem do Google Earth(a). Trincheira (b). Estrutura de colapso observada na parede (c). Falha observada na parede da trincheira (d) (a partir de GEOTIC, 2010).

<sup>64</sup> Geomorfologia é um ramo da geografia que estuda as formas da superfície terrestre.

No limite sul, a depressão da Vilariça é preenchida pelo rio Douro, após uma acentuada inflexão do seu curso. Este processo de encaixe do rio na depressão é comprovado pelo aparecimento de alguns vestígios de aglomerados localizados a cerca de 55 metros acima do Pocinho, e a 35 metros acima do nível de estiagem entre o Pocinho e a foz do Sabor, ao qual se atribui uma idade Plistocénico médio, por correlação com os terraços e jazigos arqueológicos da bacia do Douro em território espanhol (Proença Cunha *et al.*, 2000).

Segundo os estudos enquadrados no projeto do PAVC, foram divulgados a presença de artefactos líticos do tipo “Acheulense” integradas no terreno a 35 metros da margem direita do rio Douro, no Pocinho, para os quais foi sugerida uma idade de Plistocénico média. No entanto, verificou-se que recentemente os níveis de inundação ocupam algumas superfícies, sendo que a mais ampla se localiza entre 20 a 30 metros acima do nível do atual rio Douro, na margem da curvatura do Pocinho (Proença Cunha *et al.*, 2000).

#### **4.1.2.2 Depressão de Longroiva**

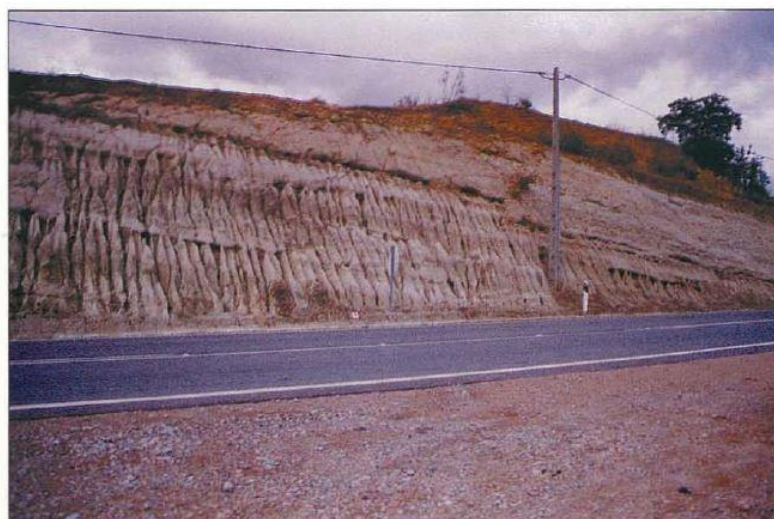
A depressão da Longroiva (Fig.58), expõe um enquadramento geomorfológico de um Cenozoico muito semelhante ao da Vilariça (o prolongamento para Sul do *graben*<sup>65</sup> da Vilariça) (Proença Cunha *et al.*, 2000).

*“A depressão da Longroiva apresenta-se alongada segundo NNE-SSW, com cerca de 6 km de comprimento e 600 metros de largura. Está limitada a leste e a sul por escarpas graníticas vigorosas e a oeste por uma vertente “xistenta”, bastante degradada, que faz parte do rebordo ocidental da superfície da Meseta. O bloco ocidental foi profundamente escavado pelos cursos de água que infletem para norte, como a ribeira da Centeeira, após atingirem a fossa tectónica; contudo, neste bloco permanecem ainda vestígios de um aplanamento de cerca de 700 metros de altitude, enquanto no bloco oriental este aplanamento acontece aos 500 metros”* (Proença Cunha *et al.*, 2000).

Uma falha de sentido NW-SE condiciona o bordo Sul, exibindo uma robusta escarpa granítica cortada por dois vales de fratura com orientação NNE-SSW, deixando entre eles uma distância semelhante à largura média da depressão. Na zona Sul da depressão a escarpa da falha inicial é caracterizada por degraus oblíquos e pela existência de blocos diferentemente balanceados, não sendo um acidente contínuo e simples como se julgava ser (Proença Cunha *et al.*, 2000).

---

<sup>65</sup> Graben ou fossa tectónica é a designação dada em geologia estrutural a uma depressão de origem tectónica, geralmente com a forma de um vale alongado com fundo plano, formada quando um bloco de território fica afundado em relação ao território circundante em resultado dos movimentos combinados de falhas geológicas paralelas ou quase paralelas.



.Figura 58\_ Vista geral da Depressão de Longroiva *in* Proença Cunha *et al.* (2000)

### 4.1.3 Zonamento de Condicionantes

Relativamente às condicionantes instaladas no terreno em estudo, segundo o PDM do município do concelho de Mêda, podem-se salientar a RAN, a REN e a alternativa à IP2 (espaço com cerca de 24 metros de largura que atravessava todo o terreno, no plano iniciante, mas que foi alterado e, segundo o novo plano, localiza-se atualmente numa zona que já não entra em conflito com o terreno em questão - cor azul claro). Percebe-se também pela figura 59, que grande parte do terreno está condicionado pela REN, (cor roxa); pela REN e RAN simultaneamente (cor roxa e verde respetivamente); e que alguns espaços estão simplesmente condicionados pela RAN. A localização das linhas de água (azul escuro), também merecem destaque, não como condicionante, mas pela sua mais-valia do projeto em causa (CR, 2015).

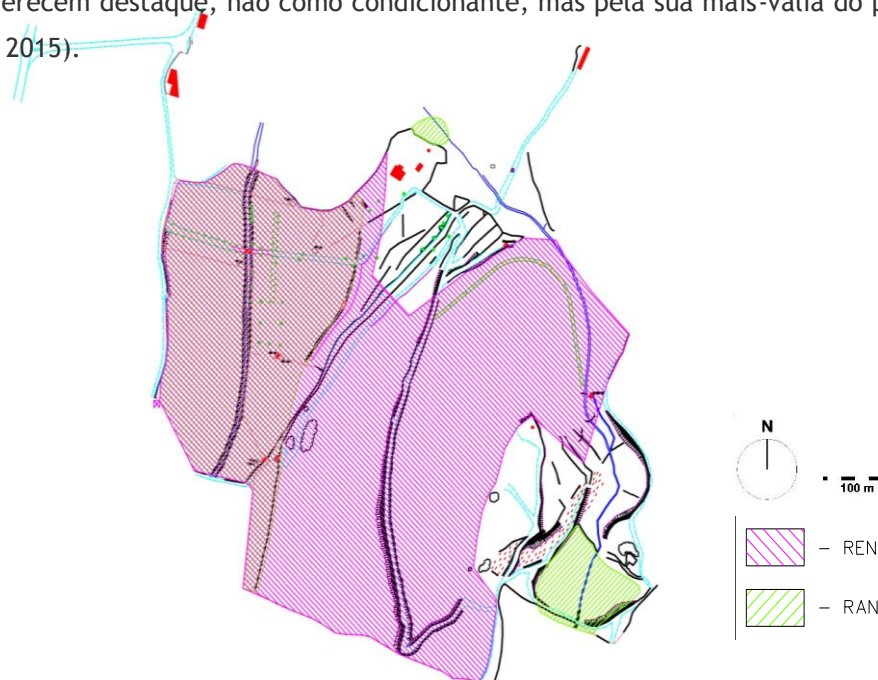


Figura 59\_ Planta de Condicionantes (a partir de CR,2015)

#### 4.1.4 Zonamento de Aplicações

Após analisadas as condicionantes é também analisada a proposta de distribuição das funções, proposta por CR (2015) Tendo em conta não só as condicionantes do lugar como a RAN/REN, mas também a pretensão do promotor ver renascer a zona, instituída de bens naturais e históricos (vestígios arqueológicos de um antigo povoado pré-histórico).

Assim na figura 60, na planta de zonamento observa-se o Parque Rupestre, dedicado às gravuras rupestres e fauna típica deste local. Na zona em azul-escuro (a), encontra-se o parque Agro-desportivo, e na zona vermelha (b), a zona onde se localiza já uma existente edificação que terá como fim o turismo rural com habitações; esta terá uma zona de restauração, zona de venda, habitação dos “caseiros” e umas futuras termas (devido à existência no terreno de águas termais (Coelho Ferreira *et. al*,2015). A trama em verde-claro (c) distingue o Parque Agro-ecológico, uma zona de topografia íngreme e de abundante flora. A cor-laranja (d), representa o parque Neolítico, a zona mais alta do terreno onde foram encontrados os vestígios Neolíticos (Soares, 2000), como materiais cerâmicos (ver item 2.2.5.1). Na zona representada a verde-escuro (e), pretende-se um parque de estufas, para produção local de produtos vegetais para consumo e venda. Existe também um novo plano de uma zona habitacional com pequenas infraestruturas mínimas para habitação na zona (f).

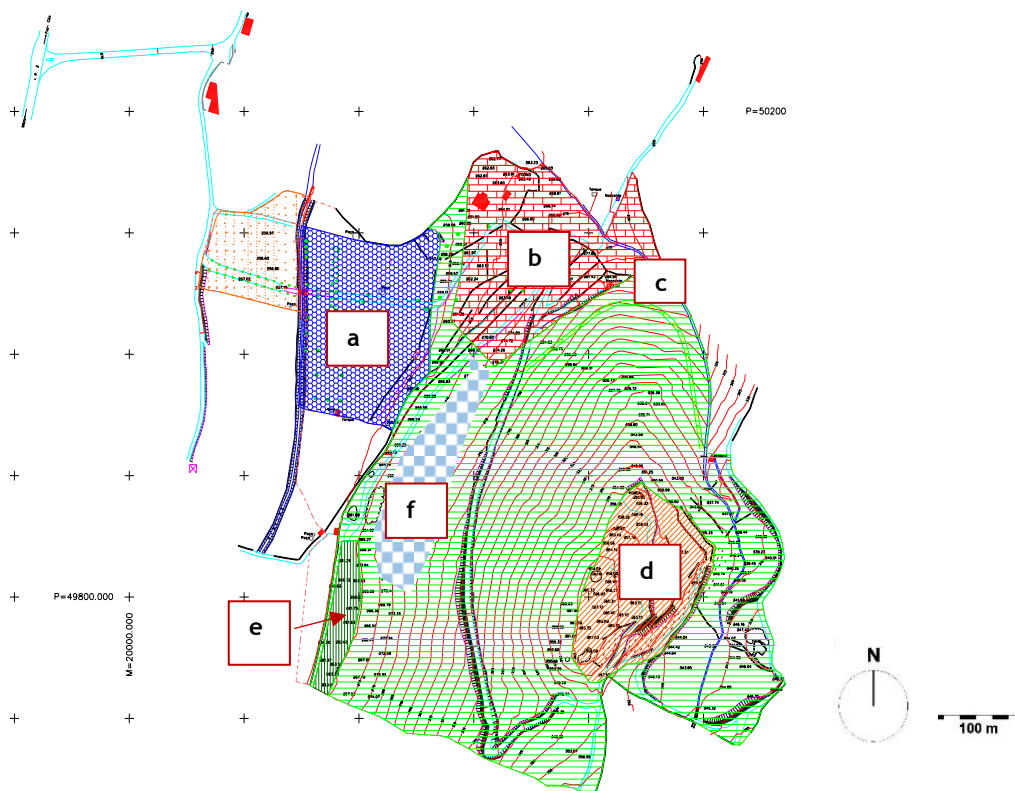


Figura 60\_ Planta de zonamento de aplicações (a partir de CR,2015).

#### 4.1.5 Rede Viária

A rede viária que dá acesso ao terreno constitui várias direções possíveis e permite um acesso facilitado ao futuro Parque Côa Rupestre. O IP2 fará ligação ao IP4 e IP5 a 60 km de distância na direção a Celorico, a E.N.222 liga Foz Côa a Espanha num percurso de 70 km até Vilar Formoso. Para além da existência destas redes existem também os caminhos pedonais (cor amarela e vermelha respetivamente), bem como o caminho principal (cor verde) e o caminho secundário (cor verde de traço interrompido), como se pode ver na figura 61.

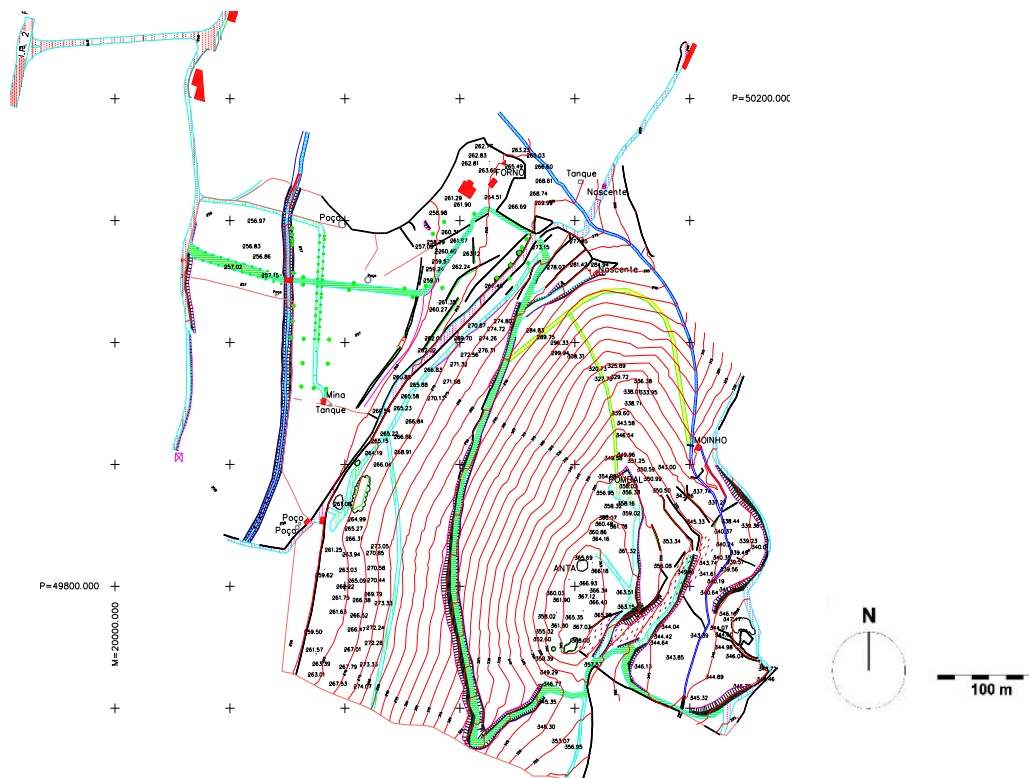


Figura 61\_ Planta de Rede Viária (a partir CR,2015)

#### 4.1.6 Elementos Climatéricos

O clima na região de Mêda e Foz Côa é caracterizado por um clima de grande amplitude térmica, de características continentais extremas de frio no Inverno a atingir por vezes temperaturas negativas ( $-6^{\circ}\text{C}$ ) e de muito calor no Verão, com temperaturas por vezes superiores a  $40^{\circ}\text{C}$  (IPMA, 2015).

Segundo um estudo de impacto ambiental realizado pela Junta Autónoma de Estradas em Janeiro de 2000, apurou-se que a temperatura média anual é de  $15,2^{\circ}\text{C}$  e com elevadas amplitudes térmicas, quer diariamente, quer mensalmente. Apresenta um valor médio de precipitação anual de 504.0 mm, e no Inverno, na estação predominante, ocorrem em média 2 dias de neve e 1 dia de granizo (IPMA, 2015).

Deste modo, tendo por base as características climáticas e fisiográficas da região, estimou-se a ocorrência de cerca de 13 dias de nevoeiro e 36 de geada (IPMA, 2015). Com estes dados estimados obtidos, torna-se mais acessível a gestão do Parque Rural Côa Rupestre, relativamente à programação das diversas atividades propostas, bem como à estimativa de turistas que poderão fruir do Parque durante as estações quentes e frias.

De acordo com o Instituto de Meteorologia, de Portugal, foram analisados alguns dados obtidos entre os anos de 1971 e 2000, permitindo fazer uma estatística da temperatura do ar ao longo de um ano, para o distrito da Guarda (Fig.62), verificando-se que a temperatura do ar é mais elevada no mês de Julho, cerca de 40°C, ao contrário de Janeiro, em que foi apurada a temperatura mais baixa do ano, rondando os -10°C. Para além disso averiguou-se que a temperatura média do ar durante o ano oscila entre os 5 e os 15°C (IPMA, 2015).

#### NORMAIS CLIMATOLÓGICAS 71-00 - GUARDA

Estação: climatológica; Número: 082; Localização: Lat.: 40°32'N; Lon.: 07°16'W; Alt.: 1019m; Período de funcionamento

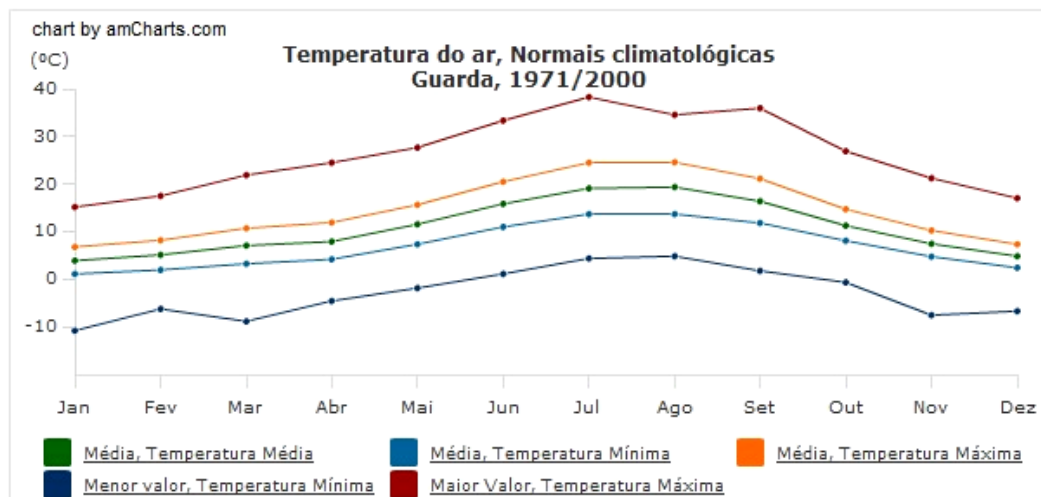


Figura 62\_ Temperatura do ar na Guarda entre 1971 e 2000, in IPMA (2011)

Para além disso, relativamente ao ano de 2011, foram selecionados gráficos onde se torna possível averiguar a média das temperaturas máximas do ar para Portugal Continental, para os meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro, uma vez que são estes os meses de transição entre estações, mostrando-se assim relevantes para o estudo do clima na zona em questão, já que têm influência no fluxo dos turistas. Assim, observando o gráfico do mês de Março, no distrito da Guarda, mais precisamente na zona de Longroiva, a média da temperatura máxima do ar rondou os 12°C no mês de Março, os 26°C em Junho, 28°C em Setembro e os 6°C em Dezembro. (Fig. 63)

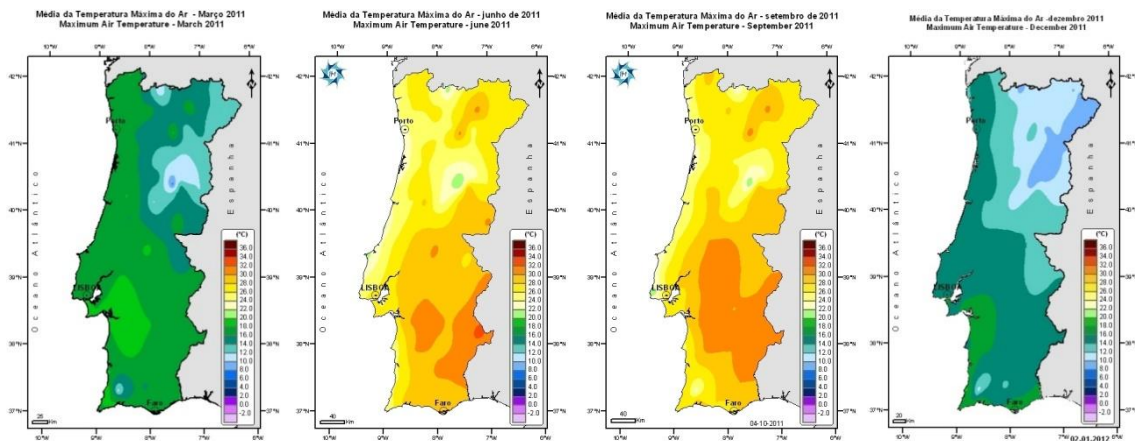


Figura 63\_ Temperaturas máximas nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011 in IPMA (2011)

No seguimento do raciocínio, relativamente à média da temperatura mínima do ar (Fig. 64), verificou-se para os mesmos meses, ano e local geográfico em estudo que no mês de Março, para a zona de Longroiva, a temperatura mínima média do ar foi de 4°C, no mês de Junho os valores rondaram os 10°C, em Setembro os 12°C e em Dezembro, aproximou-se de 2°C.

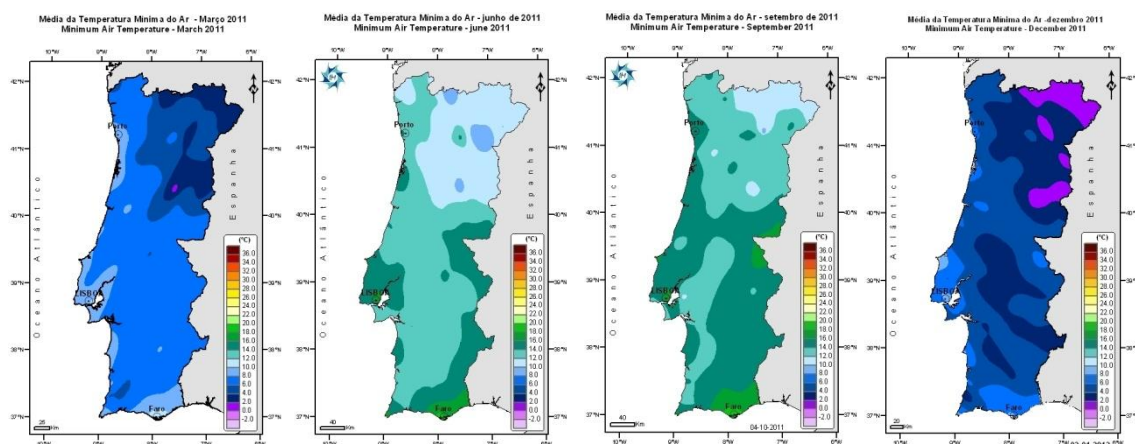


Figura 64\_ Temperaturas mínimas nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011 in IPMA (2011)

Relativamente ao parâmetro da insolação, foram seleccionados gráficos que demonstram a duração total de insolação em horas, para os meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro de 2011(Fig.65).

Assim, para o mês de Março o total de insolação para a zona de Longroiva, no ano de 2011 durou cerca de 180 horas, em Junho, entre 350 e 360 horas, em Setembro entre as 260 e 280 horas e em Dezembro entre 160 e as 180 horas. Verificamos assim que no Inverno os dias são mais curtos, e portanto o número de horas de insolação é menor, enquanto no Verão, uma vez que os dias aumentam, consequentemente, também aumenta o número de horas de insolação.

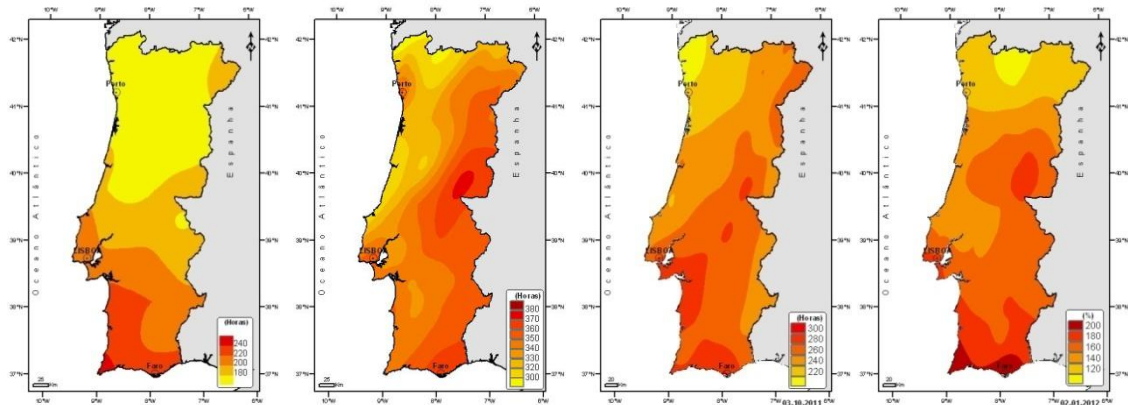


Figura 65\_ Insolação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011 in IPMA (2011).

Quanto ao elemento da precipitação, a mesma lógica foi utilizada, para o ano de 2011, para que posteriormente se possam tirar as respetivas conclusões relacionadas com cada parâmetro climático (Fig.66).

Desta forma, observou-se que para o mês de Março, a precipitação total para a zona de Longroiva rondou os valores 50 e 100mm, enquanto o mês de Junho, caracterizado pelas suas temperaturas elevadas, e obteve valores de precipitação total entre os 5 e os 10mm. Já no mês de Setembro estes valores aproximaram-se dos 10 e 25 mm. Em Dezembro, o total de precipitação foi entre os 25 e os 50 mm. Conclui-se então que dos meses em estudo, Março foi o mais chuvoso e Junho o mais seco.

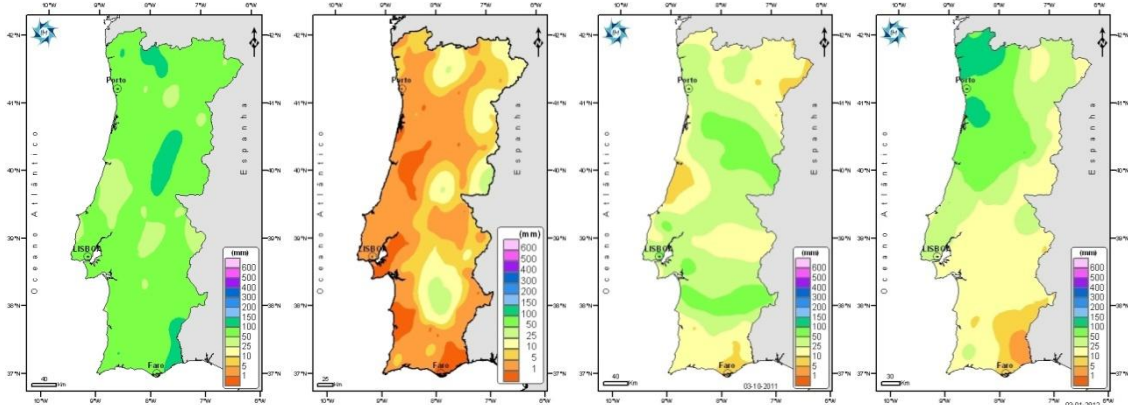


Figura 66\_ Precipitação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro 2011, in IPMA (2011).

Após a observação dos dados acima expostos, é possível afirmar que no local em estudo, o clima se caracteriza por ser temperado, com Verões quentes e Invernos frios, com pequenas temporadas em que chegam a ser atingidas temperaturas muito baixas, provocadas por massas de ar frio vindas de Norte ou Leste. Este tipo de clima é típico dos climas tropicais, o que pode ser uma mais-valia para a implantação do Parque Rural Cõa Rupestre, permitindo receber turistas durante todo o ano, principalmente no Verão, onde é possível planejar atividades e desportos ao ar livre e associados ao ecoturismo.

## 4.1.7 Recursos Naturais

### 4.1.7.1 Rios

Existem dois rios que atravessam a região, e são dois dos mais importantes em Portugal devido à importância histórico e funcional que acarretam. São procurados a nível turístico pelas suas travessias e paisagens deslumbrantes entre as montanhas e vales que atravessa a região.

O rio Douro nasce em Espanha, na província de Sória nos picos da Serra do Urbião a 2080 metros de altitude. Este tem no total de comprimento 927 km, atravessa o Norte de Portugal e é o terceiro rio mais extenso da península ibérica, afluindo no Oceano Atlântico em Canidelo, Vila Nova de Gaia e Foz do Douro, Porto. Em 14 de Dezembro de 2001, a UNESCO classificou o rio Douro como Património da Humanidade, na qualidade de paisagem cultural, a região vinhateira (Fig.67) do Alto Douro (CR, 2015).

O rio Côa, com nome proveniente do latim “cude” originado da palavra celta “kud” (javali), nasce nos Fóios, Sabugal na Serra das Mesas, mais precisamente a 1175 metros de altitude, confinante com a Serra de Malcata. O seu comprimento é de 135 km e desagua na margem esquerda do rio Douro, perto de Vila Nova de Foz Côa. Aliás a foz do rio Côa deu nome ao povoado - Vila Nova de Foz Côa e a descoberta das gravuras ao longo do vale do Côa, veio estimular a importância histórica deste rio. Nesta convergência dos dois rios existe uma ponte de ferro, ilustrada na figura 67 (via férrea do Pocinho - Barca d’Alva); hoje está desativada, mas atribui-se a Gustave Eiffel<sup>66</sup> ou a alguns dos seus discípulos (CR, 2015).



Figura 67\_ Vista do rio Douro (de uma das muitas quintas que compõem a zona-Quinta do Tedo) e Rio Côa (ponte do Pocinho) respetivamente da esquerda para a direita, *in* autor (2015) e Nuno Rocha (2008).

---

<sup>66</sup> Alexandre Gustave Eiffel, nasceu em Dijon no ano 1832, foi um engenheiro francês que participou na construção da Estátua da Liberdade (New York), Torre Eiffel (Paris), ponte D. Maria Pia (Porto), mercado municipal (Olhão), ponte (Barcelos e Pinhão)...

#### 4.1.7.2 Fauna

O microclima existente na região dinamiza o aumento de diversidades zoológicas e botânicas. Devido ao clima peculiar no Vale do Côa, este proporciona refúgio e as condições necessárias para a proteção e crescimento de animais próprios de latitudes mais meridionais que aqui se instalam.

Esta zona é habitada por diversos animais selvagens, como é o caso da perdiz-vermelha (*Alectoris ruf*), a rola-brava (*Streptopelia turtur*) e, ainda que com menos representatividade, o pombo-bravo (*Columba Oenas*) no que respeita à avifauna; o coelho (*Oryctolagus cuniculus*), e a lebre (*Lepus europeaeus*) - mamíferos. De entre as aves rupícolas observáveis na região, embora raramente visualizadas uma vez que não abundam no território nacional, o grifo (*Gyps fulvus*), a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), a águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*) e o milhafre-preto (*Milvus migrans*) que também pode ser visto em voos rasantes sobre as águas. Outras aves rupícolas identificadas nesta área são a cegonha-preta (*Ciconia nigra*), o abutre do Egito (*Neophron percnopterus*), a águia-real (*Aquila chrysaetos*), a águia de Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o bufo-real (*Bubo bubo*), o andorinhão-real (*Tachymarptis melb*), a gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*) e o chasco-preto (*Oenanthe leucura*). Outras aves, talvez menos exuberantes, que também podem ser avistadas numa grande parte da região são o melro-azul (*Monticola solitarius*), a gralha-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*), o corvo (*Corvus corax*), a andorinha-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*) e o pombo-das-rochas (*Columba livia*), (Wikipédia, 2015).

A partir do mês de Fevereiro é possível verificar a chegada da cegonha branca (*Ciconia ciconia*) - ave migratória historicamente emblemática e muito acarinhada pela população do concelho. As aves florestais mais protegidas por se encontrarem classificadas como espécies ameaçadas são o milhafre-real (*Milvus milvus*), cuja população tem crescido bastante, o açor (*Accipiter gentilis*), a felosa-de-bonelli (*Phylloscopus bonelli*) e o mocho-de-orelhas (*Otus scops*) (FCFA,2011).

Para além dos mamíferos já mencionados, refugiam-se ainda nesta região o lobo (*Canis lupus*), o corço (*Capreolus capreolus*), o gato-bravo (*Felis silvestres*), o rato-de-cabrera (*Microtus cabreræ*) e o javali (*Sus scrofa*). Nas grutas naturais existem colónias de morcegos cavernícolas que escolhem este tipo de locais para procriar ou hibernar (FCFA,2011).

Por último, apresenta-se os animais invertebrados, grupo menos estudado na região, destacando-se os insetos, anelídeos, aracnídeos e crustáceos; bem como, devido à sua abundância e aparência estética, a aranha do Género *Argiope*, de padrão amarelo, o Escorpião ou Lacrau (*Bhus occithanus*) e as centopeias (FCFA,2011).

Os animais domésticos, de um modo geral, são comuns aos que existem no resto do país, sendo a fauna selvagem a que merece maior destaque. Atualmente, as espécies principais que habitam esta região estão sobretudo relacionadas com a criação de gado transumante como a exploração de rebanhos de ovelhas.

#### 4.1.7.3 Flora

As culturas florícolas desta região, é comum às restantes culturas encontradas em regiões como o Norte e Centro do país. Mas para além destas existe uma grande variedade de espécies botânicas a acrescentar. Estas são encontradas no local em estudo em Quintãs, principalmente as pertencentes ao grupo arvense, arbustivo e herbáceas.

Em relação às espécies arvenses, as explorações vitícolas e oleícolas são as principais fontes de riqueza do concelho, em que a videira (*Vitis vinífera*) e a oliveira (*Olea europaea*) são as plantas predominantes na flora agrícola. Outras espécies existentes são, a figueira (*Ficus carica*), a amendoeira (*Prunus dulcis*), o zimbro (*Juniperus oxycedrus*), as azinheiras (*Quercus rotundifolia*), os azinhais e sobreiros (*Quercus suber*), e os carvalhais de carvalho-negro (*Quercus pyrenaica*). O pinheiro (*Pinus pinaster*) e, com menor expressão, o castanheiro (*Castanea sativa*), são alguns dos exemplos da cultura arvense que se distribuem um pouco por toda a região, formando algumas manchas florestais distintas (Wikipédia,2015).

Entre outros exemplos com uma presença mais rara, assinala-se o freixo (*Fraxinus Angustofila*) e o choupo (*Populus sp.*). Em relação às espécies arvenses que também existem no concelho cabe ainda assinalar as árvores de fruto como a pereira, pessegueiro, marmeleiro e a laranjeira. Relativamente às espécies botânicas arbustivas de maior expressão, destacam-se as espécies como a giesta (*Cytisus striatus*), a esteva (*Cistus ladaniferus*), a urze (*Erica cinérea*), e o tojo (*Ulex europaeus*) (Wikipédia,2015).

Existe ainda uma grande variedade de espécies herbáceas em estado selvagem que sobreviveram do primitivo manto vegetal, entre as inúmeras espécies, a dedaleira (*Digitalis purpúrea*), a soagem (*Echium plantagineum*), o nabo (*Brassica rapa*), a fava (*Vicia faba*), o cardo (*Galactites tomentosa*) e a papoila (*Papaver rhoeas*), (Fig.68) (Wikipédia,2015).



Figura 68\_ Galactites tomentosa; Digitalis purpúrea; Echium plantagineum e Papaver rhoeas (da esquerda para a direita) (a partir de CR,2015).

## 4.1.8 Elementos Arqueológicos

### 4.1.8.1 Gravuras do Vale do Côa

O Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) é considerado um dos mais importantes sítios de arte rupestre do mundo. Um organismo público que tem como função gerir, proteger, musealizar e organizar visitas públicas e experimentais. A arte rupestre do PAVC, como já foi referido anteriormente, foi classificada em 1998 como Património da Humanidade, após, em 1997, ter sido classificada como Monumento Nacional (IGESPAR,2015).

Aqui os vestígios da era do Paleolítico superior e Neolítico (ver item 2.2.3), testemunharam a mais antiga forma de arte do mundo, que até à descoberta do Vale do Côa, se pensava existir somente em locais como grutas, como é o caso da Gruta de Lascaux em França (ver figura 4). Os seres humanos que habitavam o vale do Côa, eram já fisicamente idênticos ao ser humano atual (ver item 2.2.4) e tinha capacidades semelhantes às do ser humano atual, somente o modo de vida era distinto (IGESPAR,2015).

Existem 14 locais no PAVC (Fig.69), onde se localiza a arte rupestre, ao longo de vários Kms de Norte a Sul do Vale do Côa, são conhecidos, o Vale de Cabrões, o Vale de José Esteves Broeira (Castelo Melhor), o Vale dos Moinhos, a Canada do Amendoal I (Castelo Melhor), a Canada do Inferno/Rego da Vida, o Vale de Videiro, o Vale de Figueira II, a Foz dos Piscos/Quinta dos Poios (Muxagata), a Ribeiro dos Piscos I (Muxagata), a Quinta da Barca I-II (Chãs), a Quinta da Barca III (Chãs), Penascosa (Castelo Melhor) e Faia VI (Cidadelhe) (IGESPAR,2015).

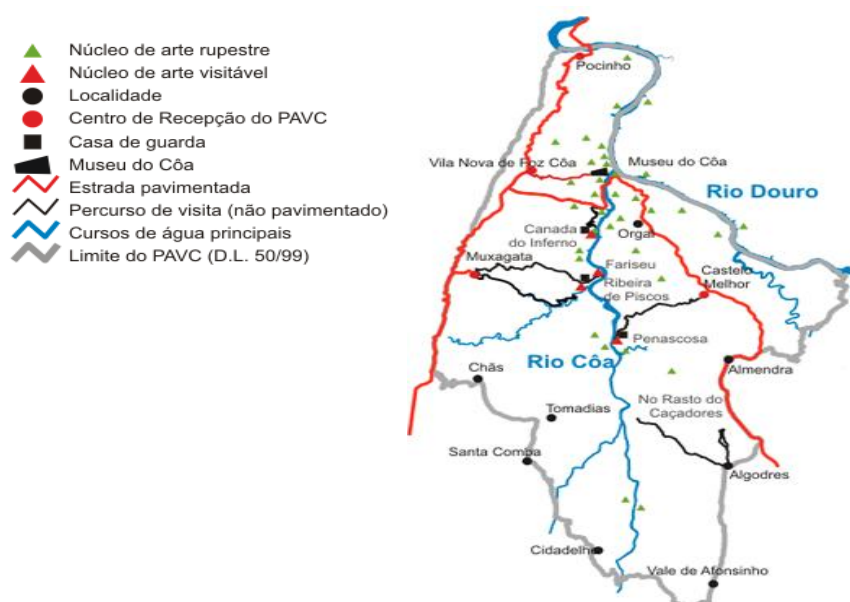


Figura 69\_ Representação de locais com interesse rupestre no PAVC, in IGESPAR (2010).

As gravuras (Fig.70) representam figuras de animais e apenas se conhece uma representação humana. As representações mais conhecidas são as de animais, principalmente cavalos e auroques, estas são representadas, umas vezes, de forma isolada, outras vezes sobrepostas, mas conforme a intensidade do desenho consegue-se prever a época em que foram desenhadas. Estas têm como suporte, superfícies verticais de xisto (abundante nesta região). A dimensão das gravuras ronda os 15 cm e 180 cm (IGESPAR,2015).

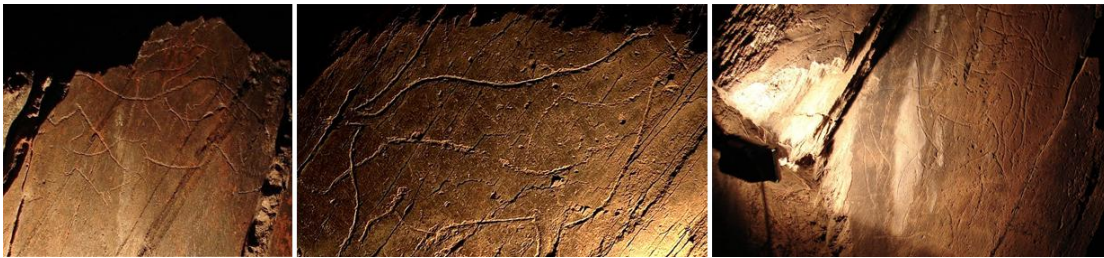


Figura 70\_ Gravuras do PAVC, fotografia noturna, *in* Sabor Douro e Aventura (2010).

#### **4.1.8.2 Outros Elementos**

No local em estudo - Quintãs, os elementos existentes, com relevância e a ter em conta para futura manutenção, devido ao estado de degradação de alguns deles, são o pombal, uma pequena mina, um moinho de água, pequenas casotas singulares em pedra, um pequeno forno de xisto e noras de poços. Neste local, foram também encontrados fragmentos de peças de olaria decorados, um machado de pedra e um instrumento cortante - sílex (Fig.71), que poderão ser provavelmente de antigos povoados do Neolítico, até porque há a existência de um menir (ver item 2.1.5), bastante perto deste local.

Estes objetos, demonstram importância, não só devido ao reconhecimento dos utensílios dos antepassados, mas também pela futura referência que estes podem representar dos hábitos históricos e culturais passados, que concernem à arte rupestre.

#### **4.1.9 Aspetos Culturais e Etnográficos**

##### **4.1.9.1 Gastronomia**

A Gastronomia ao longo do tempo tem vindo a evidenciar-se como forma fundamental no que toca ao desenvolvimento turístico local.

Nesta região existem alguns produtos típicos, como o pão, o porco a pescaria em água doce nos rios Douro e Côa, e a fruta como as famosas amêndoas, das amendoeiras visitadas na altura em que estão em flor e que conferem uma beleza singular ao local.

Na zona da Mêda, a alimentação é baseada na batata e na carne de porco ou de gado ovino, caprino e muito raramente de bovino, enquanto nas zonas mais perto das ribeiras e do rio, a

alimentação é feita à base de uma riqueza piscícola. São tradicionais, o pão de centeio, a azeitona doce, o queijo de ovelha, a chouriça, a omeleta de espargos, o caldo de cebola, as papas Laberças, as migas ripadas e as migas de alho, a salada de batatas azedas, bem como as sopas de beldroegas e de fiolho, os grelos à pobre e os torresmos da beira, que são algumas das especialidades que o turista procura (Município de Mêda,2015)

Segundo o Município de Mêda (2015) a cozinha beirã e duriense atinge nestas paragens a excelência da arte. Aqui encontram-se quintas e restaurantes como o restaurante de Retiro, Sete & Meio, Luminosa, O lagar, O Morgado, o Vale da Aldeia, Casa do Caçador, entre outros. Algumas receitas antigas correm o risco de se perder, pelo que é recomendável o seu registo ou, de preferência, que se mantenha o bom hábito de as ir fazendo "reviver" nas ocasiões mais ou menos oportunas. Estão, entre estas receitas, muitas daquelas que podem testemunhar as circunstâncias de tempo, a falta de meios e o engenho de quem, algum dia, lançando mão do possível, encontrou o segredo dos melhores sabores (Município de Mêda,2015).

Desconhece-se como certas receitas apareceram, mas é possível pressupor as circunstâncias. E se é verdade que nada se perde e tudo se transforma, em culinária tudo se aperfeiçoa. Entre tais saberes e sabores, a culinária retrata, como valor cultural que é, o povo a que respeita, pelo que se lhe deve dar, por isso, toda a importância que merece (Município de Mêda,2015).

Futuramente, no local do Eco-parque Côa Rupestre, pretende-se a venda de produtos locais (CR,2015). Atualmente o investimento faz-se no vinho do Porto nas amêndoas, avelãs, e nozes das plantações do local.

#### **4.1.9.2 Região Vinhateira do Alto Douro**

A Região Vinhateira do Alto Douro ou Alto Douro Vinhateiro localiza-se no Nordeste de Portugal com mais de 26 mil hectares, classificada em 14 de Dezembro de 2001 pela UNESCO, como Património da Humanidade (Wikipédia, 2015).

A natureza monumental do vale do rio Douro, feito de encostas íngremes e solos pobres e acidentados, com a ação ancestral e contínua do Homem, adaptando o espaço às necessidades agrícolas de tipo mediterrâneo que a região suporta fornece ao Alto Douro Vinhateiro uma paisagem particularmente representativa que caracteriza a vasta região demarcada do Douro, a mais antiga região vitícola regulamentada do mundo (Wikipédia, 2015).



Figura 71\_ Pombal exterior e interior respetivamente (1/2), Mina (3), Arrumo antigo (4), Forno antigo (5), Moinho de água (6), vestígios Neolíticos (7/8/10), local do antigo “possível” povoado pré-histórico (9) (a partir CR,2015).

A região produz o famoso vinho do Porto, representando o principal vetor de dinamização da tecnologia, da cultura, das tradições e da economia local. O grande investimento humano, nesta paisagem de singular beleza, tornou possível a fixação das populações desde a longínqua ocupação romana, e dele resultou uma realidade viva e em evolução, ao mesmo tempo testemunho do passado e motor do futuro, solidamente ancorado na otimização dos recursos naturais e na preservação das ambiências. Esta relação íntima entre a atividade humana e a natureza permitiu criar um ecossistema de valor único, onde as características do terreno são aproveitadas de forma exemplar, com a modelação da paisagem em socalcos, preservando-a da erosão e permitindo o cultivo da vinha (Fig.72) (Wikipédia, 2015).



Figura 72\_ Vistas da Região Vinhateira do Alto Douro, *in* diário de Trás-os-Montes (2001).

#### 4.1.9.3 Artesanato

O Artesanato, desde os tempos em que o homem, deixou de ser nómada e passou a praticar um estilo de vida sedentária, esteve sempre presente. Inicialmente para armazenar bens, mas mais tarde nasceu também a vontade de embelezar. Desde uma evolução tecnológica contínua, até ao melhoramento da estética.

Infelizmente, existem zonas, em que as técnicas ficaram esquecidas no tempo e alguns tipos de artesanatos foram extintos. Hoje será dever dos responsáveis fazerem os possíveis no sentido do incentivo e recuperação das práticas artesanais, devolvendo, assim, o lugar que o artesanato merece. Para os artesãos, ou todas as pessoas fazedoras de produtos regionais, o maior obstáculo deve-se às dificuldades de escoamento dos seus artigos no mercado, motivo que os leva muitas vezes a desistir (Município de Mêda,2015).

“O concelho da Mêda constituiu, nas suas 11 freguesias, um verdadeiro painel onde se patenteia um artesanato variado e de qualidade. Entre os medenses há artistas de apreço e, como artistas que são, não repetem os seus objetos ou labores, recriando-os em cada momento” (Município de Mêda,2015).

Nas redondezas, nomeadamente na região de Mêda, existe ainda um artesanato variado (Fig.73) e com enorme qualidade, tal como a cestaria, na produção de cestos, capachos entre outros artigos duradouros; a marcenaria, na ornamentação e torneando colunas, frisos, onde se criavam ou reparavam móveis; a olaria, na criação de vasos, cântaros e outros; a sapataria na criação de sapatos, botas de atanado, chinelas e tamancos personalizados pelo cliente; a tecelagem, no fabrico de bordados, renda, colchas de linho, de tecidos variados e mantas de diferentes feitios e cores; a escultura, na criação de objetos e árvores irrepetíveis, de santos, bonecos entre outros; os produtos regionais, como a produção de queijo, de enchidos, azeite e azeitona de conserva; a cantonaria, com os famosos canteiros-artistas, que dominam a maneira de trabalhar o granito e tornam possível a criação de janelas, caixas de correio, sepulturas, varandas entre muitos outros elementos; a latoaria, no fabrico de utensílios domésticos e miniaturas, cântaros, caleiras, regadores, almotolias entre muitos outros; e a albardaria, que apenas se tem mantido devido ao atraso da mecanização agrícola (Município de Mêda,2015).



Figura 73\_ Tecelagem; Olaria; Latoaria; Cestaria (da esquerda para a direita), *in* MM (2015).

#### 4.1.9.4 Monumentos e Roteiros Turísticos

A riqueza patrimonial e histórica do concelho de Mêda, está implantada nos centros históricos, das localidades de Mêda, Longroiva, Ranhados, Casteição e a Aldeia histórica de marialva. Estes proporcionam um turismo importante para o concelho (Município de Mêda,2015).

Vale a pena visitar o centro histórico de Mêda, assim como, os interessantes monumentos existentes no concelho.

Daqui destaca-se o Castelo de Marialva, Castelo de Ranhados, Castelo de Longroiva, Ponte Romana de Longroiva, Castelo Melhor, Castelo Velho, Castelo de Numão, Igrejas, Museu do Vale do Côa, Quinta de Ervamoira, Termas de Longroiva, bem como os roteiros turísticos (Município de Mêda,2015).

Estes monumentos, bem como os roteiros turísticos poderão vir a coexistir em parceria com o futuro Parque Rural Côa rupestre. Integrando o Eco-parque nos vários guias e roteiros

disponíveis, de forma a promover as visitas e a permanência de turistas no Parque. Assim como criar até futuros protocolos entre várias empresas e entidades de modo que o turista obtenha informação e perceba de forma clara o potencial e a oferta tanto do Parque Rural Côa rupestre, bem como de todo o conjunto da região.

Dos roteiros turísticos destacam-se a Rota dos Castelos e Aldeias Históricas - Castelo Melhor, Almeida, Marialva, Trancoso, Penedono, Linhares da Beira e Castelo Rodrigo -; viagem de comboio pela linha do Tua; viagem de comboio pela linha do Douro - entre o Porto e o Pocinho, visita ao Alto Douro Vinhateiro, distinguido como Património Mundial (Município de Mêda,2015).

Estas rotas proporcionam não só um belíssimo contato com a natureza e mundo rural, mas também um contato com culturas alimentícias, como a amêndoa, cerejas, figos, nozes, avelãs, batatas, hortícolas, azeite e vinho. A festa das vindimas, realizada apenas durante os fins-de-semana de Setembro a Outubro de cada ano, proporciona igualmente ao turista experiências fantásticas com acesso a todos os métodos de produção do vinho, convívio e animação (Município de Mêda,2015).

#### **4.1.9.5 Pontos de Referência**

Afigura-se importante verificar e perceber quais os serviços essenciais na zona que podem complementar a inserção de toda a região, incluindo o Parque.

Destacando a zona como uma atração turística, informar o turista e proporcionar no que diz respeito ao bem-estar, é importante revelar a localização de infraestruturas relevantes para quem visita esta região. Bem como espaços de culto e conhecimento do património histórico e cultural.

Os principais pontos de referência e úteis a um projeto de turismo apresentam-se na Tabela 1.

Centro de Saúde da Mêda - Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral  
Centro de Saude de Foz-Côa - Av. da Misericórdia  
Hospital Sousa Martins - Guarda - Av. Rainha D. Amélia  
Bombeiros Voluntários Mêda - Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral  
Bombeiros Voluntários de Foz-Côa - Largo Bombeiros Voluntários  
Termas de Longroiva - Rua Corredoura, Longroiva

**Alojamento:**

**Casa do Rendondo (Turismo no Espaço Rural)** - Rua Dr. Eurico 6430-351 Rabaçal, Mêda. Tel. 271805346 | Mail@casadoredondo.pt | www.casadoredondo.pt  
**Quinta do Chão d'Ordem** - Estrada Nacional 102, 6430 - 071 Longroiva, Mêda. Tel 279762427; 966564285 | Henriques.chaodordem@gmail.com | www.chaodordem.com  
**Quinta de Navadau (Agro-Turismo)** - Estrada Nacional 324, 6430 - 1989 Longroiva, Mêda. Tel. 279859488 | Nadavau@piscosnet.com  
**A Casa Vermelha (Turismo de Habitação)** - Av. Gago Coutinho, nº3, 5150 - 610 Vila Nova de Foz Côa. Tel. 279765252; 966345978 | geral@casavermelha.com | www.casavermelha.com  
**Casas do Côro (Turismo Histórico e de Lazer)** - Largo do Côro, 6430 - 081, Marialva. Tel. 917552020 | Info@casasdocoro.com.pt | www.casasdocoro.com.pt  
**Albergaria Vale do Côa - Avenida Cidade Nova, 5150** - Vila Nova de Foz Côa. Tel. 279760010 | Informacoes@albergariavaledocoa.net  
**Pousada da Juventude de Foz Côa** - Caminho Vicinal Currauteles, 5 -5150, Vila Nova de Foz Côa. Tel. 279768190 | fozcoa@movijovem.pt  
**Residencial Marina** - Av. Gago Coutinho 4, 5150 - 619, Vila Nova de Foz Côa. Tel. 279762112  
**Hospedaria Mira Teja, Lda.** - Estrada Nacional 222, Horta 5255, Vila Nova de Foz Côa. Tel. 279779218 | www.hospedariamirateja.pai.pt  
**Pensão Novo Dia** - Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral, 457, 6430 - 183 Mêda. Tel. 279882203 | geral@pensaonovodia.com | www.pensaonovodia.com

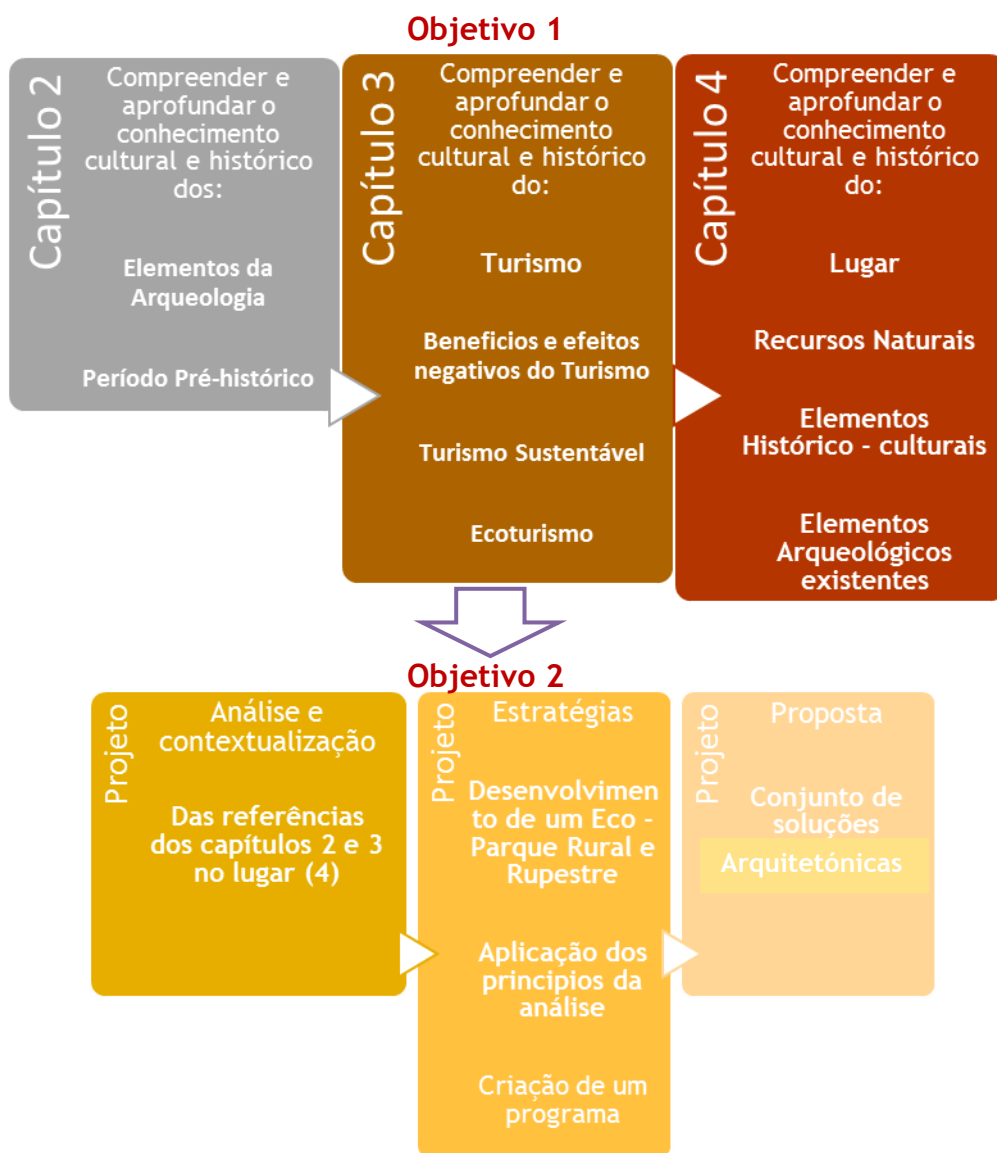
**Património, de acordo com o IGESPAR:**

Parque arqueológico do Vale do Côa;  
Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa, Castelo Melhor;  
Núcleo de Arte Rupestre Canada do Inferno, Vila Nova de Foz Côa;  
Núcleo de Arte Rupestre Ribeira dos Piscos - Muxagata;  
Núcleo de Arte Rupestre Fariseu - Muxagata;  
No Rasto dos Caçadores Paleolíticos - Algores e Almendra;  
Museu do Côa;  
Roteiros Turísticos/Culturais.

Tabela 1 - Principais pontos de referência úteis a um projeto de turismo na esfera do Parque Côa rupestre *in* Município de Mêda (2015).

## 4.2 Proposta de Intervenção

Tendo em conta que os objetivos desta dissertação são: compreender e aprofundar o conhecimento cultural histórico dos elementos de arqueologia, do período pré-histórico; dos elementos de turismo, turismo sustentável, e ecoturismo; bem como compreender e aprofundar o conhecimento do lugar, os recursos naturais e aspetos histórico-culturais; e traçar um conjunto de estratégias arquitetónicas que sejam capazes de contextualizar a compreensão cultural histórica e sustentável no local, para desenvolver um Eco-parque Rural Côa Rupestre que vise a uma riqueza rural e que estimule as práticas eco-sustentáveis, e envolvimento dos visitantes e cidadãos na prática da arqueologia. Então obtém-se seguinte progresso evolutivo de acordo com o apresentado na Figura 74.



Figura\_74 - Relação da estrutura do trabalho com os objetivos da presente dissertação

A primeira parte da dissertação (objetivo 1) foi realizada partindo de uma intensa pesquisa bibliográfica, recolha e tratamento de informação.

Mais tarde, desenvolveu-se o objetivo 2, contextualizando toda a informação pesquisada com fim a promover uma solução de fim arquitetónico que fosse ao encontro dos requisitos estudados para a criação de um Eco-parque rural rupestre.

Para isso era importante que este fornecesse não só um turismo consciente do mundo ambiental (natureza), mas também criar um turismo que proporciona-se a conjunção de uma prática ecoturista com uma componente particular da história humana. Um turismo capaz de criar experiências, conhecimentos (nomeadamente conhecimentos e práticas ecoturistas e

arqueológicas, tendo em principal destaque o período pré-histórico devido ao valor que este exerce nesta região) e revelações impulsionadoras a uma educação e comportamentos mais altruístas e contribuidores para o saber.

Daqui estrategicamente, tentou-se ir ao encontro deste objetivo, fornecendo soluções arquitetónicas, com espaços e infraestruturas que fornecessem o ambiente propício à prática do turismo sustentável e turismo cultural. Procurando também estudar o papel da arquitetura no que toca ao seu impacto nestas áreas.

#### **4.2.1 Análise**

Para o desenvolvimento das estratégias e da proposta de intervenção arquitetónica, foi necessário, para além do enquadramento teórico, realizar uma série de análises.

Desde aspetos conceptuais, a diferentes programas e ambientes que se podem criar neste espaço, aos materiais utilizados, ao impacto que as infraestruturas têm no espaço rural, as estratégias de implantação, as diferentes maneiras de composição formal de infraestruturas, e o modo como são utilizados os diversos elementos na organização espacial. Conjugando por fim esta análise, à área de estudo - o Eco-parque em Quintãs, com o intuito de compreender o potencial do parque e desenvolver um projeto arquitetónico, tentando otimizar e revolucionar o Eco-parque.

#### **4.2.2 Estratégias**

A primeira estratégia visa definir orientações específicas para a implantação dos novos espaços, que sejam capazes de desenvolver o Eco-parque.

A zona de intervenção foi escolhida após a caracterização e a análise ao lugar em questão (item 4.1). O objetivo da escolha destes lugares é proporcionar o renascimento dos testemunhos passados, conjuntamente com a vertente sustentável do Turismo, para que se possa desenvolver a regeneração cultural e revitalização económica, sustentável e social do lugar. Através do levantamento fotográfico em (anexo destacável, Fig.71 e Fig.75) e visita ao local do Eco-parque, foi elaborado um diagnóstico de possíveis locais a intervir.

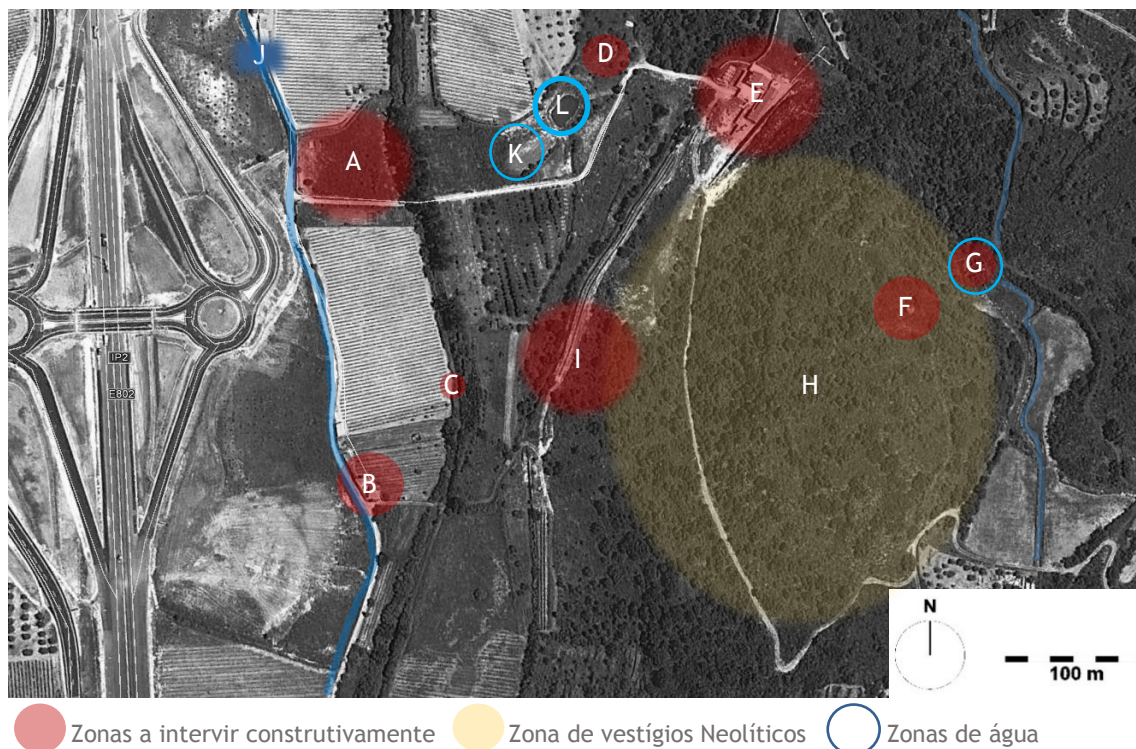


Figura75\_Esquema dos elementos e zonas de interesse - A (zona adjacente à entrada principal do parque), B (mina e tanque), C (arrumos), D (ruínas e antigo forno), E (edifício principal), F (Pombal), G (Mina de água), H (zona de vestígios neolíticos), I (zona para planeamento de habitações), J (ribeira), K (zona alagada), L (lagoa), (Ver figura 71) (a partir de Google Earth, 2015).

Estrategicamente foram escolhidos 2 locais diferentes para a proposta de implementação das novas infraestruturas, pretendendo contribuir para o alojamento turístico e emancipação de elementos culturais e sustentáveis. A escolha dos locais baseou-se em vários aspetos, nomeadamente dimensões do terreno, condições e estado do terreno, percursos, acessos, visibilidade e familiaridade com as infraestruturas já existentes.

Relativamente à análise dos percursos (Fig.76) conjuntamente com a análise dos elementos que compõem o terreno (Fig.75,76,78) estudaram-se os acessos acessíveis, e o tipo de acessibilidade entre culturas agrícolas, zonas de reserva (zonas do possível antigo povoado pré-histórico, Soares,2000), até à zona pedestre mais íngreme, perto do moinho de água.

Um dos objetivos é que estes espaços, juntamente com os já existentes, neste caso o centro de acolhimento (Fig.78) criem sinergias de promoção e desenvolvimento entre eles, fazendo destacar o Eco-parque.

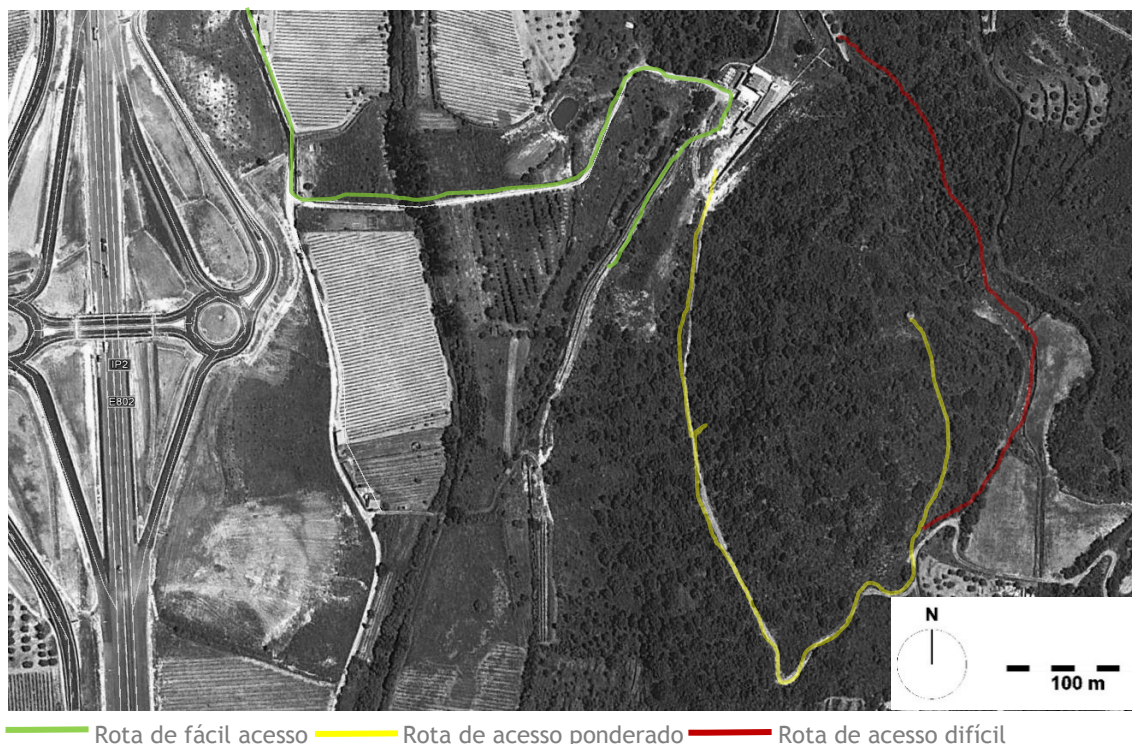


Figura76\_Esquema dos percursos do Eco-parque (a partir de Google Earth, 2015).

Aos espaços vazios que se encontram em ruínas, sugere-se que sejam reabilitados posteriormente, como é o caso do pombal, da mina, dos antigos arrumos, forno, e moinho de água (Fig.71), para edifícios de auxílio à atividade agrícola ou até mesmo por uma questão de preservação patrimonial. Sugere-se também uma futura infraestrutura, que sirva de apoio às atividades arqueológicas experimentais (ver item 2.1.3), onde poderá ser implementado um museu, um laboratório de investigação de peças arcaicas e um auditório para eventuais palestras e passagem filmográficas. E sugere-se também (das ideias de vários colegas e intervenientes teóricos passados neste processo), espaços dedicados à construção de umas Eco-termas, circuitos de água, como canais, lagos e piscinas (devido ao local revelar um elevado potencial em recursos híbridos subterrâneos, inclusive, geotérmicos, havendo a possibilidade de, com alguns estudos, localizar uma captação que possibilite a obtenção de água quente natural 40°C); zonas desportivas, com a criação de um campo de futebol, corte de ténis, piscina, pista de manutenção e campos de mini-golfe; criar circuitos interativos para pedestres, circuitos para animais domésticos (burro, auroque, cavalo), de modo a visitar os espaços existentes ou outros vizinhos; e zona para realizar os jogos tradicionais da região e já esquecidos - malha, puxar a corda em grupos, corridas de burros, entre outros -, bem como outros de características modernas - como a criação de uma pista para corridas de carros telecomandados, em miniatura.

### 4.2.3. Estratégia programática para a criação das infraestruturas do Eco-parque Côa Rupestre.

A definição do programa, baseou-se na visita ao local (Fig.77 e levantamento fotográfico em anexo destacável) análise ao lugar e conhecimentos obtidos das análises dos itens 2 (elementos de arqueologia), 3 (elementos do turismo) e 4.1 (enquadramento do local e recursos existentes).



Figura77\_Vista parcial do Eco-parque (autor, 2015).

Os aspetos a ter em conta na escolha dos locais de intervenção foram a dimensão do terreno, a proximidade aos outros já existentes edifícios do terreno, e ironicamente às vistas, onde um dos locais pretende ver e o outro pretende ser visto (Fig.78).

O local que pretende “ver” será um acampamento rupestre, com alojamentos turísticos sustentáveis. A zona de implantação deste acampamento será numa zona plana, implementada num terreno íngreme, que se completa com uma extraordinária paisagem direcionada a Oeste (Fig.79)

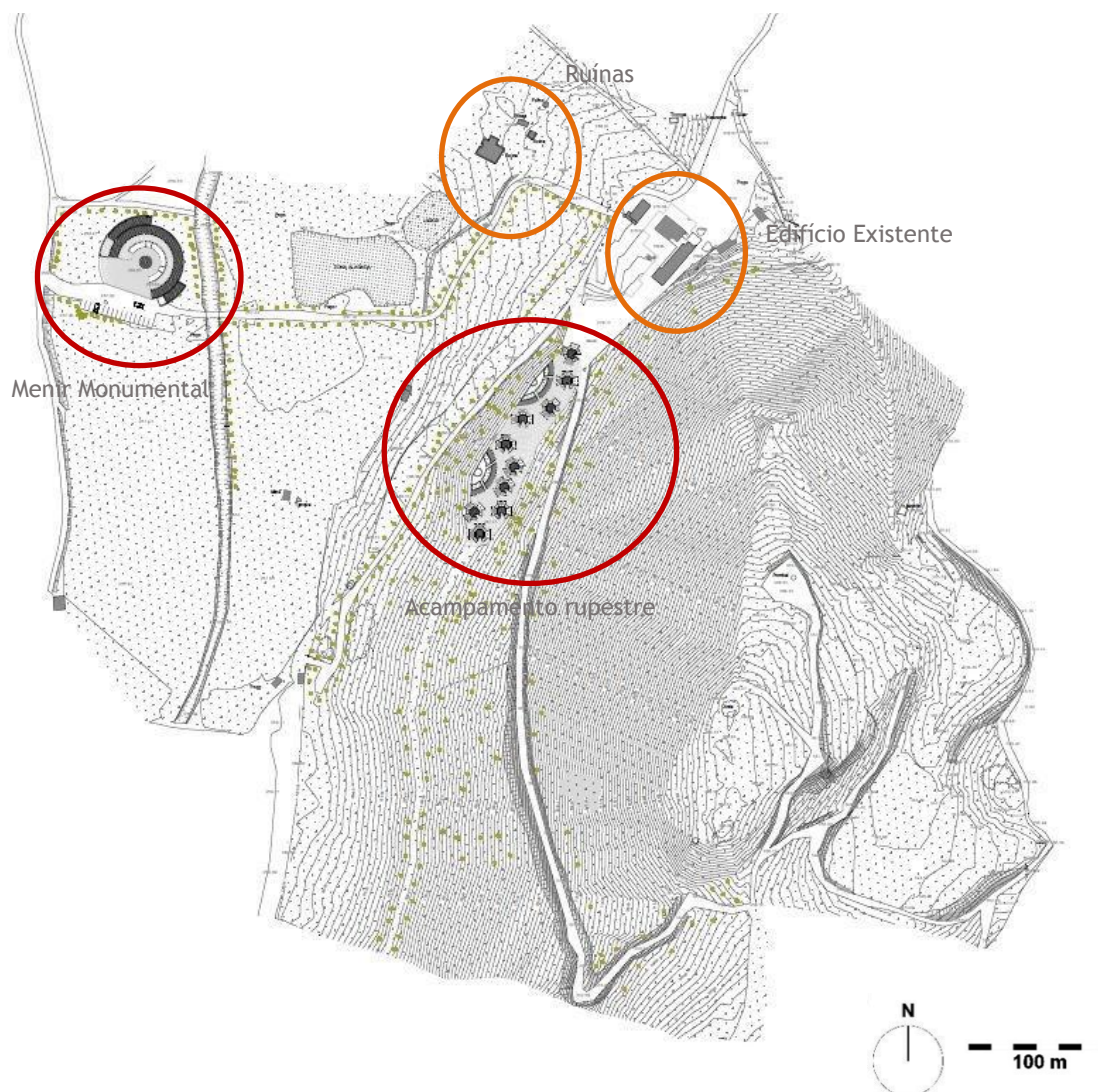


Figura78 \_ Implantação da proposta do Ecoparque Côa Rupestre, *in* anexos (autor,2015).

Este acampamento pretende elogiar a história envolvente devido ao Parque arqueológico do Vale do Côa e aos vestígios neolíticos encontrados no local do Eco-parque. O objetivo deste acampamento rupestre é transportar aos visitantes experiências sensitivas que aludam ao tempo rupestre, e através deste tipo de experiências os visitantes se sintam estimulados a perceber e a descobrir mais sobre esta cultura

Aqui os próprios visitantes poderão ser escavadores e arqueólogos amadores. O que perfaz não só na participação da explicação da sequência dos descobrimentos e interpretações arqueológicas, mas também fazer parte de uma “arqueologia experimental”. Um dos ramos principais da disciplina da arqueologia, é a criação de “aldeias fictícias”, para explorar diferentes técnicas, desde construção de casas, à agricultura, à criação de animais, ao armazenamento, até à produção de cerâmica e utensílios de pedra ou artigos metálicos (Coles,1979).



Figura79\_Vista parcial da paisagem do local onde será implantado o acampamento rupestre (autor, 2015).

As observações presentes não podem provar com absoluta certeza seja o que for acerca do passado. Mas, as informações limitadas que estas experiências fornecem são, ainda assim, estimulantes e úteis.

Pretende-se também, de forma a elogiar o surgimento da sedentarização e das aldeias rupestres, a criação de um monumental menir, onde serão colocados animais (alguns desses em extinção como o auroque e a cabra montesa). Este será implantado num local que fique exposto e chamativo com a intenção de ser visto. Por exemplo ser visto do itinerário E.N. 102 e IP2. Devido ao tipo de programa que se pretende nesta estrutura, procurou-se um terreno plano e de fácil acesso (Fig.80).

Deste modo procurou-se que as infraestruturas, proporcionassem funções de lazer e culturais. Outro passo a definir no programa foi no estabelecimento de um desenvolvimento de um sistema educacional na vertente da defesa ambiental. Este é um tributo, pois, para além de formar e desenvolver o eco parque, também fomenta a capacidade de sustento e capacidade de fixar trabalhadores.



Figura 80\_Vista do local onde será implantado o Monumental Menir (autor, 2015).

Sendo assim o programa apresenta-se subdividido pelo acampamento rupestre e monumental menir.

O acampamento rupestre apresenta-se mais detalhadamente em anexo destacável, mas na figura 84, onde se apresenta a implantação do acampamento rupestre, o acampamento rupestre do Eco-parque em Quintãs inclui os seguintes elementos:

- 10 bungalows
- zonas hortícolas
- Espelhos de água, perto da zona hortícola que servirá para embelezar e dar auxílio à rega da horta
- Zonas de “Madeiro”<sup>67</sup> sociais, um local público com o objetivo de estimular a comunicação, convívio e experiências rupestres.

1 Bungalows inclui:

---

<sup>67</sup> *Madeiros*, são grandes fogueiras que se acendem no centro da aldeia, na praça principal. Nas noites em que se acende o madeiro as pessoas reúnem-se à volta da fogueira para socializar. A tradição do madeiro tem origem nos cultos pagãos, na celebração do solstício de Inverno, em que se acendiam enormes fogueiras ao ar livre.

- 1 Sala /cozinha
- 1 Instalação sanitária
- 2 Quartos

O Monumental Menir inclui:

- 1 Menir (uma pedra de forma arcaica com 20 metros de altura em pedra maciça, de uma pedreira local)
- Boxes (zona de descanso dos animais)
- Percurso interativo entre o Menir e as Boxes
- Clínica veterinária
- Gabinete veterinário
- Duche para os animais
- Armazém para palhas/fenos e rações

#### 4.2.4 Criação de um sistema para o desenvolvimento das propostas

A ideia base, residiu na utilização de um sistema conceptual para a composição formal das infraestruturas, esta ideia base partiu da impressão digital (Fig.81).

Após analisadas as linhas vinícolas, uma das componentes paisagísticas que compõem a região (ver item 4.1.4.3), pude constatar que se equiparam a impressões digitais, impressas e criadas pela mão humana, e que ficaram registadas no sistema formal desta região.



Figura 81\_Impressão digital, vista aérea de uma vinha vinícola do Douro, *in* IGESPAR, (2010).

No Eco-parque em Quintãs, por outrora também por lá passaram mãos que marcaram o desenvolvimento da humanidade, simplesmente as impressões digitais estão apagadas e escondidas. Cabe agora nesta proposta reviver essas impressões e dar a conhecer as práticas que em outrora pertenceram a uma comunidade e ir ao encontro do entendimento delas e até de nós próprios.

A partir daqui a criação dos espaços baseou-se neste conceito. O conceito de descobrir todas as impressões humanas já passadas neste local, levando ao entendimento do passado, reflexão e incentivo na proteção, tanto dos dados históricos, como de toda a base humana- a natureza.

Destacando também os materiais da zona como o xisto e cortiça que assume destaque no revestimento das estruturas.

Refletindo sobre o conceito das linhas vinhateiras, que fazem lembrar a impressão digital de todo o empenho da mão humana a demarcar a sua implementação na natureza, surge o seguinte esquema conceptual da figura 82. Este esquema representa as linhas formais de todo o projeto implementado nesta dissertação.



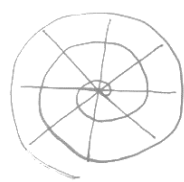
Figura\_82 Síntese do esquema conceptual dos edifícios a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor, 2015).

#### 4.2.4.1 O acampamento rupestre

Como referido no item (2.2.5.2) - Da Construção primitiva à arquitetura, Le corbusier afirma *“Olhe para o desenho deste tipo de cabana num livro de arqueologia: aqui está a planta de uma casa, a planta de um templo. É exatamente a mesma atitude que podes encontrar numa simples casa ou num templo de luxo (...). Não existe esta coisa chamada “homem primitivo”, existem apenas meios primitivos.”*

Desde os primórdios, que o abrigo sempre fez por estar presente na consciência humana. A cabana, devido da técnica aplicada à construção e o desenvolvimento relacionou-se fortemente com a Natureza. Esta influenciou o aprendizado empírico durante a prática construtiva.

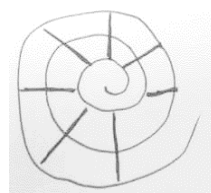
Na conceção do projeto, também todo o conteúdo prévio realizado nesta dissertação foi de extrema importância, desde a forma conceptual, materiais, até à composição formal (Fig.83).



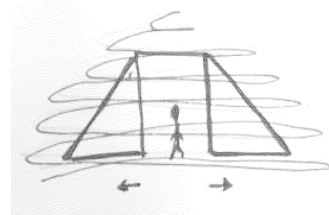
Planta



Alçado/Corte



Planta



Alçado/Corte

Figura 83\_ Síntese do esquema conceptual do alojamento do acampamento rupestre, a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor,2015).

O objetivo do acampamento é que os visitantes usufruam deste eco-paquete não só pelas vistas fantásticas mas também pela oportunidade de experimentar um estilo de turismo ético, tanto para com a natureza, tanto para com a envolvente histórica.

O acampamento como se poderá visualizar na implantação (Fig.84) cederá espaços de lazer, espaços hortícolas, e ainda espaços para medeiros<sup>68</sup> que servirão de mote a um estilo de vida muito semelhante à dos nossos antepassados. Incorporando ainda os espelhos de água, que elogiam os recursos naturais do local e são uma ajuda às regas hortícolas.

Interiormente cada um dos bungalows, como já referido no programa, será constituído por 1 sala/cozinha, 1 instalação sanitária, e 2 quartos.(Fig.85 e 86). Excluindo um dos bungalows que será o bungalow do “Chefe”, este será referência à hierarquia que geralmente se forma nas acampamentos e fisicamente será mais imponente que os bungalows adjacentes. No entanto este bungalow interiormente será um espaço, no centro do acampamento, para serviços ou atividades comuns da comunidade que aqui vier a pernoitar. Salientando que neste bungalow será possível o acesso à cobertura e assim permitir mais um ponto no eco-parque para vislumbrar toda a paisagem envolvente ou vislumbrar os acontecimentos astronómicos durante a noite.

---

<sup>68</sup> *Madeiras*, são grandes fogueiras que se acendem no centro da aldeia, na praça principal. Nas noites em que se acende o madeiro as pessoas reúnem-se à volta da fogueira para socializar. A tradição do madeiro tem origem nos cultos pagãos, na celebração do solstício de Inverno, em que se acendiam enormes fogueiras ao ar livre.

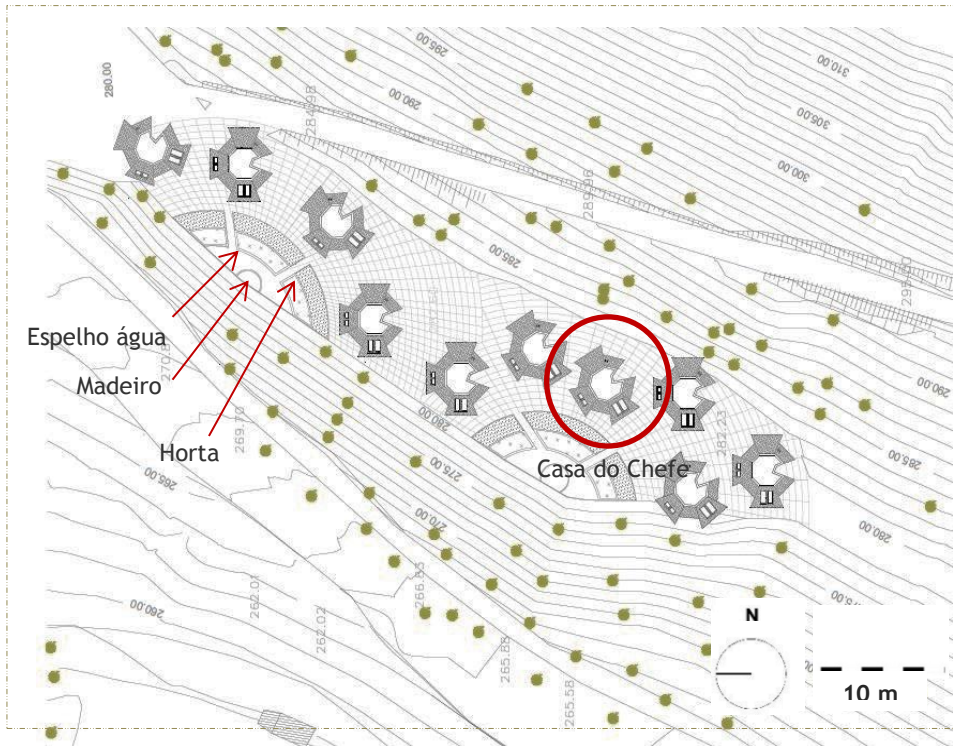


Figura 84 \_ Implantação do acampamento rupestre no Eco-parque Côa Rupestre, *in anexos* (autor,2015)

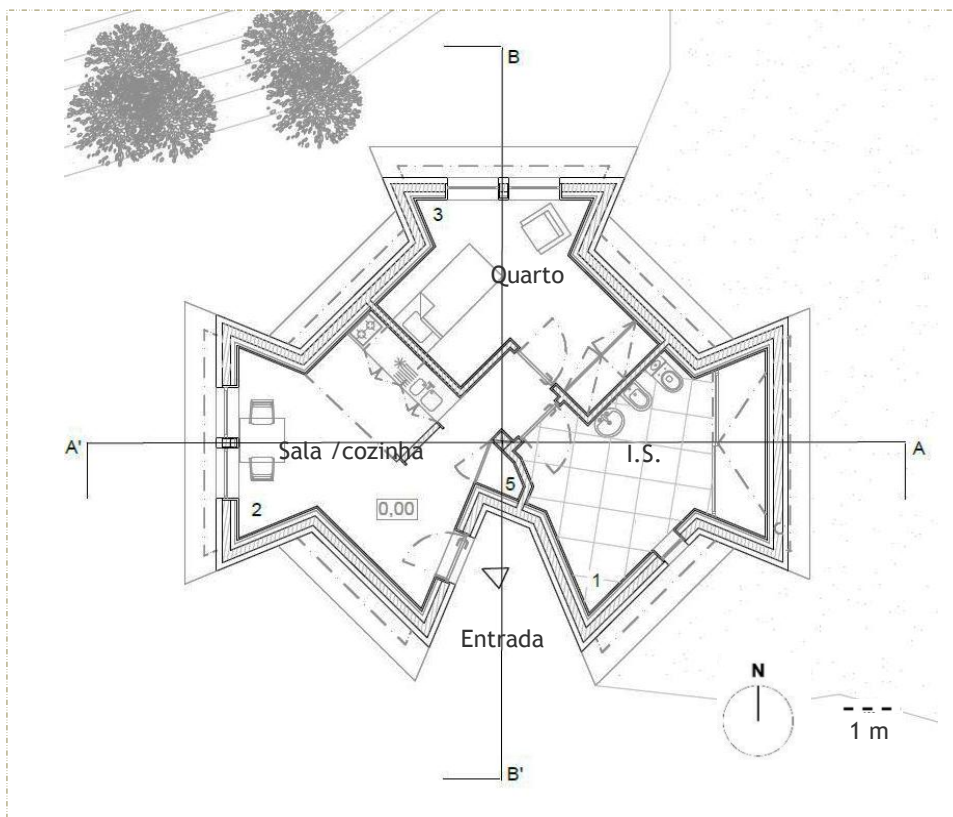


Figura \_85 Implantação de um dos bungalows no acampamento rupestre, *in anexos* (autor,2015)

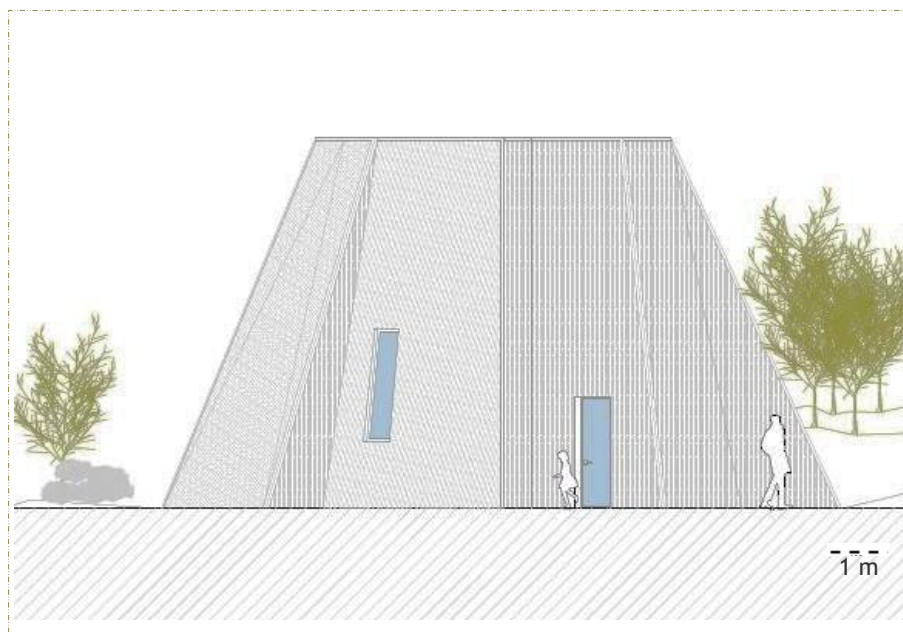
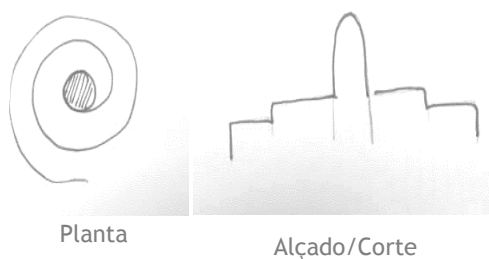


Figura 86\_ Alçado de um dos bungalows no acampamento rupestre, *in anexos* (autor, 2015).

#### 4.2.4.2 O Monumental Menir

A proposta do monumental menir, resulta conceptualmente e formalmente do estudo teórico prévio realizado nesta dissertação, bem como da análise do lugar e região (Fig.87).



Planta

Alçado/Corte

Figura 87\_ Síntese do esquema conceptual do Monumental Menir, a partir do conceito da impressão digital e linhas vinícolas (autor, 2015).

A proposta foi desenvolvida tendo em conta os fatores como a escala do objeto, a sua integração, relação com a envolvente, a articulação deste com a complexidade do programa e as condicionantes e limitações existenciais.

O termo “ megalítico”, vem do grego “ pedra grande”. A forma mais simples do megalítico é a apresentação de uma única pedra em pé, conectada por vezes com o termo “menir”. Na Europa os menires estão muitas vezes dispostos em alinhamentos de acordo com fenómenos astronómicos.

O Menir, é um marco importantíssimo das primeiras bases religiosas dos povos, que aos poucos começaram a ser ativos na produção. Presume-se que era nos Menires, que as pessoas meditavam e erigiam as suas esperanças. E de alguma forma, a partir desta esperança e fé, começaram a erguer a cultura agrícola, sedentarização, a domesticar animais bem como a criação das primeiras comunidades. Os animais foram uma importante ferramenta no exercício agrícola e é por essa memória, que este Monumental Menir para além da implantação de um Menir vai também elogiar os animais que fizeram parte da evolução histórica da humanidade.

Este monumental menir vai permitir não só o vislumbre de animais como o auroque, a cabra montesa, e outros (animais alguns deles em fase quase de extinção) (Fig.88), mas também fazer um elogio à grande peça central - o menir, uma das formas arcaicas da arquitetura (Fig.89 e 90). Para além de que este será um precursor na criação de serviços, desde um centro cultural, até serviços veterinários.



Figura 88\_ O auroque, e cabras de montanha, e a cabra montesa no centro (a partir CR,2015).

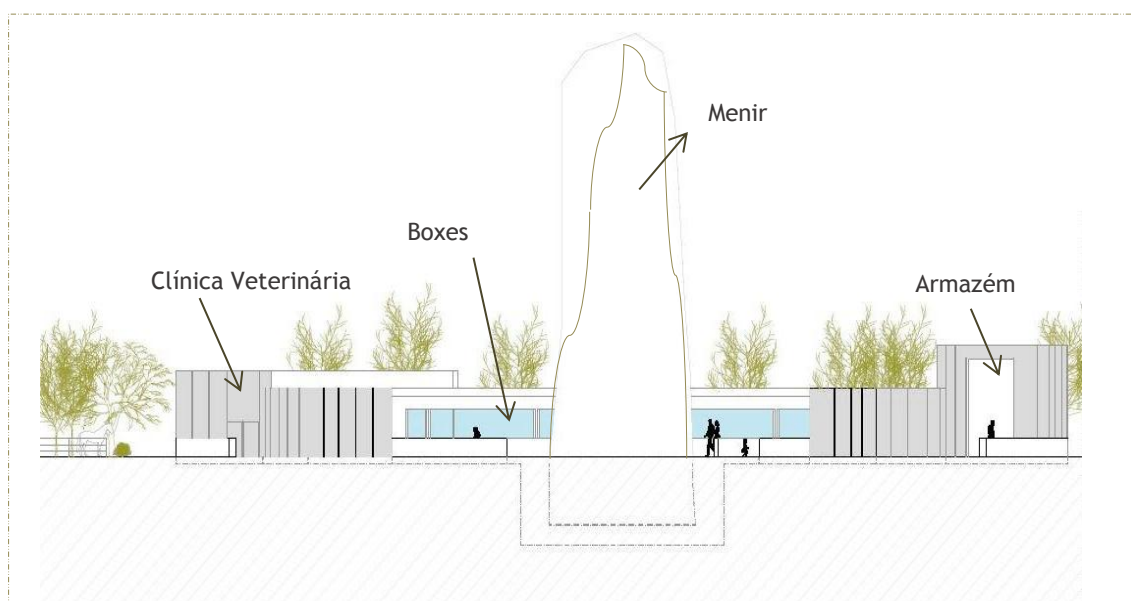


Figura 89\_ Alçado Frontal do monumental menir, in anexos (autor,2015),sem escala.

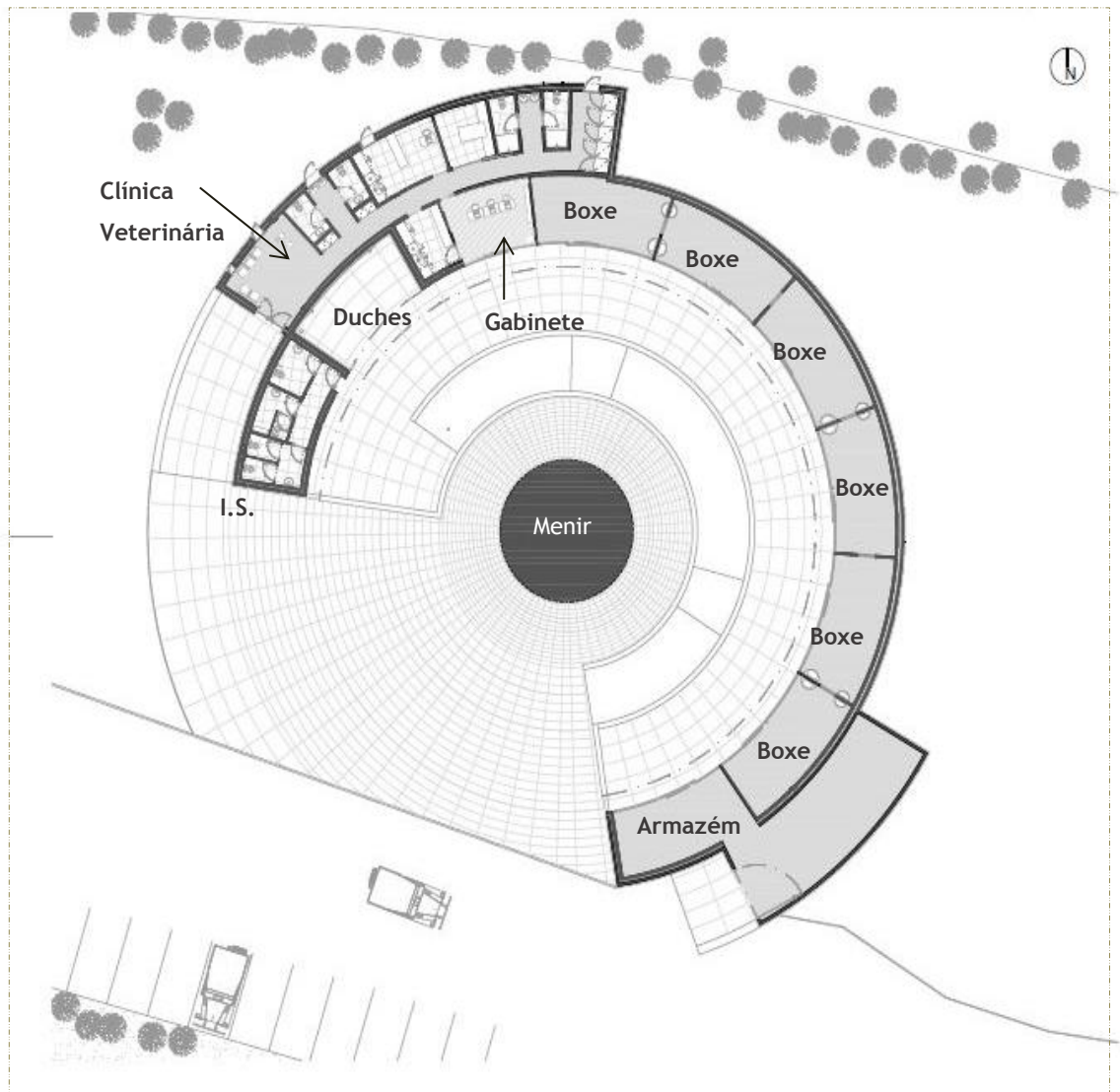


Figura90\_ Implantação do monumental menir, *in* anexos (autor,2015).



## CAPITULO 5 - CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos elementos da Arqueologia, serviu nesta dissertação como ponto de partida na reflexão acerca do atual Eco-parque.

Os processos interpretativos, geraram as influências nas formas da criação e difusão cultural e importância ambiental.

Por vezes a informação está mesmo debaixo dos nossos olhos, mas permanece invisível. Por esta razão este projeto foi extremamente gratificante para mim; conceber um espaço que possa estimular a observação, o saber e a reviver as memórias perdidas.

Assim, com a presente proposta, nomeadamente salientam-se as principais conclusões:

- a zona de implantação do Eco-parque Côa Rupestre, no concelho de Mêda e junto ao concelho de Vila Nova de Foz Côa, apresenta-se com uma tendência de despovoamento acentuado;
- o facto do surgimento duplo do património mundial nesta região, não só pelo Douro Vinhateiro, como pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa, é uma oportunidade de renovação na região;
- a abertura sistemática de visitas aos vários núcleos de gravuras rupestres, como ainda a construção do especial museu do Côa, no entanto é importante que outras propostas surjam para a região, pois só em complemento umas das outras, se entende que a região poderá dar o salto;
- iniciativas privadas devem surgir e o Eco-parque Côa Rupestre poderá ser uma delas se se harmonizar de acordo com os princípios da arqueologia e do ecoturismo, em simultâneo com outros recursos da região e do local,
- neste sentido a presente proposta corresponde à introdução no Eco-parque de 2 elementos principais:
  - i) o acampamento rupestre, no sentido de ser o auxiliador à estadia neste Eco-parque, que valoriza a arquitetura primitiva, na sua forma e ordem, bem como a educação a práticas sustentáveis.
  - ii) o monumental menir, no sentido de ser um espaço visitável e frequentado pelo público em geral, é constituído por espaços dedicados aos animais interligados com o tema da área, ao elogio do menir, e serviços veterinários.

Este espaço será uma homenagem aos homens do outro tempo, com o menir, às gravuras de Foz-Côa com a implantação de espaços com os principais animais (auroque, cabra montesa ...), além de alguns painéis de gravuras que se poderão fazer no próprio xisto do menir com réplicas a fazer apoio à arte arqueológica, e ainda uma homenagem especial ao xisto de Foz Côa, que permite retirar da pedreira elementos com comprimentos, como é difícil em qualquer parte do mundo.

A partir da memória descritiva e Justificativa, apresentada em Anexo Destacável, apresentam-se os elementos de desenho detalhando da presente proposta.

Como perspectivas para o futuro, espera-se que este projeto se venha a concretizar, pois num todo, sem qualquer dúvida, acredita-se que juntando todas as valências do local, será um espaço singular pela positiva e único no mundo.

## Referências Bibliográficas

- AITKEN, M.J. (1990), *Science- based Dating in Archaeology*, Londres e Nova Iorque, Longman, 274 p.
- ALMEIDA, J. (1972) *História da Arte*, Portugal- Brasil, Lisboa, 227 p.
- ANTUNES A.P. M. (2012), *O Ecoturismo como Valorização do Território-Contributos para o Aumento da Oferta Turística Existente na Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Ciências sociais e Humanas. Lisboa,2012, 140 p.
- ARRUDA, J.J.A. (1993), *História antiga e medieval*, 16ªed. São Paulo, Editora Ática, 528 p.
- ARSUAGA, J. L. (2001). *El enigma de la esfinge: las causas, el curso y el propósito de la evolución*. Barcelona, Plaza & Janés Editores, S. A. Col. Areté, 470 p.
- BAHN, P.G. (ed.) (1995), *The Story of Archaeology, 100 Great Discoveries*, Nova Iorque, Barnes & Noble/Londres, Weidenfeld e Nicolson, 256 p.
- BAHN, P.G. (ed.) (1996), *Archaeology - A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 118 p.
- BAPTISTA, M. (1997), *Turismo, competitividade sustentável*, Lisboa, Editorial Verso. Volume 3
- BARKER, P. (1993), *Techniques of Archaeological Excavation*, Londres, Bats ford/Nova Iorque, Humanities Press, 285 p.
- BARROSO CRUZ C. & CUNHA E. (2007), *Os vestígios humanos do Paleolítico português: revisão bibliográfica e análise dos dados*. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra. Portugal 2007, pp. 75-93.
- BENEVOLO L. (1993), *História da Cidade*. São Paulo, Editora Perspectiva 1993, 798 p.
- BICHO, N. F. (2006). *Manual de arqueologia pré-histórica*. Lisboa, Edições 70, 552 p.
- BRITO, S.P. (2003), *Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*, Lisboa, Medialivros, Actividades Editoriais S.A
- CANDEAN (2010), "Áreas Etnoarqueológicas", Governo de Espanha, site: <http://areasetnoarqueologicas.vigo.org/candean#infografias>, visitado em Agosto de 2015.
- CARDOSO J.L. (2002). *Pré-história de Portugal*. Lisboa, Editorial Verbo,nºp.456.
- CARVALHO B. (2011). *A História da Arquitetura*. Edições de ouro.
- COELHO FERREIRA, P. J.; FERREIRA GOMES, L. M.; OLIVEIRA, A. SC.; CARVALHO, P. E. M. (2015), *Contribution to the knowledge of the geothermal potential of the Municipality of Meda (Portugal) Proceedings World Geothermal Congress 2015*, Horne, R and Boyd, T. AGEA, Australian Geothermal Energy Association - IGA, International Geothermal Association - New Zealand Geothermal Association - AGEA, Australian, Australia-New Zealand 19-24 April. (s/n)p.
- COLES, J.M. (1979), *Experimental Archaeology*, Academic Press, Londres e Nova Iorque, 275 p.

- CR** (2015), *Projeto Eco-parque Cõa Rupestre*, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Cõa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., (s/n)p.
- CUNHA, L.** (1997), *Economia e Política do Turismo*, Editora Sustentável, Lisboa Editorial Verso, Alfragide, 350 p.
- CUNHA-RIBEIRO, J. P.** (1990). *A Pré-história*. In: Serrão, J.; Marques, A. H. O. (eds). *Nova História de Portugal*. Lisboa, Presença, pp.17-74.
- DARK, K.R.** (1995), *Theoretical Archaeology*, Londres, Duckworth, 246 p.
- DINIS S. M.** (2005), *O Ecoturismo: um instrumento para o desenvolvimento sustentável*. Universidade técnica de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão, 117 p.
- DOMINGUES, C.M.** (1997), *Prontuário Turístico*, Lisboa, Instituto Nacional de Formação Turística.
- FAGAN, B.** (1995), *Time detectives: How archaeologists use technology to recapture the past*, Nova Iorque, Simon & Schuster Publisher, 288 p.
- FAGAN, B.** (1996), *The Oxford Companion to Archaeology*, Nova Iorque, Free Press, 844 p.
- FCFA** (2011), *Vale do Douro: Fauna e Flora*, Foz Cõa Friends Associação, site: <http://fozcoafriends.blogspot.pt/2011/12/vale-do-douro-fauna-e-flora.html>, visitado em setembro de 2015.
- FENNEL D.** (2003). *Ecotourism: An introduction*, London, Routledge, 1ªed. 1999.
- FRAMPTON K.** (1996). *Studies in Tectonic Culture. The Poetics of Construction in the Nineteenth and twentieth Century Architecture*. The MIT Press 2ªed.
- FUNDAÇÃO COA PARQUE** (2010), *Fundação*, Fundação Cõa Parque, site: <http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gestao&SubPage=Fundacao>, visitado em Agosto de 2015.
- GEOPORTALSIGAMCB** (2015), *Município de Mêda, Plano Diretor Municipal*. GEO Portal, site: <http://sig.amcb.pt/meda-pdm.html>, visitado em setembro de 2015.
- GEOTIC** (2010), *Atividade sísmica quaternária da falha da Vilariça (NE Portugal): Resultados preliminares de um estudo paleossismológico*. GEOTIC- sociedade geológica de Portugal, VIII Congresso Nacional de Geologia. Revista eletrónica de Ciências da Terra Geociências online jornal, site: [https://www.researchgate.net/profile/Paula\\_Marques\\_Figueiredo/publication/258517847\\_Quaternary\\_seismic\\_activity\\_of\\_the\\_Vilarica\\_fault\\_NE\\_Portugal\\_Preliminary\\_results\\_of\\_a\\_paleoseismological\\_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Paula_Marques_Figueiredo/publication/258517847_Quaternary_seismic_activity_of_the_Vilarica_fault_NE_Portugal_Preliminary_results_of_a_paleoseismological_study/links/00b495288af5cd4633000000.pdf), visitado em setembro de 2015, 4 p.
- GOULD, S.J.** (1999), *Darwin e os grandes enigmas da vida*, Martins Fontes, 274 p.
- GOUTIA, F.** (1992), *Breve história do Urbanismo*. Editorial Presença, 226 p.
- GREEN, E.L.** (1984), *Ethics and Values in Archaeology*, Nova Iorque, Free Press.
- HORIZON** (2014), *Horizon 2020*, site: [http://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/sites/horizon2020/files/H2020\\_PT\\_KI0213413PTN.pdf](http://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/sites/horizon2020/files/H2020_PT_KI0213413PTN.pdf), visitado em Julho de 2015.

**IGESPAR** (2015), *Património Cultural, direção - geral do património cultural*, Ministério da Cultura, Lisboa, site: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/323273/>, visitado em setembro de 2015.

**INGRID** (2007), *Mais sobre a cabana primitiva*, Habitação, site: <http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/mais-sobre-cabana-primitiva.html>, visitado em Julho de 2015.

**INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS** (2015), site: <http://www.icnf.pt/portal>, visitado em Dezembro de 2015.

**IPMA** (2015), *Elementos climatéricos*. Instituto Português do Mar e da Atmosfera, Ministério da Agricultura e do Mar, Lisboa, site: <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.localidade/?localID=9&cidadeID=10>, visitado em setembro de 2015.

**JORGE, V. O.** (1987), *Projetar o passado*, Editorial Presença Lda., 277 p.

**JORGE V.O. & JORGE S.O.** (1991), *Incursões na pré-história*. Fundação Engenheiro António de Almeida, 398 p.

**KHAN, L.** (1996), *Silente et Lumière*. Paris, edition du Lintéau.

**LLERA, R.** (2006), *O antropólogo ateu. Antropologia Social*. Vol 14. Lisboa, Tinta da China.

**LOBO S. L.M.** (2012), *Arquitetura e Turismo: Planos e Projetos- As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª república á democracia- parte 1. Teoria e História*. Universidade de Coimbra, 372 p.

**LOPES J. da C.** (2003). *Ecodesenvolvimento, Geografia do Ambiente e Turismo - Textos Gerais Superiores*, Viana do Castelo, Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo.

**MASSARA B.** (2002), *Conceitos sobre arquitetura primitiva e derivações*. Textos históricos. Artigo online, site: [http://www.territorios.org/teoria/H\\_C\\_primitiva.html](http://www.territorios.org/teoria/H_C_primitiva.html), visitado em Julho de 2015.

**MCEVEDY, C.** (1990), *Atlas da História Moderna*. Verbo.

**MCINTOSH, J.** (1986), *The Archaeologist's Handbook*, HarperCollins Publishers Ltd., Londres, 192 p.

**MORAIS M.P.** (2010), *As estruturas nas geometrias das coberturas arquitetónicas*. Arquitetura e urbanismo, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 130 p.

**MUNICIPIO DE MEDA** (2015), *Município de Mêda / Descobrir Mêda*, Municipio de Mêda, site: <http://cm-meda.pt/>, visitado em Setembro de 2015

**NAVARRO R.F.** (2006), *A Evolução dos Materiais, parte 1: da Pré-história ao Início da Era Moderna*. Revista de Materiais e Processos, V.1. 1. Departamento de Engenharia de Materiais, Universidade Federal Campina Grande, Av. Aprício Veloso, Campina Grande, pp. 01-11.

**OLIVEIRA T.B.** (2011), *Pré-história II, Estudos para a arqueologia de Paraíba*, site: [http://mhn.uepb.edu.br/Livros/pre-historiaii\\_isbn978-85-99619-32-2.pdf](http://mhn.uepb.edu.br/Livros/pre-historiaii_isbn978-85-99619-32-2.pdf), visitado em Julho de 2015, 132 p.

- OLIVEIRA A. C. L. & MATHEUS F. S. & SANTOS R. P. & BRESSAN T. V. (2010),** *Ecoturismo, Cadernos de Educação Ambiental*. Governo do Estado de São Paulo, secretaria do meio ambiente. Fundação Florestal.
- OMT (2004).** *Faits Saillants du Tourisme, Madrid, Organisation Mondiale du Tourisme*, <http://www.world-tourism.org>
- PAVC, (s/d),** *Parque Arqueológico do Vale do Côa, Foz Côa*. Um concelho, dois patrimónios mundiais, site: <http://cm-meda.pt/>, visitado em Setembro de 2015.
- PÈREZ-GOMES A. (1997).** *Architectural Representation and the perspective hinge*. Cambridge MIT Press.
- PORTAL DO AMBIENTE E DO CIDADADÃO (2015),** site: <http://ambiente.maiadigital.pt/>, visitado em Dezembro de 2015.
- PROENÇA CUNHA P. & INSUA PEREIRA D. (2000),** *Evolução cenezóica da área de Longroiva-Vilariça (NE Portugal)*, Grupo de estudos dos ambientes sedimentares; Centro de Geociências da Univ. Coimbra; Departamento de Ciências da Terra, Univ. Coimbra; Centro de Ciências do Ambiente/Ciências da Terra, Univ. do Minho. Campus de Gualtar, Braga. pp.89-98.
- RAMOS, R. (1994)** *A segunda fundação*, Mattoso, vol6, Lisboa, Editora Estampa, 683 p.
- RAPOSO, L. (1993).** *O Paleolítico*. In: Medina, J. (ed.). *História de Portugal*. Vol. 1. Amadora, Ediclube.
- RIBEIRO, M. (2007),** *Arqueologia das práticas mortuárias*. Alameda, 194 p.
- ROTH, L. M. (2009),** *Understanding Architecture: Its Elements, History, and Meaning* Westview Press, 816 p.
- SOARES A. M. (2000),** *Vestígios arqueológicos no Alto da Lamigueira, Mêda*. Instituto Português da Arqueologia. Ministério da Cultura, Lisboa, 1p.
- SOCIEDADE TURISMO INTERNACIONAL (1991),** site: <http://www.ecotourism.org/ties-overview>, visitado em Novembro de 2015.
- TRIGGER, B. (1989),** *A History of Archaeological Thought*. Cambridge University Press, 500 p.
- TURISMO DE PORTUGAL (2015),** *Barómetro de Conjuntura 2015/16- Estabelecimentos Hoteleiros, Aldeamentos e Apartamentos Turísticos*. Turismo de Portugal, IP, nºp.14, site : <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ProTurismo/estat%C3%ADsticas/barometrosdeconjuntura/Documents/Bar%C3%B3metro%20de%20Conjuntura%20inv%202015-16%20-%20Est.%20Hoteleiros,%20Aldeam.%20e%20Apartam.%20Tur%C3%ADsticos.pdf>, visitado em Agosto de 2015.
- WARSCHAID, T. (2008),** *Conservation*, The New York Times Press.
- WEAVER, D. (2001),** *Ecotourism*, Milton, John Wiley & Sons Australia Ltd.
- WEIMER G. (2014),** *Evolução da Arquitetura Indígena*, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 19 p.
- WEIR, J. (2009),** *Max Planck: Revolutionary Physicist*, Capstone, 40 p.

**WIKIPEDIA** (2015), *Wikipédia. A enciclopédia livre*, site:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal), visitado em Setembro de 2015.